Rua Passos Manuel (1877-1927)

Análise Morfológica

Ana Lúcia Monteiro Ilá Eiras

ORIENTADORA
PROFESSORA DOUTORA ANNI GÜNTHER NONELL

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Agradecimentos

Aos meus pais e irmã

A todos os meus amigos, em geral, que me estimularam e apoiaram no meu percurso académico e, em particular agradeço à Daniela Sá toda a solidariedade e apoio crítico durante a elaboração deste trabalho

À Professora Anni Günther Nonell, orientadora deste trabalho

Rua Passos Manuel (1877-1927)
Análise Morfológica

Índice

Resumo/Abstract 3
Introdução 7

1. Contexto urbano do Porto do fim século XIX 9
1.1. A iniciativa burguesa 9
1.2. A Estação de Campanhã – a extensão oriental 15

2. O processo evolutivo da Rua Passos Manuel 19
2.1 Abertura da Rua Passos Manuel 23
2.2 Prolongamento da Rua Passos Manuel 27

3. Análise morfológica da Rua Passos Manuel 37
3.1. A confrontação com as pré-existências – a abertura no interior do quarteirão. 37
3.2. Caracterização do Loteamento 39
3.3. Evolução da ocupação e construção da frente de Rua 43
3.4. Elementos formais de composição do Alçado 83

4. Considerações Finais 101

Glossário 105

Fontes e Bibliografia 109
Créditos de Imagens 113
Anexo – Fichas de descrição e análise dos alçados edificados na Rua Passos Manuel 115

Resumo

Rua Passos Manuel (1877-1927)

Análise Morfológica

Ana Lúcia Monteiro Ilá Eiras

Realizado no âmbito da Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, este estudo dedica-se à análise morfológica da Rua Passos Manuel de acordo com a sua construção no período de tempo compreendido entre 1877 e 1927. Este espaço urbano, com origem na segunda metade do século XIX, surgiu numa época de forte crescimento comercial e populacional em que se registaram as principais iniciativas de transformação e desenvolvimento no processo urbano e construtivo da Cidade do Porto.

A Rua Passos Manuel iniciou a sua presença no espaço urbano da cidade com a abertura de um curto traçado viário, sendo mais tarde prolongado, contribuindo assim para a dinamização da circulação e para o aumento da área edificável na Cidade do Porto. Tendo esta evolução ocorrido em diferentes momentos, com diferentes vereações e num período temporal que abrangeu a mudança de século, esta rua tem impressa na espacialidade do seu traçado a conjugação e confrontação de produções arquitectónicas com diferentes concepções e de diferentes origens temporais.

Assim, como o apoio em material cartográfico e documentos escritos existentes pretende-se compreender o processo evolutivo da abertura da rua em estudo e quais as principais directivas desse processo, mas principalmente é pretendido, através da analise dos alçados e dos seus elementos formais de composição, compreender e identificar quais os princípios de construção e organização da frente edificada da Rua Passos Manuel espaço urbano definidor da cidade.

Abstract

Passos Manuel Street (1877-1927)

Morphological Analysis

Ana Lúcia Monteiro Ilá Eiras

With this MA in Architecture we aim to analyse morphologically *Passos Manuel* Street, having in mind the period of time it began to be built (1877) and 1927. This urban area came up in the second half of the nineteenth century. By that time, there was an enormous trade and population growth, which led to meaningful change and development initiatives in the urban and building process in the City of Oporto.

At the beginning, Passos Manuel Street was just a short narrow lane. However, as time went by it was getting longer and longer. In this way, it enabled both the traffic and the amount of building sites in the City of Oporto to increase considerably at those days. As on one hand this evolution occurred gradually during a rather long period of time, which included the transition into the twentieth century, and as on the other hand it happened when different town councillors were in charge throughout the decades, this street is a result of different architectural features, which ranges over a variety of distinctive space conceptions and time origins.

Thus, being supported by reliable cartographic material and documents, our goal is to understand the evolutionary process of the street mentioned above and which the main directives of that process were. Through the analysis of the front elevations of the buildings we can find in this street, focussing especially on their formal elements of composition, we aim above all to understand and identify the way those front elevations were organised and how they together with the building principles managed to define the urban space of the town.

Introdução

No século XIX a cidade do Porto transformou-se num importante centro industrial, comercial e financeiro, originando um constante crescimento na circulação de pessoas e mercadorias, impulsionando desta forma uma grande remodelação e modernização nas infra-estruturas da cidade. Todas estas transformações urbanísticas tiveram maior impacto na segunda metade do século, com ampliação e criação de novos espaços públicos, com a abertura de novos traçados viários, mais regulares e rectilíneos que permitiam maior facilidade na circulação pela cidade, assim como com a construção de novas edificações. Neste período de forte expansão urbana onde as atenções se concentravam nos elementos que permitissem uma maior mobilidade e ligação entre o centro e a periferia da cidade, a Rua surgiu como uma peça fundamental do crescimento urbano e económico da cidade do Porto.

A Rua é um espaço compreendido entre edificações e, por conseguinte, variável em função destas. Neste sentido, a Fachada é um complemento indissociável da Rua, logo o conjunto dos desenhos de alçados a edificar define o perfil de Rua. "Não faz sentido definir rua urbana sem casas, sem construções. O que temos é ruas urbanas com perfis e construções muito diversas."[1]

No intuito de compreender como se processava a construção e edificação de uma Rua no século XIX, mais propriamente na segunda metade do século, este trabalho tem por objectivo inventariar, descrever e conjecturar o processo de construção da Rua Passos Manuel, entre 1877 e 1927, identificando e caracterizando os diferentes momentos do seu desenvolvimento através dos edifícios que os integram, reconhecendo e interpretando o conjunto de estratégias e princípios de projecto que os orientam. Desta forma, pretende-se através da análise morfológica dos alçados edificados e dos lotes onde os edifícios se inserem, um estudo sobre a rua nesta situação territorial particular enquanto parte imprescindível da cidade.

O período em estudo é compreendido ente a data de inauguração da Rua Passos Manuel, em 1877, e a data de inauguração do edifício dos Armazéns Nascimento, 1927, sendo este último um projecto que assinalou a "adopção de um sistema construtivo em franca ascensão e o compromisso entre as novidades e as práticas de desenho e projecto da tradição académica, os Armazéns Nascimento

---

[1] Francisco Barata Fernandes, *Transformação e permanência na habitação portuense : As formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP Publicações, 1999, p 307.

ensaiam uma síntese impossível e constituíram-se como uma obra estruturante da história da arquitectura portuguesa."[2] Este edifício do Arquitecto Marques da Silva rompe com uma configuração de alçado marcante na rua e na época em questão, criando uma mudança na forma de pensar e construir o edificado.

Tendo o objecto de estudo definido, a aproximação ao tema consistiu na investigação e recolha de material cartográfico referente à cidade do Porto, a desenhos de arquitectura relativos à Rua Passos Manuel e, principalmente, aos alçados correspondentes às edificações construídas no período de tempo em estudo. De acordo com a recolha de material gráfico e escrito disponível foi elaborada uma base de dados relativa a cada alçado. Em seguida, o trabalho estruturou-se em duas fases de análise, que correspondem primeiramente ao estudo da abertura da Rua Passos Manuel e posteriormente à análise do conjunto de frente construída, de forma a compreender o desenvolvimento do sistema de composição da Rua Passos Manuel e, em simultâneo, perceber de que forma o conjunto construído influenciou e foi influenciado pelas particularidades da rua em questão.

[2] António Cardoso, *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*. Porto: FAUP Publicações, 1997, pp. 296-307.

1. Contexto urbano do Porto do fim século XIX

1.1. A iniciativa burguesa

A cidade do Porto durante o século XIX sofreu bastantes modificações urbanas, no entanto estas intervenções no tecido urbano iniciaram-se já no século XVIII onde um forte crescimento comercial e populacional deu origem à necessidade de criar não só vias de acesso que permitissem percorrer a cidade de forma cómoda e rápida através de traçados rectilíneos que facilitassem a utilização de veículos, mas também que favorecessem percursos agradáveis que a valorizassem.

Assim, no decorrer desta época de forte expansão urbana foi necessário estabelecer um controlo sobre as transformações urbanísticas, controlo esse que na cidade do Porto se iniciou com a Junta das Obras Públicas e continuou nas sucessivas vereações da Câmara Municipal do Porto. Criada em 1763, a Junta das Obras Públicas foi presidida por João de Almada e Melo, que apoiando-se nas verbas obtidas através dos impostos sobre o vinho, liderou um conjunto de intervenções urbanísticas que se regiam segundo um rigoroso plano que pretendia renovar e ordenar o crescimento da cidade para fora de muralhas, definindo novos eixos de expansão radial ligados por ruas transversais, de forma a facilitar a circulação entre o rio e a parte alta da cidade e a melhorar a distribuição de água no Porto.[3] O conjunto de medidas de regulação pretendiam travar o crescimento inicial, livre e desordenado, intervindo na cidade de forma global, originando um desenho aberto e radial, assente na morfologia da cidade, que estava localizada "num local escarpado, agarrado aos flancos do Douro, com as suas colinas, zonas rochosas, vales estreitos"[4]

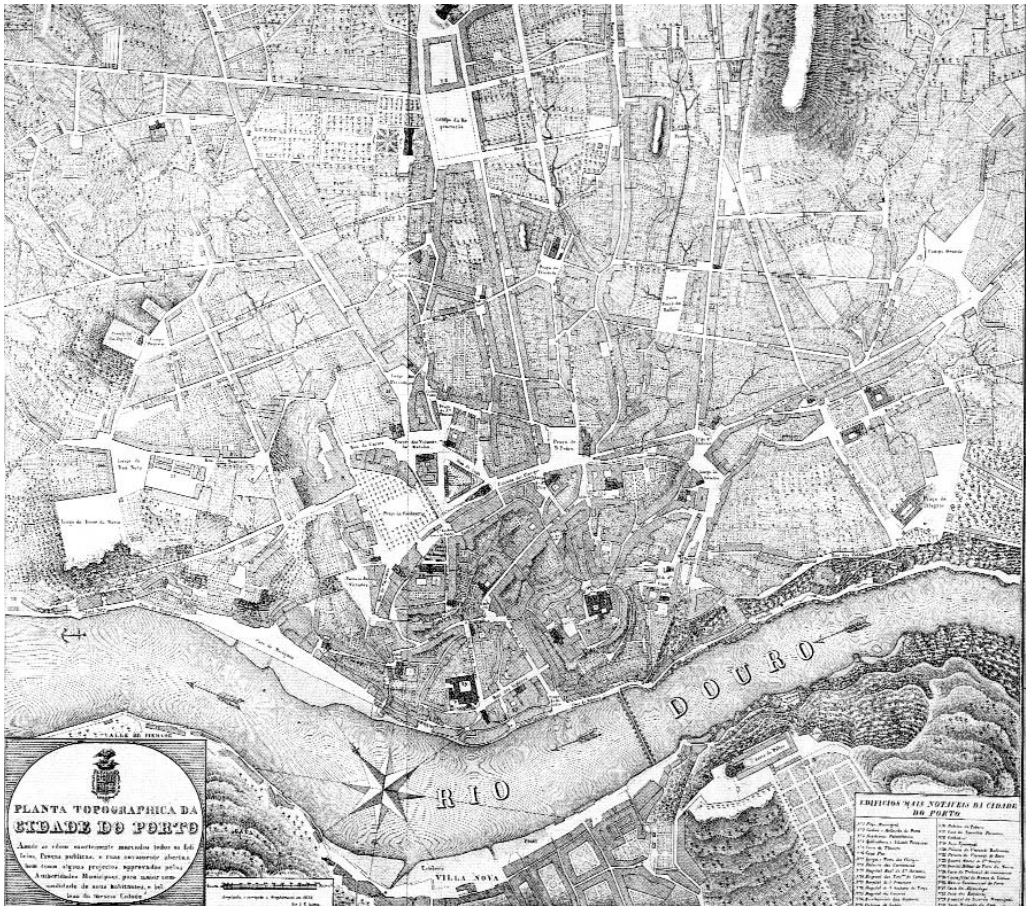
Para além da estrutura viária, a Junta das Obras Públicas visava também a edificação que obedece à definição prévia de um parcelamento regular e à utilização de princípios de sistematização modular da composição das fachadas, executando assim dois objectivos fundamentais: promover a adequação funcional dos espaços de circulação e controlar a qualidade estética das novas edificações.[5]

---

[3] J. J. Ferreira Alves, *O Porto na Época dos Almadas*. Porto, 1988

[4] Marie-Thérèse Mandroux-França, *Quatro Fases da Urbanização do Porto no século XVIII*. Boletim Cultural do Porto, 2ª série, vol. 2, 1984

[5] Anni Günther Nonell; Rui Tavares, "*Oporto*" em *Atlas histórico de ciudades europeas, Vol.1- Península Ibérica*. Barcelona, Salvat, 1994, p. 132



F01 - Planta topográfica da Cidade do Porto, efectuada em 1839 por Joaquim da Costa Lima, tendo sido este nomeado em 1837 Arquitecto da Câmara Municipal do Porto.

Surge uma arquitectura orientada para a resposta às necessidades que se impunham, às novas exigências económicas e sociais. Deu-se início a uma urbanização mais regular e ampla, levando à criação e ampliação de largos e praças, abertura de traçados regulares e rectilíneos permitindo uma maior luminosidade e arejamento, assim como uma maior facilidade de circulação dentro e fora de muralhas, permitindo a ligação da cidade às zonas periféricas. Foram construídos passeios laterais nos arruamentos e as fachadas rectilíneas dos edifícios organizavam e definiam os espaços urbanos: a rua, o largo e a praça.

No entanto, no início do século XIX, parte da cidade do Porto mantinha-se ainda amuralhada, sendo o crescimento e expansão deste núcleo medieval da cidade apoiado nos eixos delineados durante o século XVIII, que se traduz no loteamento de quintas existentes e no alinhamento sob caminhos. Este facto deveu-se à instabilidade política e económica que se verificou na cidade durante as primeiras décadas como consequência das invasões francesas, que duraram até 1814, e da Revolução Liberal, compreendida entre 1820 e 1834 retardando o desenvolvimento urbano. Apesar do clima vigente não ser o mais propício, o poder local da cidade conseguiu reorganizar-se e adaptar-se a uma nova ordem social e política, retomando a urbanização nos anos 20.

Assim, em 1833, quando a Junta das Obras Públicas foi extinta já a cidade do Porto se apresentava mais desenvolvida e estruturada, com a urbanização de novas áreas e a construção de artérias importantes. Desde então, a gestão urbanística passou a ser repartida por várias entidades que seguiam critérios próprios, desenvolvendo desta forma sob o modo de acções pontuais.

Durante este período, o facto de a cidade do Porto não ter uma gestão urbanística única gerou alguma preocupação, que foi revelada numa primeira fase em 1838, aquando o então Presidente da Câmara Luciano Simões de Carvalho, num relatório apresentado demonstrou o empenho da sua vereação na execução de obras públicas e no "progressivo afformoseamento da Cidade".[6] A Câmara Municipal, numa fase inicial, procura assegurar um plano geral, para o qual elabora uma planta geral da cidade em 1839, F01, que aproveita projectos desenvolvidos anteriormente. O principal objectivo mantinha-se, sendo centrado para o desenvolvimento de elementos

[6] Luciano Simões de Carvalho, *Relatório do Prezidente da Camara de 1838*, no Jornal 1º de Janeiro de 1839. Porto: A.H.M.P.



F02 - Planta da Cidade do Porto realizada em 1865 por Frederico Perry Vidal.

que permitiam percorrer rapidamente o centro, aumentando a mobilidade de pessoas e bens. Nesta fase de desenvolvimento económico e urbano da cidade, a rua aparece como um elemento imprescindível e impulsionador. No entanto, devido à carência financeira, a sua actuação limita-se à promulgação de medidas reguladoras da edificação, à continuação do projecto de rectificação e alienação de ruas e caminhos, assim como à criação de novos equipamentos e espaços públicos.[7]

Nesta fase de carência financeira, a Associação Comercial do Porto, fundada em 1834, sendo representada pela burguesia mercantil, passou a controlar a actividade económica da cidade tornando-se responsável pela promoção e gestão de algumas acções urbanísticas que protagonizam um novo impulso a nível urbanístico durante os anos 30 e 40. Assim, entre muitas iniciativas, em 1843, foi inaugurada a Ponte Pênsil originando, por consequência, uma remodelação e ampliação do cais da zona ribeirinha, que incluiu a construção, em 1861, da Nova Alfândega. Esta nova travessia facilitou a comunicação com Lisboa.

Todo este crescimento da economia e o progresso das infra-estruturas de circulação geraram, na segunda metade do século XIX, grandes transformações no tecido urbano da cidade do Porto, levando a que "muitos dos becos e vielas da cidade antiga desaparecem, rasgam-se novas ruas, alargam-se ou prolongam-se outras, constroem-se pontes, encenam-se ribeiros, levantam-se por toda a parte novos edifícios."[8]

Estas operações urbanísticas resultaram muitas vezes de iniciativas privadas, onde o proprietário cedia terreno para a abertura de uma nova rua, beneficiando assim das infra-estruturas de urbanização nas suas propriedades. Assim, numa ideia de constante desenvolvimento, surgem novas ruas: a Rua Mouzinho da Silveira e a Rua Nova da Alfândega que melhoraram os acessos aos portos fluviais e permitiam o acesso à zona alta da cidade, e a Rua da Boavista que permitia o acesso ao mar.

Na Planta da Cidade do Porto de 1865, efectuada por Frederico Perry Vidal, F02, são visíveis traçados viários regulares e rectilíneos, grandes e pequenos, que partem do núcleo antigo da cidade em direcção à periferia e das vias transversais a estas, que permitem as várias ligações aos diversos pontos da cidade facilitando assim a circulação e da mesma forma reflecte uma tentativa de geometrizar quarteirões e de

---

[7] Anni Günther Nonell; Rui Tavares, "Oporto" em *Atlas histórico de ciudades europeas, Vol.1- Península Ibérica*. Barcelona, Salvat, 1994, pp. 136-138

[8] Maria do Carmo Serén; Gaspar Martins Pereira, *O Porto Oitocentista* em História do Porto de Luís A. de Oliveira. Porto: Porto Editora, 1994, p. 385

criar e ampliar espaços públicos para proporcionar à cidade uma maior luminosidade, salubridade e vivência.

Toda esta política de desenvolvimento da cidade e de expansão global das vias de comunicação, terrestres e marítimas, privilegiavam e favoreciam o crescimento da indústria e o surgimento de novas actividades.

Os anos 70 foram os impulsionadores dos transportes, aproximando a cidade da periferia e estimulando a sua urbanização e consequente crescimento. Em 1872, surge a rede de transportes públicos e em 1875 inaugura-se a Estação de caminhos-de-ferro de Campanhã (antiga Estação Ferroviária do Pinheiro) que permitia o acesso ao Minho. Dois anos mais tarde, em 1877, é inaugurada a ponte D. Maria que permite o transporte ferroviário para Sul. As ligações ferroviárias demonstraram um papel importante na urbanização das zonas circundantes, fazendo com que crescesse rapidamente o sistema viário, o edificado e o comércio à sua volta. Ainda em 1876 começava-se a falar da necessidade da construção de uma nova travessia sobre o Douro, sendo construída em 1886 a ponte D. Luís I, em substituição da Ponte Pênsil, melhorando a ligação entre as duas margens, com a particularidade de a fazer através da cota baixa e alta.

É também durante os anos 70 que surge o abastecimento de água ao domicílio, iniciando a sua execução nas zonas baixas da cidade em 1873, passando depois a abastecer as zonas altas, em 1882. A luz que já estava presente nas principais ruas do Porto desde 1855 passou a fazer parte do quotidiano da população a partir de 1886. A rede de saneamento iniciou em 1887.

Durante os anos 70 e 80 do século XIX, a cidade do Porto assistiu a uma verdadeira revolução, que se realizou num curto espaço de tempo, devido às grandes transfigurações infra-estruturais no sistema viário, habitacional e comercial, no entanto "o Porto conserva ainda o aspecto de uma aldeia grande. Na rua se trabalha, quase sempre junto à casa, interpenetrando-se o espaço público com o espaço doméstico, num momento em que as respectivas fronteiras são ainda mal definidas, já que a casa é também geralmente unidade de produção. (…) A diferenciação social não se espelha ainda numa diferenciação dos espaços urbanos. Lado a lado, coexistem casas ricas e habitações populares."[9]

---

[9] Maria do Carmo Serén; Gaspar Martins Pereira, *O Porto Oitocentista* em *História do Porto* de Luís A. de Oliveira. Porto: Porto Editora, 1994.

1.2. A Estação de Campanhã – a extensão oriental

A segunda metade do século XIX apresentava um Porto mais desenvolvido a nível do sistema viário, com vias rectilíneas que partem da antiga cidade medieval e irradiam para a periferia numa tentativa de traçado urbano mais regular e organizado, ainda que adaptando-se às pré-existências. No entanto, a cidade do Porto onde "o desenvolvimento da gestão urbanística decorre, sobretudo, de uma prática de elaboração de projectos de reestruturação ou extensão do espaço urbano, por iniciativa própria ou por acordo com agentes públicos ou privados, de regulamentação e controlo do espaço público e da edificação privada, de prossecução ou acompanhamento de obras públicas que interessam à organização do território"[10] foi significativamente marcada por um crescimento urbano com grandes diferenças entre a zona Ocidental e Oriental da cidade.

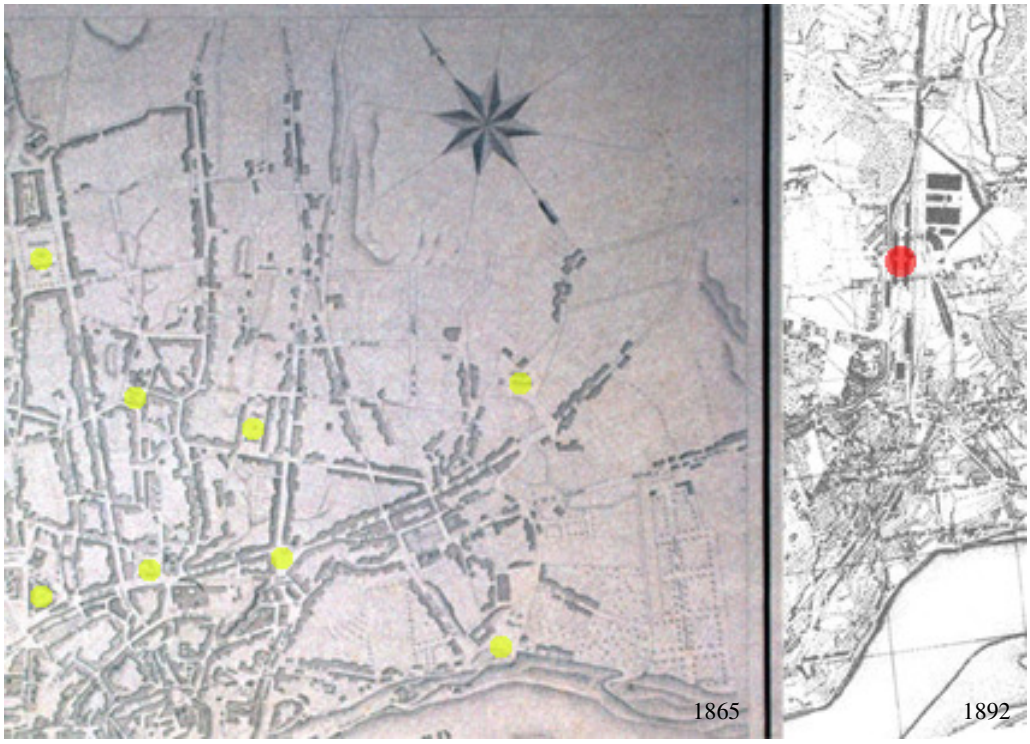
A planta da cidade de 1865 é demonstrativa disso mesmo. Nela as diferenças de desenvolvimento entre a zona Ocidental e Oriental da cidade do Porto são notórias, sendo que a primeira encontra-se mais desenvolvida, muito devido à sua maior proximidade com o mar. No entanto, esta diferença foi anulada com a construção da Estação de Campanhã (antiga Estação Ferroviária do Pinheiro), que, aliada à necessidade de expansão habitacional de uma população em crescimento, impulsionou a extensão para uma zona que até então se encontrava ainda muito desertificada.

Anterior ao aparecimento do comboio, em 1872 foi aberta ao público a primeira linha de "tramway", uma carruagem com tracção animal capaz de transportar um número considerável de pessoas, aumentando desta forma o desenvolvimento e revolucionando os transportes públicos na cidade do Porto. "Os tramways foram, na verdade, uma autêntica «revolução na cidade», como diz Francis Baucire, para quem estas viaturas guiaram a urbanização, ajudaram a desenhar a cidade ao longo dos eixos que se dispersam a partir do centro urbano e tornaram-se necessariamente num sinal de modernidade urbana, que assegurava as deslocações domicilio-trabalho à medida que a cidade se especializava geograficamente."[11]

O "americano", como era conhecido, apresentava grande eficácia de mobilidade e a sua utilização na cidade foi pioneira a nível nacional, sendo que mais

---

[10] Anni Günther Nonell, *Porto, 1763/1852 a construção da cidade entre o despotismo e liberalismo*. Porto: FAUP publicações, 2002, p. 115.
[11] Fernando de Sousa; Jorge Fernandes Alves, *Os transportes colectivos do Porto – perspectiva histórica*. Porto: STCP, 2001, p.43



F03 – Estação de Campanhã (vermelho) e principais pontos de comércio (amarelo) na zona Oriental da cidade.



F04 – Fotografia da Estação de Campanhã em 1895, da autoria de Emílio Biel.

uma vez as primeiras linhas deste inovador meio de transporte privilegiaram a ligação do centro da cidade à zona Ocidental, aproveitando o ímpeto balnear das praias da Foz. Só mais tarde, em 1874, surge a primeira linha do "americano" que pretendia estabelecer uma ligação futura com a zona Oriental da cidade, visto que aí se encontrava em construção a Estação de Campanhã.

Em 1875, ao mesmo tempo que era inaugurada a linha de caminho de ferro, é aberta ao público a ligação do "americano" à Estação de Campanhã, possibilitando assim à zona Oriental usufruir desta infra-estrutura. O percurso abrangia a Praça de D. Pedro (actualmente Praça da Liberdade), Rua de D. Pedro, Rua da Cancela Velha, Rua Formosa, Rua de Santa Catarina, Praça da Batalha, Rua de Entreparedes, Rua do Heroísmo, Rua do Freixo e Rua da Estação.

Com a abertura de Campanhã verificou-se igualmente o aumento do tráfego na Ponte Pênsil, isto porque do outro lado do rio já existia a Estação das Devesas, e todo o transporte de pessoas e mercadorias entre estes dois pontos fazia-se pela única ligação existente entre margens. Assim, e apesar de só ter sido iniciada a construção anos mais tarde, já nesta época se discutia a possibilidade de uma nova travessia sobre o Rio Douro devido à necessidade de uma ligação à cota alta que permitisse a passagem directa e fácil à margem Sul do rio e à estrada de Lisboa. Esta nova travessia iria causar grande impacto na zona Oriental da cidade uma vez que a discussão sobre a sua localização indicava que a futura ponte seria construída a Este da Ponte Pênsil, devido às características naturais das margens nesse ponto do Douro.

Neste sentido, a construção da cidade do Porto a Oriente é estimulada sobretudo pela força de atracção da Estação de Campanhã e pela implementação da linha do "americano". Esta dinamização dos transportes levou à urbanização e modernização de uma área tida como pouco sedutora em detrimento de áreas de localização próxima ao Atlântico.

O aumento no transporte de mercadorias e na circulação de pessoas na zona Oriental da cidade do Porto, devido à abertura da Estação de Campanhã, fez com que tanto a iniciativa pública como a privada tivessem a necessidade de urbanizar e ordenar aquele território. As novas ruas eram construídas com verbas camarárias em terrenos cedidos na maioria das vezes pelos proprietários, sendo que esta cedência dos terrenos e até por vezes o co-financiamento na execução das obras de abertura das ruas, dava-se devido ao benefício que lhes era devolvido, já que desta forma valorizavam o terreno e multiplicavam a possibilidade de rendimento com o loteamento da propriedade.



F05 - Gravura da Estação da Campanhã efectuada em 1896, onde estão representadas carruagens do "americano".



F06 - O "americano" (ou tramway) junto da Foz do Douro

"Os americanos eram de várias cores, iluminados a estearina aos cantos superiores direitos, tais luminárias davam luz mortiça para dentro; para fora a luz era coada por vidros de cores, que deslizavam entre dois encaixes metálicos e horizontais, e combinavam as cores que indicavam o destino, lembrando-me que vermelho e verde era Matozinhos; tais cores condiziam com as tabuletas, indicando o mesmo destino, embora tivessem o nome do lugar para onde os carros seguiam" (Wendel dos Reis, rubrica "Recordações e Saudades – Os americanos do Porto", em O Tripeiro, V serie, Ano I (9). Porto, 1946, p. 197)

2. O processo evolutivo da Rua Passos Manuel

A zona Oriental da cidade do Porto apresentava ainda, na segunda metade do século XIX, algumas quintas e terrenos agrícolas que se encontravam localizados no interior dos quarteirões. Perto do Centro Histórico, da Praça de D. Pedro, da Praça da Batalha e da Praça do Bolhão (actualmente Mercado do Bolhão) existiam essencialmente três quarteirões de considerável escala onde o seu interior ainda era ocupado por actividades agrícolas.

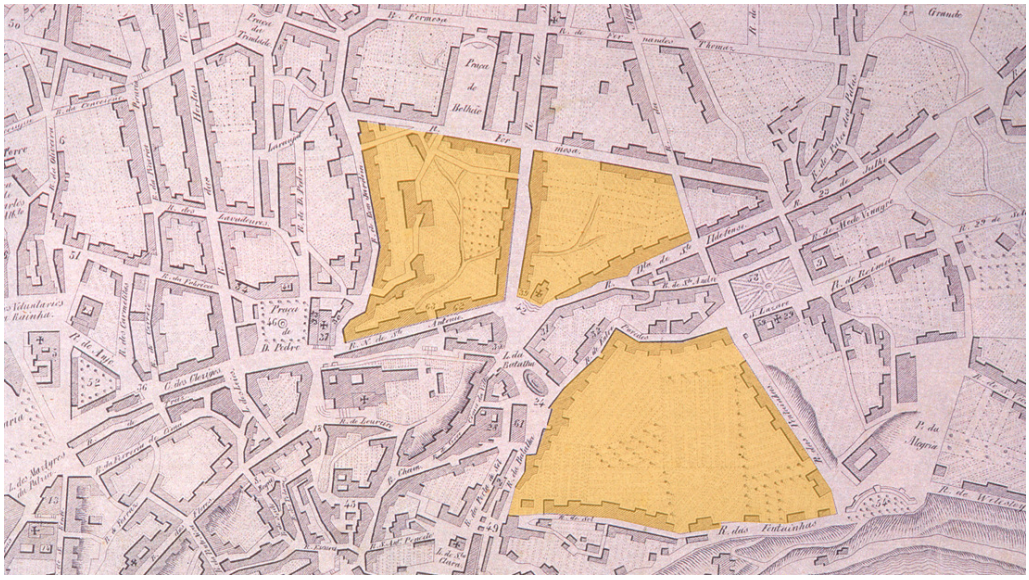
O quarteirão localizado à direita da Praça da Batalha era ocupado pela Quinta do Fragoeiro, enquanto que o quarteirão localizado a Norte desta era ocupado pela Quinta das Lamelas, onde se encontra situada a Igreja de Santo Ildefonso. Do lado esquerdo da Quinta das Lamelas estava situado um quarteirão que era atravessado pelas Vielas da Neta e o seu terreno pertencia à D. Antónia Adelaide Ferreira, a Ferreirinha.

A existência destes grandes quarteirões num local privilegiado da cidade, e numa altura de crescimento comercial e populacional, proporcionava o interesse, quer dos proprietários quer da vereação, que estes terrenos fossem rasgados dando lugar à abertura de novas vias e à consequente construção de novas habitações.

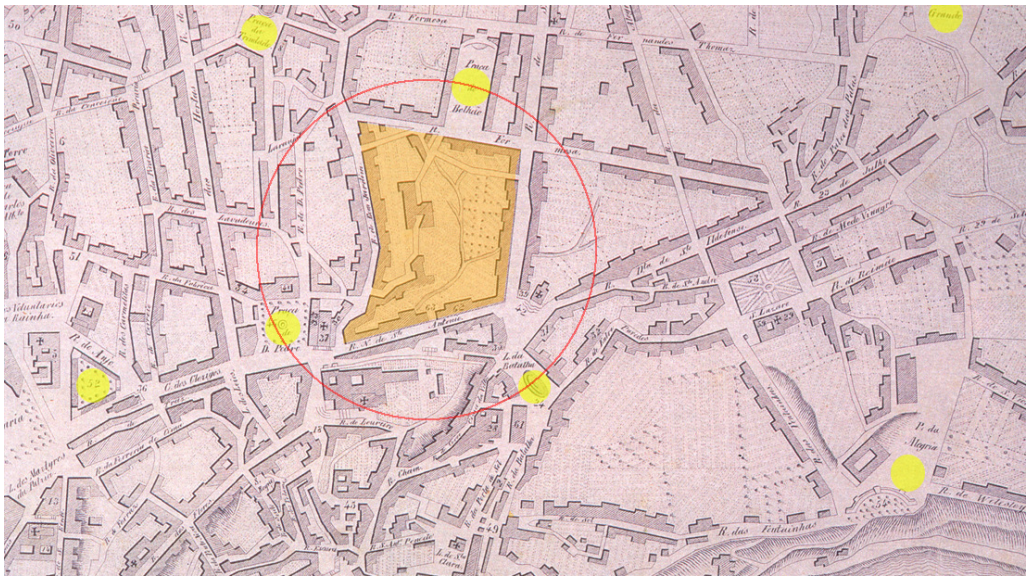
"No ano de 1874 estava em adiantado estudo a abertura das ruas Sá da Bandeira e Passos Manuel, em terrenos pertencentes a D. Antónia Adelaide Ferreira, a Ferreirinha, e a outros proprietários que para tal fim os ofereceram."[12]

O terreno que se destinava a receber a Rua Passos Manuel encontrava-se numa posição estratégica ao localizar-se num ponto central da cidade do Porto e do seu trajecto comercial, logo apetecível a nível de investimento. Para além das infra-estruturas já existentes e localizadas nas imediações, existiam outras previstas estando já algumas em construção. São vários os exemplos, desde logo com a abertura da Estação de Campanhã em 1875, foi aprovada a abertura de vias que conseguissem comportar a elevada movimentação entre a Alfandega e a estação, dando origem à Rua Nova da Alfandega e à Rua Mouzinho da Silveira. Estas novas vias, com cerca de 20 metros de largura cada, permitiam a ligação do Edifício da Alfandega até a Praça de

[12] Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, incluído na rubrica "*Toponímia Portuense*" no Jornal O Primeiro de Janeiro de 29 de Fevereiro de 1972.



F07 – Representação dos três quarteirões por urbanizar situados na zona Oriental da cidade.



F08 – Representação da centralidade do quarteirão que irá receber a localização da Rua Passos Manuel. A amarelo estão sinalizadas as praças e os principais pontos de comércio.

D. Pedro, seguindo depois pela Rua Sá da Bandeira até à Rua Formosa. Neste trajecto a passagem pela Rua Passos Manuel era inevitável.

Também o trajecto do "americano", desde a Estação de Campanhã até ao centro da cidade, tinha pólos de distribuição para outras linhas na Praça da Batalha e na Praça de D. Pedro, a poucos metros da rua em estudo.

Igualmente projectada em 1874, a Rua Alexandre Herculano permitia a ligação da Praça da Alegria e da Alameda das Fontainhas até à Praça da Batalha. Com um traçado perpendicular, foi também projectada a Rua Duque de Loulé que permitia a ligação com a Rua de Santo Ildefonso em direcção à Estação de Campanhã. Ambos os traçados destas novas vias apresentavam uma largura de 20 metros aproximadamente e apesar de terem sido projectadas em 1874 só em 1885 é que ficaram concluídas.

Todas estas infra-estruturas juntamente com o facto de uma possível nova travessia sobre o Douro, que mais tarde foi efectuada, mas que já "em 1877, tinha sido apresentado um estudo de nova ponte entre a Ribeira e a outra margem pelo Eng.º Moura Coutinho d'Almeida d'Eça"[13], dando-a deste logo como localizada na zona Oriental da cidade, reforçava o facto de a Rua Passos Manuel ser um óptimo local para a construção de habitações e consequentemente um terreno bastante lucrativo.

[13] Manuel Luís Real; Rui Tavares, *Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto*, in Revista Povos e Culturas – III. Património Urbano e Arquitectónico. Lisboa: CEPCEP, 1987.



Praças, principais pontos de comércio da cidade do Porto existentes em 1874

Principais vias de circulação da cidade do Porto em 1874

Traçado de novas ruas propostas pela vereação de Francisco Pinto Bessa (1867-1878)

Traçado de novas ruas propostas pela vereação de José Augusto Corrêa de Barros (1881-1887)

F09 – Representação das vias de circulação existentes em 1874, assim como as previstas pelas diferentes vereações intervenientes no processo de abertura da Rua Passos Manuel.

2.1. Abertura da Rua Passos Manuel

A abertura da Rua Passos Manuel foi determinada em 1874, época em que já se encontrava em vigor regulamentação para a abertura de novas vias. Com o intuito de se iniciar um processo de resolução de vários problemas em todo o país, o Governo procedeu à regulamentação e à obrigatoriedade de execução de um *Plano de Melhoramentos* para cada uma das principais cidades e vilas do país, através do Decreto de 31 de Dezembro de 1864, efectuado pelo General João Chrysostomo de Abreu e Sousa, que vigorou até 1934, época em que entra em cena o Plano Geral de Urbanização. Os artigos 35.ª e 36.ª do documento continham informações sobre a abertura de ruas, mas também de como esse processo deveria ser executado, bem como a sua conservação, fiscalização e policiamento.

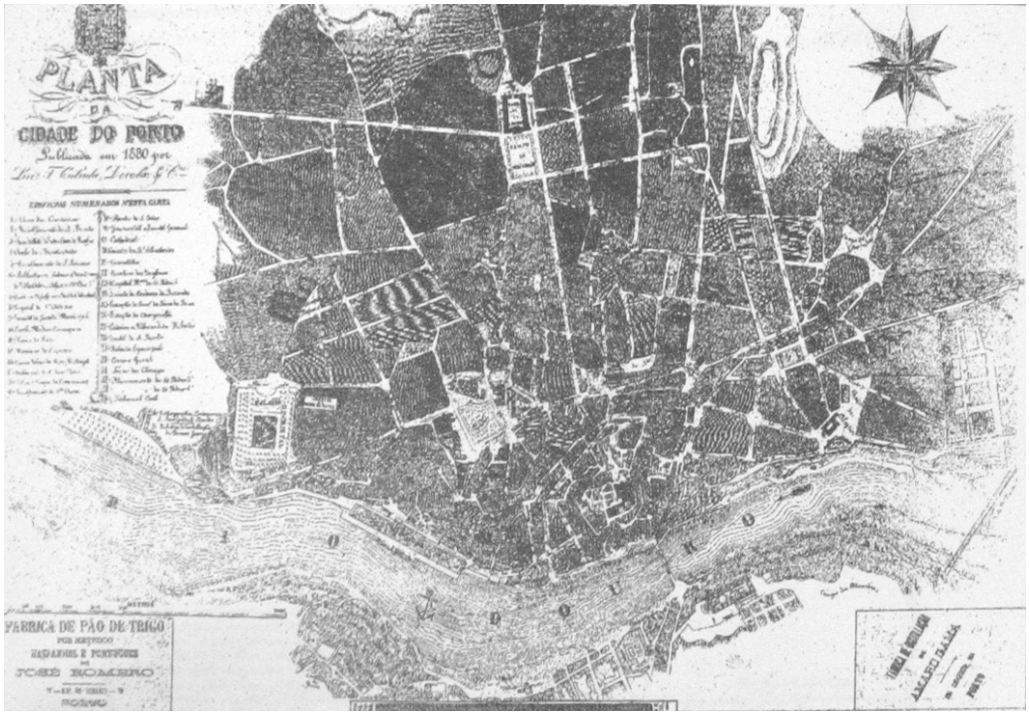
Desta forma, faziam parte das informações existentes neste documento os seguintes itens: "salubrização da cidade – esgotos, despejo e remoção de lixos, eventual abastecimento de água; infra-estruturação urbanística da cidade – sistemas de esgotos, encanamento de água, tubagem de iluminação a gás e encanamentos de águas pluviais; sistematização de abertura de novas ruas com obrigatoriedade de possuírem largura igual ou superior a 10 metros e declive inferior a 8%; cálculo da edificabilidade dos lotes para construção através da relação entre o número de pisos e a largura da rua."[14]

É numa sessão de tomada de posse na Câmara Municipal do Porto que o Presidente Francisco Pinto Bessa menciona pela primeira vez num relatório a intenção e decisão da abertura da Rua Passos Manuel.

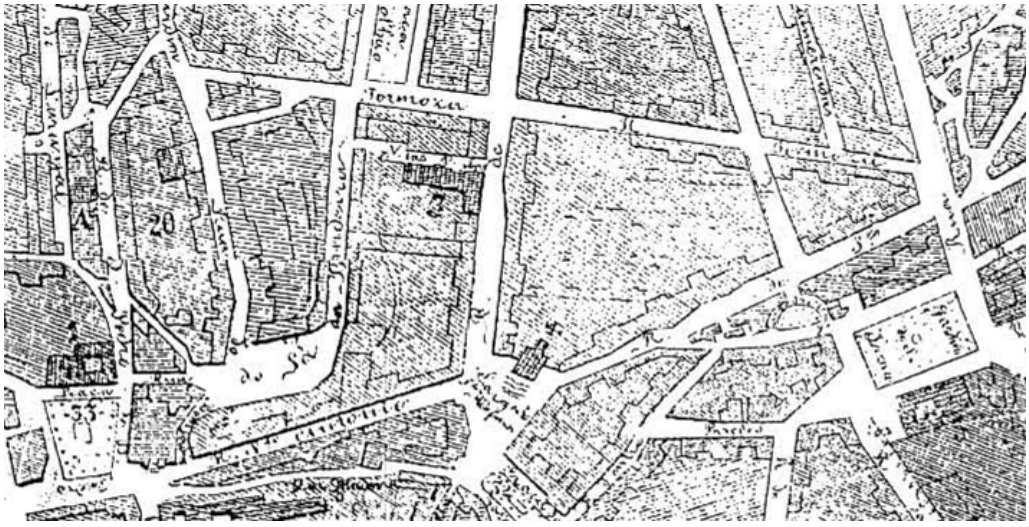
"Por último mencionarei mais a abertura de duas importantes ruas, que a Câmara deliberou analisar, porém que há muito estavam planizadas. D'estas duas ruas uma deve partir do Bonjardim em frente da Rua Sá da Bandeira, e finalizar na Rua Formosa, próximo da Praça do Bolhão – e a outra, que deve partir do Largo da Batalha, seguirá a entroncar na Rua das Fontainhas em frente ao asylo de mendicidade.

Além d'estas ruas, foram também aprovadas pela Câmara as plantas de outras duas, das quaes uma seguirá da Rua de S. Lazaro a entroncar na Rua do Sol, na extensão de 275 metros de comprido sobre 13 de largo; e a outra, que deverá partir do Bonjardim e Viella d Neta a entroncar na Rua de Santa

[14] Fernando Gonçalves, "*Evolução histórica do Direito do Urbanismo em Portugal (1851-1988)* ", em Direito do Urbanismo. Lisboa: INA, 1989, pp. 240-241.



F10 - Planta da Cidade do Porto de 1880, publicada por Luiz Cabada, Dovolx & Cª tendo sido efectuada pelo General Mangeron.



F11 – Ampliação da Planta da Cidade do Porto de 1880, sendo possível identificar duas linhas que representam a localização do traçado da Rua Passos Manuel.

Catharina, terá a extensão de 96 metros de comprido sobre 13 de largo, sendo os terrenos necessários para a abertura destas ruas igualmente offerecido à Câmara pelos respectivos proprietários."[15]

Neste relatório foi ainda mencionado pelo Presidente que:

"Qualquer d'estas ruas é de uma utilidade incontestável, tanto pela commodidade que resulta da sua abertura ao público, proporcionando-lhe mais fácil comunicação entre os diversos pontos da cidade, como também por facilitar o ensejo para novas edificações nos terrenos cortados por elas."[16]

Com a decisão da abertura da rua em estudo, foi decidido em simultâneo prolongar a Rua Sá da Bandeira para Norte até à Rua Formosa. A primeira fase da Rua Sá da Bandeira (actualmente Rua Sampaio Bruno) foi construída em 1836, mas só em 1843 foram construídos os primeiros edifícios, isto porque o objectivo principal desta via era estabelecer uma ligação rápida e directa entre a então Praça de D. Pedro e a Rua do Bonjardim, sendo esta última uma importante artéria da cidade. Mais tarde, em 1874, o município decidiu rasgar e alargar as Vielas da Neta e prolongar a Rua Sá da Bandeira, construindo assim uma via com aproximadamente 20 metros de largura.

Foi a meio deste novo percurso que surgiu o traçado da Rua Passos Manuel com 13 metros de largura, fazendo a ligação entre a Rua Sá da Bandeira e a Rua de Santa Catarina. Ainda que de forma representativa, este traçado surge pela primeira vez numa planta publicada em 1880, tendo esta sido efectuada pelo General Mangeron, F11.

A documentação referente ao projecto de abertura da Rua Passos Manuel é diminuta, não sendo possível identificar com exactidão o porquê da sua abertura, nem qual a causa da localização do seu traçado. No entanto, a abertura de novas ruas era quase sempre defendida pela necessidade de um maior número de vias que permitissem a ligação entre os diversos pontos da cidade, mas tendo em conta que todas as vias projectadas nessa data apresentavam cerca de 20 metros de largura e a Rua Passos Manuel apenas apresentava 13 metros, leva a presumir que o seu projecto poderá ter tido primeiramente outros interesses que não a mera fluibilidade estratégica.

---

[15] Francisco Pinto Bessa, relatório da Gerência da Câmara do Município do Porto durante o biénio de 1874 e 1875 apresentado e lido pelo Presidente na sessão de posse da nova Câmara em 2 de Janeiro de 1876. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1976.

[16] Francisco Pinto Bessa, relatório da Gerência da Câmara do Município do Porto durante o biénio de 1874 e 1875 apresentado e lido pelo Presidente na sessão de posse da nova Câmara em 2 de Janeiro de 1876. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1976.

Assim, devido às características do seu posicionamento na cidade e a diversos factores que o enriquecem, sobretudo os aspectos já mencionados sobre as infra-estruturas próximas, a abertura desta rua em particular permitia uma óptima localização para a construção de habitações, o que aliado ao facto de todas as outras ruas projectadas demonstrarem uma largura superior, poderá revelar que esta rua em estudo teria sido pensada primeiramente como uma rua somente habitacional.

Em relação ao posicionamento do traçado no lote, é possível que a sua localização tivesse como intenção a divisão do lote em duas partes sensivelmente iguais, permitindo desta forma uma melhor distribuição do terreno para a construção das novas edificações. No entanto, tendo em conta que aquando da abertura da rua já existiam algumas edificações na Rua Sá da Bandeira, é também possível que o posicionamento do traçado desta nova rua tenha se adaptado às suas pré-existências.

Analisando o seu traçado em outra perspectiva, ou seja, numa escala mais alargada, e tendo em consideração que nos anos 70 e 80 a importância da "via rápida" estava já "provada ser um dos principais elementos da vida comercial e industrial"[17], é pertinente que a intenção de se efectuar o seu prolongamento no futuro estaria já presente aquando deste traçado, uma vez que realizada a sua extensão esta iria estabelecer uma ligação entre a zona Oriental e Ocidental da cidade, logo transformar-se numa via estratégica, o que veio a verificar-se anos mais tarde.

Juntamente com a abertura da rua foi igualmente rasgada uma outra via no quarteirão situado a Norte. Designada por Travessa Passos Manuel, esta apresenta um ângulo de 90º com a rua em estudo e está localizada imediatamente a seguir ao término das edificações com frente para a Rua Sá da Bandeira, fazendo com que esta via de 10 metros de largura funcionasse como uma via de serviço a essas casas ao mesmo tempo que permitia a possibilidade de efectuar mais construções no interior do quarteirão abrindo uma nova frente de urbanização. Com uma configuração menor, no lado contrário da rua, também foi calcetado um antigo caminho existente, que dava acesso ao interior do quarteirão situado a Sul, ao mesmo tempo que também permitia a passagem para a Rua de Santo António (actualmente Rua 31 de Janeiro).

"Por estes campos corria uma linha de água que desapareceu com a abertura da Travessa de Passos Manuel."[18]

---

[17] José Maria Ferreira; António Júlio Machado; *Anteprojecto da Estação Central*. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1887

[18] Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, incluído na rubrica "*Toponímia Portuense*" no Jornal O Primeiro de Janeiro de 29 de Fevereiro de 1972.

2.2. Prolongamento da Rua Passos Manuel

Concluída a abertura da Rua Passos Manuel, a cidade do Porto continuava em constante crescimento e modificação no que dizia respeito às suas novas infra-estruturas. Os anos 80 deram continuidade ao que já havia sido efectuado.

Depois de a sua importância ter sido discutida, a construção da Ponte D. Luís teve início em 1881, obrigando a efectuar novos arranjos urbanísticos aquando da sua conclusão. Desde logo foi aberta a Avenida Saraiva de Carvalho fazendo com que a Praça da Batalha funcionasse como ponto de chegada daqueles que, vindo do Sul através do tabuleiro superior da ponte, chegavam à cidade. No entanto, já anteriormente a praça funcionava de forma semelhante em relação à Estação de Campanhã graças às linhas de ligação do "americano" com o centro do Porto, pelo que de certa forma, a Praça da Batalha transformou-se no ponto de acolhimento à entrada na cidade do Porto.

Nesse mesmo ano de 1881, a Presidência da Câmara do Porto passava para as mãos de José Augusto Corrêa de Barros que desejava equipar a cidade para que esta pudesse responder às exigências que as novas infra-estruturas impunham, uma vez que a cidade começava a sentir que a implantação da Estação de Campanhã trazia benefícios, mas também prejuízos, já que a população em viagem não via como necessária uma paragem no Porto, uma vez que o comboio lhe permitia a circulação rápida e sem demoras, o que provocou quebras no comércio portuense. Esta e outras preocupações foram apresentadas por Corrêa de Barros à Câmara Municipal do Porto em Sessão Extraordinária a 26 de Setembro de 1881, onde mencionou que:

"O Porto, ha poucos annos ainda estação forçada para todos os viajantes que percorriam o paiz do norte a sul, e ainda para os que do centro, e do sul de hespanha se dirigiam para as suas províncias do norte e noroeste, acha-se actualmente, e desde que foram entregues á exploração os caminhos de ferro do Minho e Douro, de todo privado d'aquella população fluctuante com manifesto, e crescente prejuízo do seu commercio, e das suas industrias."[19]

De acordo com as preocupações, Corrêa de Barros referiu ainda que:

---

[19] José Augusto Corrêa Barros, *Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto* apresentado à Câmara Municipal em sessão extraordinária de 26 Setembro de 1881. Porto: Typografia de António José da Silva Teixeira, 1881, p.5

"É chegada a occasião de emprehender novos, e por ventura mais largos melhoramentos, cuja realisação, há muito reclamada, se torna hoje inadiavel necessidade."[20] Desta forma, o Plano de Melhoramentos enunciava quais as directrizes a seguir para que a cidade do Porto pudesse "progredir, e melhorar de modo a excitar o desejo de sermos visitados, e a offerecer aos visitantes taes commodidades e conforto, que elles sejam naturalmente impellidos a prolongar e repetir as visitas."[21]

As intervenções propostas eram no sentido de realizar a abertura de novas ruas assim como o alargamento de várias outras. Estavam também previstas obras de regularização e reparação do pavimento em ruas consideradas essenciais para o bom funcionamento da circulação dentro da cidade. Outro ponto focado era a necessidade da realização de passeios onde estes ainda não existiam e a implementação definitiva do saneamento público assim como da água canalizada. Desta forma, o plano traçava as principais directrizes no que diz respeito aos arruamentos para a década de 80 referentes à iniciativa Municipal.

Foi na apresentação deste Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto que a decisão do prolongamento da Rua Passos Manuel, unindo-a à Rua de Sto. Ildefonso frente ao Largo de Santo André, foi tomada de forma definitiva, já que está mencionada como sendo uma importante artéria.

"Tanto para aformosear o sitio mais central, e mais frequentado da cidade, como para que a importante rua do Mousinho da Silveira realise completamente o fim, para que foi aberta, é indispensável liga-la convenientemente com a do Sá da Bandeira. Para o conseguir proponho o alargamento da parte da rua do Bomjardim comprehendida entre as ruas do Sá da Bandeira e de Santo Antonio, e o seu prolongamento até se ligar com a Mouzinho da Silveira. Para completar este importante melhoramento é preciso prolongar a rua do Passos Manoel até ao largo de Santo André, convenientemente transformado de modo que, feito o projectado alargamento do Reimão, dê fácil accesso á rua do Heroismo. Para a realisação d'esta obra offerecem gratuitamente os seus terrenos os principais proprietários."[22]

Contudo, esta decisão foi fortemente criticada devido ao facto de Corrêa de Barros ser próximo de alguns proprietários, empresários e membros da burguesia mercantil portuense, pelo que a imprensa ligada à classe operária e os seus adversários

---

[20] José Augusto Corrêa Barros, *Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto* apresentado à Câmara Municipal em sessão extraordinária de 26 Setembro de 1881. Porto: Typografia de António José da Silva Teixeira, 1881, p.6

[21] José Augusto Corrêa Barros, *Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto* apresentado à Câmara Municipal em sessão extraordinária de 26 Setembro de 1881. Porto: Typografia de António José da Silva Teixeira, 1881, p.5

[22] José Augusto Corrêa Barros, *Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto* apresentado à Câmara Municipal em sessão extraordinária de 26 Setembro de 1881. Porto: Typografia de António José da Silva Teixeira, 1881, p.7

políticos, acusavam-no de beneficiar os seus "amigos" com as obras efectuadas. Mas, apesar das duras críticas, era igualmente transmitido a dimensão do trabalho realizado numa vereação com imensas dificuldades financeiras. Na tentativa de se defender e explicar as suas decisões, o Presidente da Câmara acabou mesmo por deixar escrito num Relatório da Gerência efectuado a 6 de Novembro de 1881, que a maior parte das obras eram herdadas da vereação anterior e que as que haviam sido definidas por si eram do maior interesse para a cidade, em particular uma das mais criticadas, o prolongamento da Rua Passos Manuel. Corrêa de Barros explicou que:

"Para justificar a necessidade da primeira, não é necessário grande esforço. Aberta que seja a rua que seguindo a dos Ingleses pelo Bairro do Barredo a ligar com a Avenida inferior da nova ponte, e feito o alargamento da Feira de São Bento e do primeiro quarteirão da rua do Bonjardim, ficará a nova Rua de Sá da Bandeira ligada com a Alfândega e com a ponte por meio de uma série de ruas largas e proporcionadas ao grande trânsito que por elas tem que fazer-se. Nestas circunstâncias, o prolongamento da Rua Passos Manuel até ao Largo de Santo André e o alargamento já começado no sítio chamado o Reimão ligará a estação do caminho-de-ferro com a Alfândega, com o taboleiro inferior da ponte, e com a grande e rica parte da cidade que é servida pelas ruas do Barredo, da Nova Alfândega, dos Ingleses, das Cangostas, de Mouzinho da Silveira, da Feira de S. Bento, de Sá da Bandeira, de Passos Manuel, de Santa Catarina, de S. Lázaro e do Heroísmo."[23]

Com a apresentação deste relatório a intenção da abertura do prolongamento da Rua Passos Manuel ficou definitivamente determinado, e ao contrário da primeira fase, foi efectuado um projecto do seu traçado que inclui uma planta e um perfil longitudinal à escala 1/500 e vários perfis transversais à escala 1/200.

Na planta, F12, é indicado o traçado do prolongamento da rua, sendo visível que apresentava uma largura superior em relação à primeira fase já existente, aspecto que estava previamente definido no Plano de Melhoramentos:

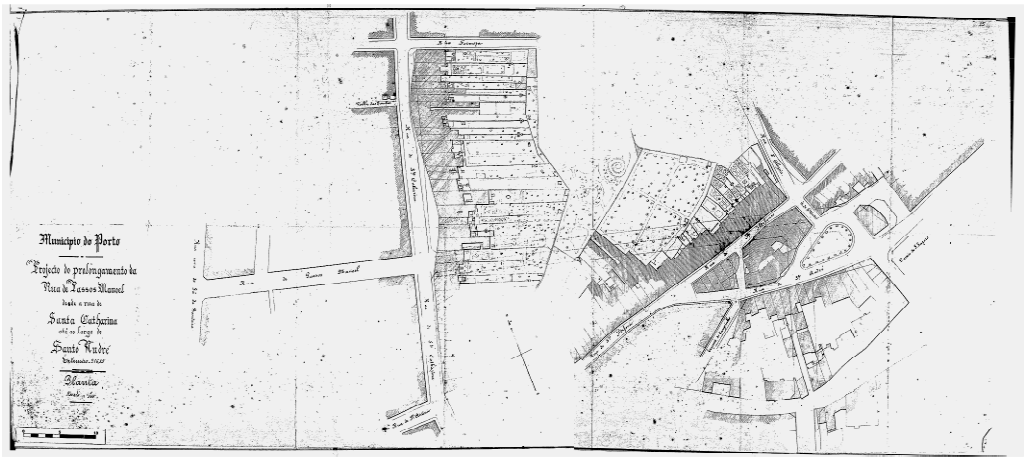
"Prolongamento da rua do Passos Manoel, desde a de Santa Catharina até ao largo de Santo André, com largura de 16m".[24]

Nesta planta é também visível o traço indicador do novo alinhamento das edificações da Rua Santa Catarina, assim como a intenção da demolição de algumas

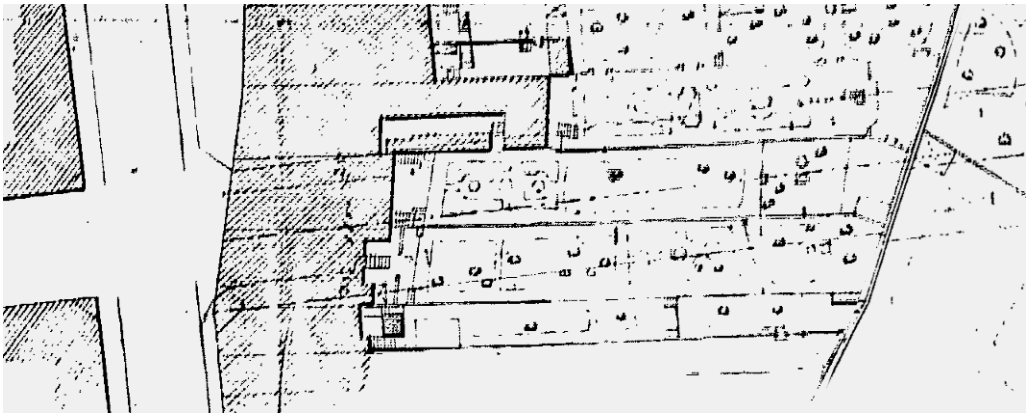
---

[23] José Augusto Corrêa de Barros, Relatório da Gerência de 6 de Novembro de 1881, citado em "O Tripeiro", ano IX, V série, nº3, Julho de 1953, p.78

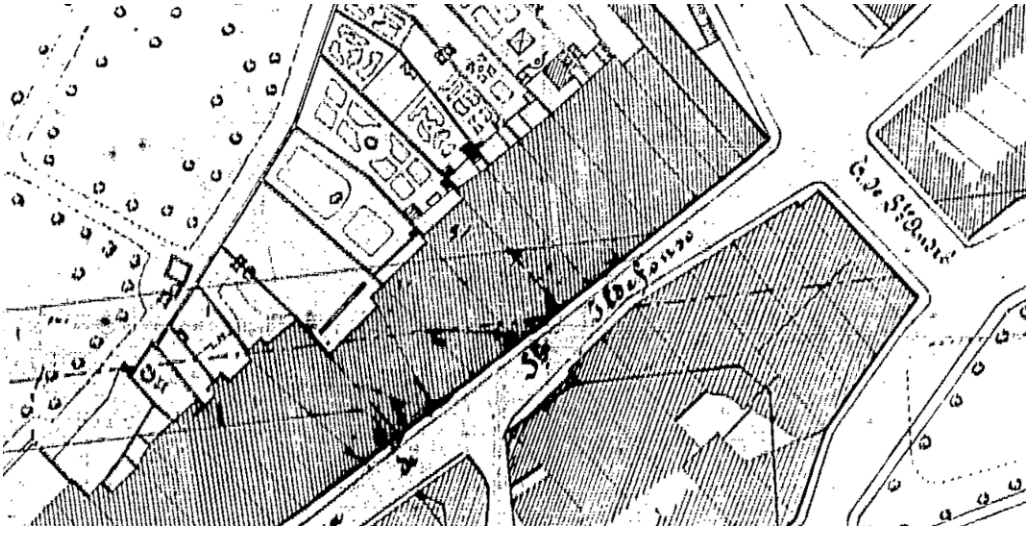
[24] José Augusto Corrêa Barros, *Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto* apresentado à Câmara Municipal em sessão extraordinária de 26 Setembro de 1881. Porto: Typografia de António José da Silva Teixeira, 1881, p.15



F12 – Planta do prolongamento da Rua Passos Manuel desde a Rua de Santa Catarina até ao Largo de Santo André, Município do Porto, escala original 1/500.



F13 – Pormenor da planta do prolongamento da Rua Passos Manuel, onde é visível o arranque do novo traçado junto do cruzamento com a Rua Santa Catarina.



F14– Pormenor da planta do prolongamento da Rua Passos Manuel, onde é visível a confrontação do novo traçado com a Rua Sto. Ildefonso, junto do Largo de Sto. André.

edificações entre a Rua de Sto. Ildefonso e o Largo de Santo André para criar uma maior dimensão espacial no término da Rua Passos Manuel naquele local.

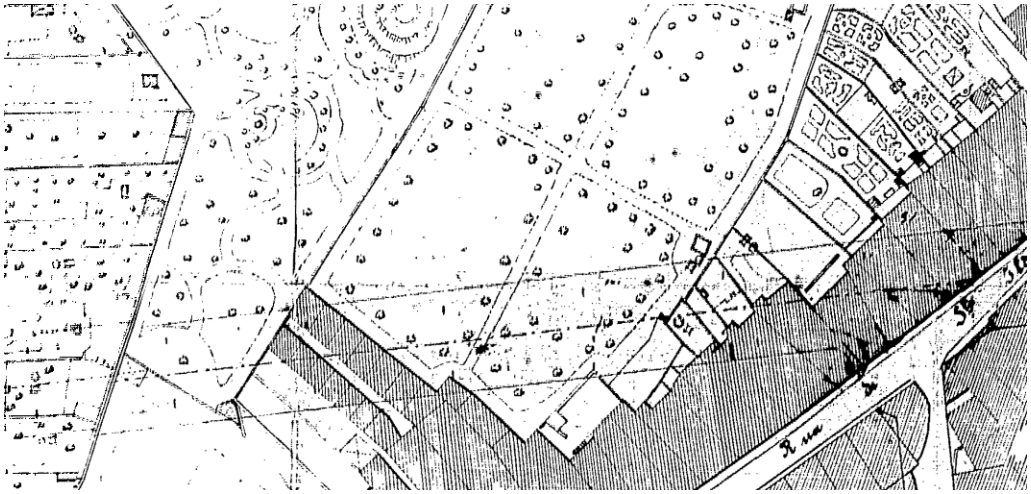
Tendo o prolongamento da rua prevista uma largura superior à fase já existente, iria existir obrigatoriamente um desalinhamento no seguimento do traço da via. Assim, analisando a planta é possível verificar que de acordo com o posicionamento das edificações pré-existentes na Rua Santa Catarina, optaram por alinhar a via pelo lado Norte, desalinhando somente o traço da via no lado Sul, isto porque dessa forma apenas seria necessário demolir duas edificações e os seus respectivos logradouros.

Do lado oposto, junto à Rua de Sto. Ildefonso, o traçado da nova via previa a demolição total de cinco edificações, a demolição parcial de sete edificações e a erradicação de alguns logradouros. Das edificações parcialmente demolidas, as que se situavam entre estas duas ruas passaram a usufruir de duas frentes de rua tendo sido de imediato reconstruídas, enquanto que as restantes edificações permaneceram somente com a indicação de que teriam de ser alinhadas pelas restantes, mas só em 1911, com a apresentação de um novo projecto, é que o seu alinhamento e consequente demolição foi efectuada.

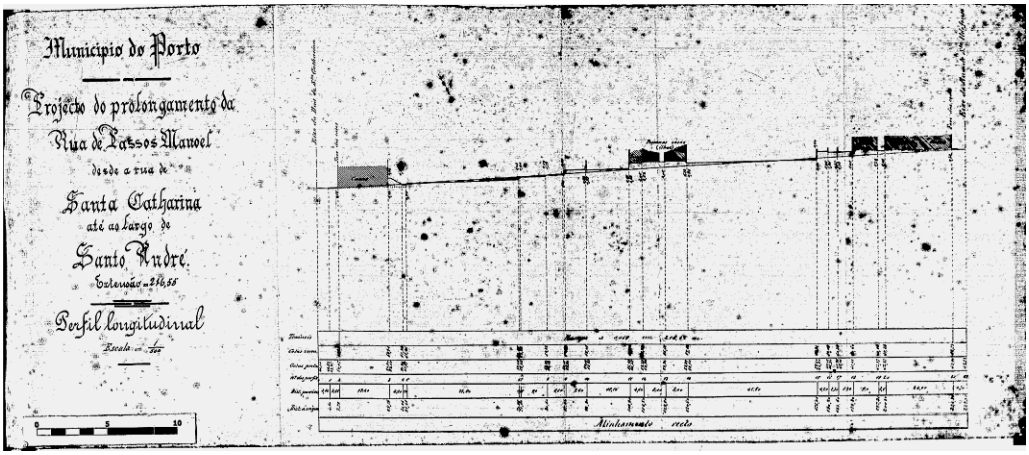
As edificações existentes na Rua Santa Catarina e na Rua Sto. Ildefonso apresentam um posicionamento perpendicular face às ruas a que pertencem, ou seja, desenvolvem a sua construção em profundidade. Assim, a causa do número díspar de casas demolidas entre as duas ruas deve-se ao facto de o traçado da nova via apresentar um ângulo sensivelmente recto em relação à Rua Santa Catarina, acompanhando a orientação das construções, o que permitiu a demolição de somente duas casas, ao contrário do que se verifica nas edificações da Rua Sto. Ildefonso, uma vez que a convergência entre esta via e o novo traçado origina um ângulo agudo, logo a adaptabilidade das edificações ao novo traçado é bastante mais dificultada.

Além deste traçado implicar a demolição de várias casas e logradouros, erradicou igualmente uma ilha e dividiu dois terrenos ajardinados existentes no interior deste quarteirão.

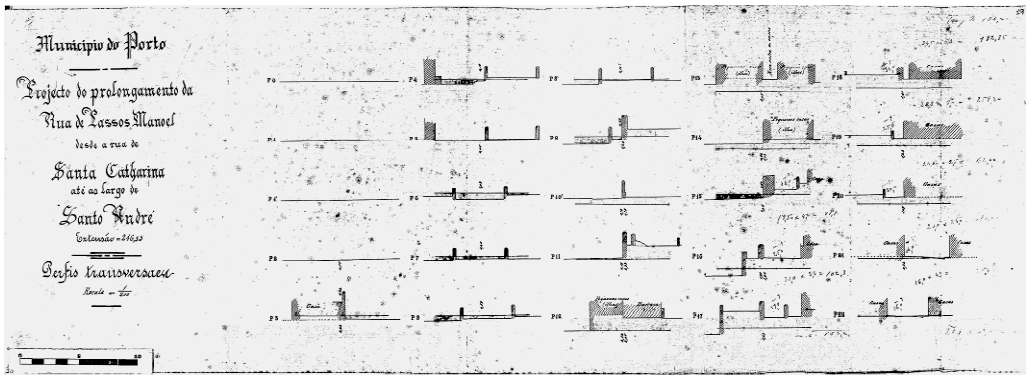
A acompanhar todas estas decisões e informações do projecto registadas em planta, surge como complemento o perfil longitudinal, F16, onde estão expostas diversas informações como por exemplo a indicação do desnível e comprimento da via, o levantamento das cotas do terreno e da distância a que se encontravam as edificações e logradouros aí existentes, assim como a indicação das cotas de porta, que informavam a que cotas se iriam implantar as futuras edificações.



F15 – Pormenor da planta do prolongamento da Rua Passos Manuel, sendo visível o traçado no interior do quarteirão, que divide uma zona ajardinada aí existente.



F16 – Perfil longitudinal do prolongamento da Rua Passos Manuel desde a Rua de Santa Catarina até ao Largo de Santo André, Município do Porto, escala original 1/500.



F17 – Perfis transversais do prolongamento da Rua Passos Manuel desde a Rua de Santa Catarina até ao Largo de Santo André, Município do Porto, escala original 1/200.

Está também identificado o limite e configuração do traçado, sendo este mencionado através da representação do eixo das ruas de Santa Catarina e de Santo Ildefonso e escrito que a via entre estes dois pontos teria um "alinhamento recto". Este perfil longitudinal contém igualmente a indicação do levantamento de vários perfis transversais que foram efectuados numa escala de maior definição, passando assim da escala 1/500 para a escala 1/200.

Os perfis transversais, F17, abordam e representam com maior pormenor e descrição os pontos-chave e os pontos de maior conflito existentes ao longo do terreno que iria receber a nova via, representando as cotas, os limites e dando a indicação de quais as transformações a efectuar para a abertura do prolongamento da rua Passos Manuel.

A existência de todo este material gráfico revela que, nas duas décadas finais do século XIX, a abertura/prolongamento de uma nova via requeria o rigor e a exactidão de um projecto minucioso e descritivo, ao contrário do que acontecia em décadas anteriores, sendo estudado cada pormenor e alinhamento. Certo é no entanto, que o traçado deste prolongamento causou inúmeras situações complexas, pelo que o único método possível de as resolver ou contornar, seria de facto um levantamento exaustivo e um projecto concreto.

Com a abertura do prolongamento da rua Passos Manuel em 1885, o comprimento total da via desde a rua Sá da Bandeira até à rua de Sto. Ildefonso apresentava cerca de 390 metros medidos desde o eixo da rua Sá da Bandeira até ao eixo da rua de Sto. Ildefonso frente ao Largo dos Poveiros, aparecendo representada pela primeira vez na Planta da Cidade do Porto de 1892 realizada por Augusto Gerardo Telles Ferreira, F18.

Nessa planta é ainda visível junto do cruzamento entre a rua em estudo, a rua de Sto. Ildefonso e a Rua da Alegria, as edificações que se mantiveram após a abertura da rua e que prejudicavam o alinhamento do traçado a norte, uma vez que este, era abruptamente interrompido pelo surgimento de empenas que se estendiam até perto do eixo da via, causando uma diminuição da largura nesse ponto especifico. Esta situação perdurou alguns anos até 1914, ano em que foi aprovado o primeiro projecto de reestruturação do desenho da via naquele ponto da rua, F19. Assim, a planta demonstrava a intenção da união entre as linhas de fachada da Rua Passos Manuel


Rua de Passos Manuel
Rua de Passos Manuel
Rua de Passos Manuel
Rua
Rua
Rua

e da Rua da Alegria, causando a demolição parcial de algumas edificações, assim como a demolição total de algumas edificações situadas entre o término da via e o Largo de Sto. André, permitindo desta forma uma maior amplitude na recepção do cruzamento das três vias.

Anos mais tarde, em consequência da abertura da Avenida da Liberdade (1917), foi aprovado em 1927 um projecto que previa o alinhamento das fachadas da Rua do Bonjardim e novo prolongamento da Rua Passos Manuel, F21, dando desta forma continuidade a esta via, transformando-a decisivamente numa artéria de extrema importância capaz de permitir de forma rápida e directa a ligação entre a zona Oriental e a zona Ocidental da cidade do Porto.


Rua do Passos Manuel
Rua do Passos Manuel
Rua do Passos Manuel
Rua do Passos Manuel
Rua
Rua
Rua

3. Análise morfológica da Rua Passos Manuel

O desenho urbano praticado no século XIX continuou as regras tradicionais de composição do espaço e de relacionamento entre os seus elementos morfológicos, ou seja, a rua, o quarteirão subdividido em lotes, os edifícios (e logradouros) e as fachadas, eram conjugados no sentido de desenvolver e orientar a relação funcional da cidade.[25]

A abertura de uma rua pressupunha o loteamento dos terrenos adjacentes para posterior construção de edificações, sendo que estas, através do desenho dos seus alçados, eram responsáveis pela organização espacial da sua extensão, assumindo assim, em conjunto, a função de elemento definidor do espaço urbano.

3.1. A confrontação com as pré-existências – a abertura no interior do quarteirão.

A nível morfológico o lote é criado pela relação que estabelece com a frente de rua e com o construído fronteiro.

Uma vez que o traçado da Rua Passos Manuel rasgou quarteirões já construídos, resultaram situações particulares de confrontação com as pré-existências que se caracterizaram por uma multiplicidade de condicionantes, às quais o loteamento da nova rua teve de se adaptar e contornar, resultando em lotes com configurações diversificadas.

Aquando da abertura da primeira fase da rua, o quarteirão por ela rasgado apresentava um miolo maioritariamente livre, existindo edificações no cruzamento com a Rua Santa Catarina e logradouros provenientes das edificações com frente para a Rua de Sto. António. Junto da Rua Sá da Bandeira, uma vez que a sua abertura foi praticamente em simultâneo com a abertura da rua em estudo, a divisão do terreno apresenta-se mais adaptada e relacionada nas suas confrontações, assim como a

[25]J. M. Ressano Garcia Lamas, *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, J.N.I.C.T., 1993, pp.86-88

existência da Travessa Passos Manuel originou por si só um limite na configuração dos lotes.

Contrariamente ao que aconteceu na primeira fase, o prolongamento do traçado da Rua Passos Manuel, provocou um confronto com as pré-existências bastante limitador, principalmente devido à convergência entre este e o traçado da Rua Sto. Ildefonso, causando uma diminuição na profundidade do terreno para construção, e, por consequência, uma grande proximidade aos terrenos já edificados. Se por um lado existiu um estrangulamento da área a construir, por outro a existência de uma área ajardinada localizada sensivelmente ao centro da extensão da rua, causava igualmente uma dificuldade acrescida no loteamento desta fase da rua. Esta área ajardinada que foi atravessada pela nova via, demonstra contornos bastante irregulares, tendo um desenvolvimento crescente da sua área para o interior do quarteirão.

Sendo que a cidade do Porto apresenta uma configuração tradicional de lote com frente estreita e profundidade alongada, dando preferência a um posicionamento perpendicular face à rua, a abertura de uma via em que o seu traçado origina uma grande proximidade às pré-existências resultando em confrontações singulares, como é o caso da Rua Passos Manuel, demonstra um exercício, nem sempre fácil, de adaptação e divisão dos seus lotes.

Tendo presente que "o edifício não pode ser desligado do lote ou superfície de solo que ocupa. O lote não é apenas uma porção cadastral, é também a génese e fundamento do edificado. O lote é um princípio essencial da relação dos edifícios com o terreno"[26], toda esta diversidade de configuração de lote presente na Rua passos Manuel, originou, por consequência, uma diversidade de configuração dos edifícios e dos seus alçados. Assim, para compreender a configuração da edificação e a sua relação com a rua, é necessário numa primeira análise compreender a configuração do lote e a sua relação com a rua.

---

[26] J. M. Ressano Garcia Lamas, *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, J.N.I.C.T., 1993, p. 86

3.2. Caracterização do Loteamento

Sendo desconhecida a existência de uma planta de loteamento referente a qualquer uma das fases de abertura da Rua Passos Manuel, terei como referência para esta análise a Planta da Cidade do Porto de 1892 realizada por Augusto Gerardo Telles Ferreira, que tendo sido efectuada numa data posterior à abertura de qualquer uma das fases, representa à escala original de 1/500 todos os limites cadastrais existentes na cidade.

Na primeira fase de abertura da Rua Passos Manuel, compreendida entre a Rua Sá da Bandeira e a Rua Santa Catarina, a área livre de quarteirão obtida pelo traçado da via permitiu a existência dos tradicionais lotes de frente estreita e profundidade alongada com um posicionamento perpendicular face à rua. No geral, estes lotes expõem uma frente com sensivelmente 6,50 metros e uma profundidade variável entre os 20 metros e os 35 metros, não tendo em consideração a área de logradouro, que aliás é praticamente inexistente nestas novas edificações da rua.

Excepções a esta "regra" são os lotes de gaveto em que a face voltada para a rua em estudo corresponde à profundidade dos mesmos. A configuração destes lotes de gaveto presentes nesta fase da rua, resultam de duas situações distintas, ou seja, de um lado os lotes de gaveto com a Rua Santa Catarina, surgiram após a demolição das casas adjacentes para a abertura da via, deixando visível na nova frente urbana as empenas, com cerca de 15 metros de largura, e logradouros, com cerca de 30 metros de largura. Contrariamente a esta situação, os lotes de gaveto com a Rua Sá da Bandeira surgem como sendo pensados para o fim a que se destinam, uma vez que a abertura destas duas ruas foi praticamente realizada em simultâneo denota-se que foi permitida a possibilidade de uma configuração de lote de gaveto estudada. No entanto, à semelhança dos anteriores, também estes lotes apresentam a frente estreita orientada para a rua com maior extensão construída, deixando a profundidade dos mesmos orientados para a Rua Passos Manuel. Desta forma, na frente da Rua Passos Manuel um dos lotes apresenta uma largura de 35 metros, sendo compreendido entre a rua em estudo e a Travessa Passos Manuel, enquanto o lote situado no lado oposto tem uma largura de 20 metros.



F22 – Loteamento da primeira fase de abertura da Rua Passos Manuel.



F23 – Loteamento da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel.

Na segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel, o traçado do prolongamento da via entre a Rua Santa Catarina e a Rua Sto. Ildefonso apresenta, ao contrário da anterior, uma maior diversidade de configuração dos lotes.

Do lado norte da rua, situado à esquerda no sentido ascendente entre a Rua Santa Catarina e a Rua Sto Ildefonso, são evidentes alguns lotes de frente estreita e profundidade alongada posicionados perpendicularmente face à rua, um pouco à semelhança dos lotes presentes na primeira fase da rua, no entanto a dimensão da sua frente é variável, expondo medidas entre os 5,50 metros e os 7,50, mantendo no entanto uma profundidade constante de 20 metros aproximadamente. Os lotes com esta configuração ocupam parte da frente da rua, estando localizados entre a área ajardinada e as edificações com frente para Rua Sto. Ildefonso. Os lotes extremos a estes são particularmente singulares, uma vez que a forma de uns condicionou outros. Isto é, o acerto entre o novo loteamento regular e as confrontações aos limites cadastrais pré-existentes resultou num encontro de diferentes ângulos dando origem a dois lotes triangulares, com frentes de aproximadamente 15 metros. Na restante frente de rua é visível um lote de gaveto com Santa Catarina ocupado pela edificação pré-existente e logradouro com cerca de 70 metros de largura, sendo que metade corresponde ao espaço ocupado pela empena e o restante pelo logradouro murado. Ao centro do arruamento existente uma frente correspondente à área ajardinada, que apresenta uma largura de sensivelmente 25 metros.

No lado oposto da rua, lado sul, verifica-se a existência de lotes com configuração tradicional, no entanto devido às confrontações assumiram uma posição de sensivelmente 45º face à rua. Esta posição de lote em ângulo não recto à rua permitiu uma adaptação e alinhamento às preexistências, mas principalmente permitiu ganhar uma maior profundidade no terreno. Desta forma, estes lotes apresentam frentes estreitas entre os 6,50 metros e os 7,50 metros e profundidades alongadas, entre os 20 metros e os 30 metros.

Outra situação particular é a existência de lotes de frente extensa, resultantes do loteamento do logradouro pertencente ao edifício de gaveto com a Rua Santa Catarina, situação que não foi adoptada no lado norte da rua. Estes lotes apresentam uma frente variável entre os 15 metros e os 19 metros e uma profundidade igualmente variável entre os 3 metros e os 8 metros, ou seja, verifica-se uma rotação da posição do lote face à rua transportando assim para a frente urbana a dimensão da habitual profundidade. Sensivelmente a eixo da extensão desta fase da rua, é visível parte da área ajardinada cortada pelo seu traçado, que neste caso apresenta uma menor

dimensão no seu interior, mas uma frente de rua com características semelhantes, tendo uma largura de 20 metros.

Relativamente aos lotes de gaveto do lado norte entre a rua em estudo e a Rua de Sto Ildefonso, estes já continham pré-existências que prevaleceram durante alguns anos, tendo sido posteriormente efectuado o seu alinhamento através do recuo e reconstrução das suas fachadas. Já do lado sul, o ângulo agudo originado pela convergência da Rua Passos Manuel com a Rua Sto Ildefonso, provocou uma diminuição na profundidade do lote e a demolição de parte de algumas edificações, obrigando estas a construírem fachada para a nova via, resultando deste facto edifícios implantados em lotes com duas frentes de rua. O lote de gaveto presente no extremo desta convergência apresenta uma configuração triangular, no entanto o gaveto é realizado em arco de circunferência, voltando-se desta forma para as duas frentes de rua.

São visíveis claras diferenças entre o loteamento da primeira e segunda fases da Rua Passos Manuel. A primeira fase apresenta um loteamento mais regular de acordo com o tradicional lote da cidade do Porto, tendo sido possível devido ao posicionamento do traçado no quarteirão que permitiu a existência de espaço disponível para tal configuração. Ao contrário, a segunda fase revela um loteamento bastante diversificado, mostrando a dificuldade da compartimentação de um terreno com inúmeras confrontações e com um estrangulamento do seu espaço disponível para construção. A segunda fase é o espelho de um prolongamento com um traçado menos reflectido que condiciona o loteamento regular, mas mesmo assim demonstra a necessidade e vontade de tentar compatibilizar o espaço disponível com as pré-existências na procura do lote tradicional. Assim, apesar desta diferença, verifica-se a predominância do lote de frente estreita e profundidade alongada, havendo no entanto uma alteração na medida da frente de lote. Ou seja, os lotes da primeira fase apresentam frentes com 6,50 metros sensivelmente, enquanto na segunda fase já se verifica a existência de frentes de lote com 7,50 metros.

3.3. Evolução da ocupação e construção da frente de Rua

Se na segunda metade do século XVIII, com a criação da Junta das Obras Públicas, toda a estrutura viária obedecia à definição prévia de um parcelamento regular do terreno e a princípios de composição das fachadas, sendo que o projecto de abertura de uma nova rua era sempre acompanhado pelo desenho dos alçados a edificar, passado cem anos, na segunda metade do século XIX, verificava-se "um grande investimento económico e técnico no que respeita à abertura de novas ruas, e um grande comedimento no seu preenchimento. Nesse período havia um desfasamento entre o tempo que se levava a abrir um arruamento e o tempo que se levava a preenchê-lo."[27]

A abertura da Rua Passos Manuel não teve, em nenhuma das suas fases de abertura, um projecto regularizador e orientador da construção de conjunto do seu edificado, sendo este desenvolvido à medida que era apresentada uma proposta de construção por parte do proprietário do lote correspondente, desta forma, a ocupação total da frente urbana demorou anos até estar totalmente preenchida. Outro factor que condicionou a construção nesta rua foi o facto de as edificações terem de se adaptar às múltiplas condicionantes topográficas e morfológicas.

No século XIX "os pedidos de licença de obra fizeram-se até à última década de Oitocentos com base num desenho de alçado, a que se chamava "planta", e sobre a qual o técnico camarário se pronunciava com pormenor."[28] Assim, tendo como base de análise a informação histórica disponível relativa às licenças de construção do edificado na Rua Passos Manuel, foi possível analisar os vários momentos da sua ocupação até chegar à frente de rua existente em 1927, ano limite do trabalho proposto.

---

[27] Francisco Barata Fernandes, *Transformação e permanência na habitação portuense : As formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP Publicações, 1999, p. 248

[28] Francisco Barata Fernandes, *Transformação e permanência na habitação portuense : As formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP Publicações, 1999, p. 308



F24 – Cruzamento entre a Rua Passos Manuel, primeira fase lado sul, e a Rua Santa Catarina, estando visível a empena e o muro do logradouro orientados para a rua em estudo. (S7)



F25 – Alçado N1. Edifício de gaveto entre a Rua Passos Manuel e a Rua Sá da Bandeira, situado no alçado norte da rua em estudo.

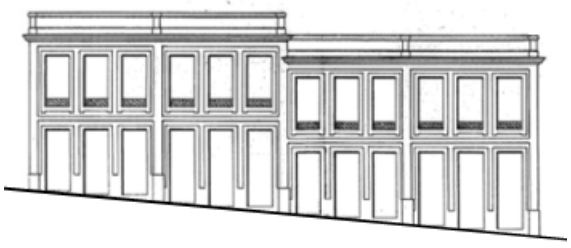
Iniciando em 1877, aquando da inauguração da Rua Passos Manuel, os únicos alçados construídos localizavam-se junto da Rua Santa Catarina e correspondiam a pré-existências cuja edificação se manteve após a demolição dos seus edifícios contíguos para a abertura da rua em estudo. Assim, estes edifícios, designados na planta por N4 e S7, tomaram uma posição de gaveto e deixaram visíveis para a Rua Passos Manuel o alçado cerrado das suas empenas e o espaço vazio correspondente aos logradouros adjacentes.

Três anos após a inauguração da primeira fase da rua, em Agosto de 1880, surgiu a aprovação da primeira licença para a construção de raiz de um edifício que ocupa o lote de gaveto entre a rua em estudo e a Rua Sá da Bandeira, situado no lado norte, estando designado na planta por N1. Sendo este um edifício com duas frentes de rua, o alçado orientado para a Rua Passos Manuel, F25, diz respeito à profundidade da construção, correspondendo assim ao alçado lateral do edifício. Este alçado não ocupa toda a extensão do lote onde se insere, deixando visível a existência do logradouro murado, sendo que esta configuração de construção com logradouro segue a morfologia presente nos restantes edifícios contíguos com frente para a Rua Sá da Bandeira e traseiras para a Travessa Passos Manuel. Este alçado transmite um edifício com quatro pisos, tendo sido aprovada a construção de mais um piso de águas-furtadas, recuado em relação ao plano principal do alçado, um ano após a sua primeira licença. Existe referência da laje de cada piso no desenho de composição do alçado, transportando assim a altura do pé-direito para o seu exterior, demonstrando que cada piso comporta cinco vãos, estando os vãos existentes a eixo da composição do alçado num plano emoldurado por pilastras e saliente relativamente ao restante plano vertical do alçado. Esta saliência estende-se à cornija e à platibanda, enfatizando desta forma o eixo central da composição deste alçado.

Ainda em finais do ano de 1880, existe referência à modificação de um elemento estrutural (platibanda) no edifício de gaveto entre a Rua Passos Manuel e a Rua Sá da Bandeira, situado no lado oposto, lado sul, designado por S1 (F26). É um edifício com três pisos que ocupa a totalidade da área do lote onde se insere, sendo que à semelhança do mencionado anteriormente, tem o seu alçado correspondente à profundidade da construção orientado para a rua em estudo. A referência à altura do pé-direito é transportada para o exterior através da presença de sacadas no primeiro e segundo pisos que acompanham toda a extensão construída do edifício, permitindo também a ligação entre os vãos aí existentes, sendo que o plano do alçado orientado para a Rua Passos Manuel comporta nove vãos. No entanto, a existência destas



F26 – Cruzamento entre a Rua Passos Manuel, lado sul, e a Rua Sá da Bandeira, sendo visível o alçado do edifício orientado para a rua em estudo, S1.



F27 – Alçado S2, situado no lado sul da primeira fase de abertura da Rua Passos Manuel

aberturas nos pisos superiores não é transportada para o rés-do-chão, adoptando aí uma configuração de vão mais largo e por consequência apresentam-se em menor número, ou seja, o rés-do-chão comporta cinco vãos. Desta forma, verifica-se que a existência de um eixo central na composição do alçado está apenas presente ao nível do primeiro e segundo pisos, correspondendo este à ocupação de elementos abertos, ou seja, vãos.

Como referido anteriormente, existe apenas um apontamento particular sobre o edifício atrás mencionado não sendo conhecida a data concreta da aprovação da sua licença de construção, no entanto, é possível afirmar que estes dois edifícios de gaveto, N1 e S1, foram os primeiros construídos de raiz com alçado orientado para a rua em estudo, colmatando desta forma duas frentes urbanas, a da Rua Passos Manuel e a da Rua Sá da Bandeira, e apesar da diferenciação na composição destes alçados, é perceptível que a configuração volumétrica dos edifícios é semelhante, principalmente na forma como foi realizada a articulação, em gaveto chanfrado.

Prosseguindo a análise, verifica-se que o ano de 1881 proporcionou um grande avanço na ocupação deste troço da Rua Passos Manuel, tendo sido aprovadas quatro licenças de construção para edifícios localizados no lado sul, estando estes designados por S2, S4, S5 e S6.

Aprovado no início do ano, a edificação designada por S2, corresponde a um conjunto de quatro casas com dois pisos cada, sendo estas contíguas ao edifício de gaveto S1. Num primeiro desenho de alçado proposto, este conjunto de quatro casas encontrava-se unido por uma platibanda contínua cujo limite superior alinhava pela faixa indicadora da laje de cobertura do edifício S1, mantendo assim um alinhamento entre edifícios. No entanto, devido à extensão da largura do alçado e à pendente da rua, este alinhamento provocava no rés-do-chão de duas das casas um pé-direito bastante elevado, pelo que o desenho final deste edificado optou por um desnível da cércea a eixo da composição, quebrando a continuidade da platibanda e originando uma associação de dois corpos com duas casas cada, que assim ficam com dimensões semelhantes. Com este desnível, a unidade entre os dois corpos afirma-se através do alinhamento entre a cornija e a platibanda, uma vez que a cornija do corpo mais elevado prolonga-se através da platibanda do corpo contíguo, sendo que esta união é ainda mais acentuada pela sobreposição a eixo da composição das cornijas pertencentes a cada um dos corpos desta edificação. Apesar de toda esta demonstração de continuidade, a composição do desenho de alçado separa claramente a unidade habitacional do conjunto edificado através de pilastras que transportam para o exterior



F28 – Alçado S5 à direita e Alçado S6 à esquerda, situados no lado sul da primeira fase de abertura da Rua Passos Manuel.

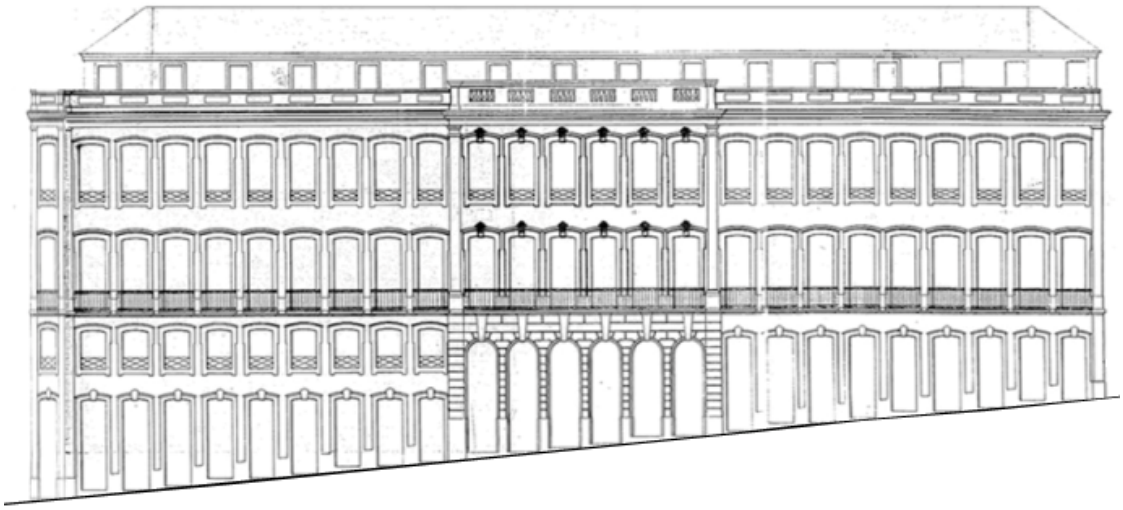
o limite cadastral de cada casa e o faz corresponder aos lotes iniciais, sendo que esta separação é transportada igualmente para a platibanda através de remates salientes alinhados pelas próprias pilastras. O desenho do alçado transporta também para o exterior a medida do pé-direito através da presença de faixas que unem às pilastras e comportam-se como que molduras que enquadram a presença dos três vãos por piso de cada casa.

Em finais de 1881 são aprovadas, em simultâneo, as licenças dos edifícios S5 e S6, que embora não tenham o mesmo requerente, apresentam uma composição de alçado semelhante, diferenciando-se apenas na sua largura, uma vez que o S5 ocupa o lote inicial enquanto o S6 faz uma associação de dois lotes para a sua construção. À semelhança da edificação anteriormente descrita (S2), a separação entre estes edifícios, evidenciada pela presença das pilastras, é contrariada pelo alinhamento entre a cornija e a platibanda dos mesmos, dando desta forma continuidade entre os elementos de composição dos alçados. Ou seja, devido à semelhança do desenho de alçado e à continuidade dos seus elementos de composição, estes edifícios, apesar de terem sido aceites como propostas de edificação separadas, apresentam uma unidade visual permitindo uma leitura de conjunto.

Cada edifício apresenta três pisos, tendo o S5 três vãos por piso e o S6 seis vãos por piso, estando os vãos do primeiro piso em ambos os alçados acompanhados por sacadas individuais. Um ano após a aprovação das licenças de construção, é permitido, mais uma vez em simultâneo, o acrescento de um piso de águas-furtadas em cada edifício, estando esta construção recuada em relação ao plano vertical do alçado. A presença deste piso no edifício S6 contraria a ideia de conjunto assumida no alçado fase à rua, demonstrando através da existência de duas coberturas e da colocação dos vãos a separação das áreas interiores, evidenciando a existência de dois edifícios por trás de um alçado de frente extensa.

A intenção de criar uma unidade entre estes dois alçados é evidente, não só pela composição do desenho de alçado que é igual, transmitindo regularidade à frente de rua, mas, e principalmente, pela associação horizontal entre a platibanda e a cornija que cria uma relação com a pendente da rua. Mesmo tendo diferentes requerentes, o seu conjunto revela preocupação na regularidade e continuidade da frente de rua.

A licença de construção do edifício S4 surge no fim do ano de 1881 e corresponde à primeira edificação não habitacional, pertencendo à Sede da Associação Católica do Porto. Esta construção associou a ocupação de dois lotes, resultando num edifício de frente extensa com dois pisos, em que a altura do pé-direito é superior à



F29 – Alçado N2, situado no lado norte da primeira fase de abertura da Rua Passos Manuel

das anteriores edificações, sendo esta evidenciada no desenho de alçado pela presença de faixas. Apresenta cinco vãos por piso, sendo que os vãos localizados sobre o eixo de simetria da composição do alçado se encontram destacados, através de uma maior amplitude entre as ombreiras do vão do rés-do-chão e da existência de uma sacada que o encima acompanhando o vão do primeiro piso, mas que respeita a largura da padieira do piso inferior.

Após um ano sem propostas para edificações, em finais de 1882, surge a aprovação para a construção do edifício com maior frente de alçado edificada nesta rua. Estando situado no lado norte, o edifício designado por N2, associou oito lotes para a sua construção, sendo que um deles é de gaveto com a Travessa Passos Manuel. Tendo duas frentes urbanas, o seu alçado principal está orientado para a rua em estudo e demonstra um edifício com três pisos, comportando em cada um deles vinte e quatro vãos, sendo que um ano mais tarde foi aprovado o acrescento de mais um piso de águas-furtadas, recuado em relação ao plano principal do alçado, e onde são visíveis apenas quinze vãos.

O desenho deste alçado, F29, mostra uma composição tripartida, onde é destacado um plano central, que abrange seis vãos por piso, delimitado por pilastras que terminam numa cornija de coroamento encimada por uma secção da platibanda ligeiramente mais elevada e composta por balaustrada interrompida. Além dos elementos atrás descritos, destaca-se também neste plano central o revestimento em pedra da área de alçado correspondente ao piso de rés-do-chão, a existência de padieiras em arco de volta perfeita nos vãos deste mesmo piso e a colocação de uma sacada corrida que o encima e permite a união entre os vãos do primeiro piso. Nos dois planos laterais a este, os vãos do primeiro piso apresentam sacadas individuais e a platibanda é cerrada.

A existência de uma frente de alçado extensa numa rua com forte pendente originou uma diferença significativa no pé-direito do rés-do-chão proporcionando a inclusão de um piso intermédio, entre o rés-do-chão e o primeiro piso, no plano à esquerda do plano central, ou seja, onde o edifício atinge maior altura construída. Assim, são visíveis pequenos vãos que correspondem ao piso intermédio, provocando uma assimetria na composição geral do alçado fazendo com que o eixo de simetria apenas seja realmente considerado ao nível do primeiro e segundo pisos.

O alçado N2 transmite uma mudança na forma de construir e por consequência de criar frente de rua, sendo que através da associação de lotes cria uma



F30 – Alçado S3 à direita e Alçado S4 à esquerda, situados no lado sul da primeira fase de abertura da Rua Passos Manuel.





F31 – À esquerda, fachada do Ateneu Comercial do Porto (S3) em finais do século XIX, onde é visível o portão contíguo de acesso ao interior do quarteirão.

À direita gravura da fachada do Ateneu e parte da fachada do edifício contíguo (S4).

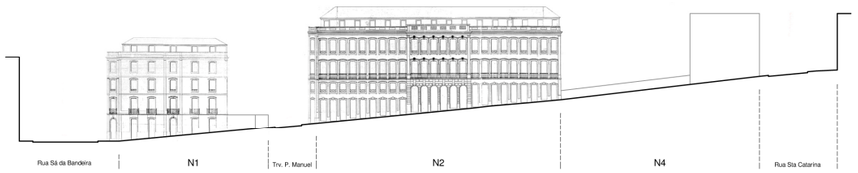
frente de alçado contínua, que unifica o traçado urbano e dá continuidade à leitura espacial da rua.

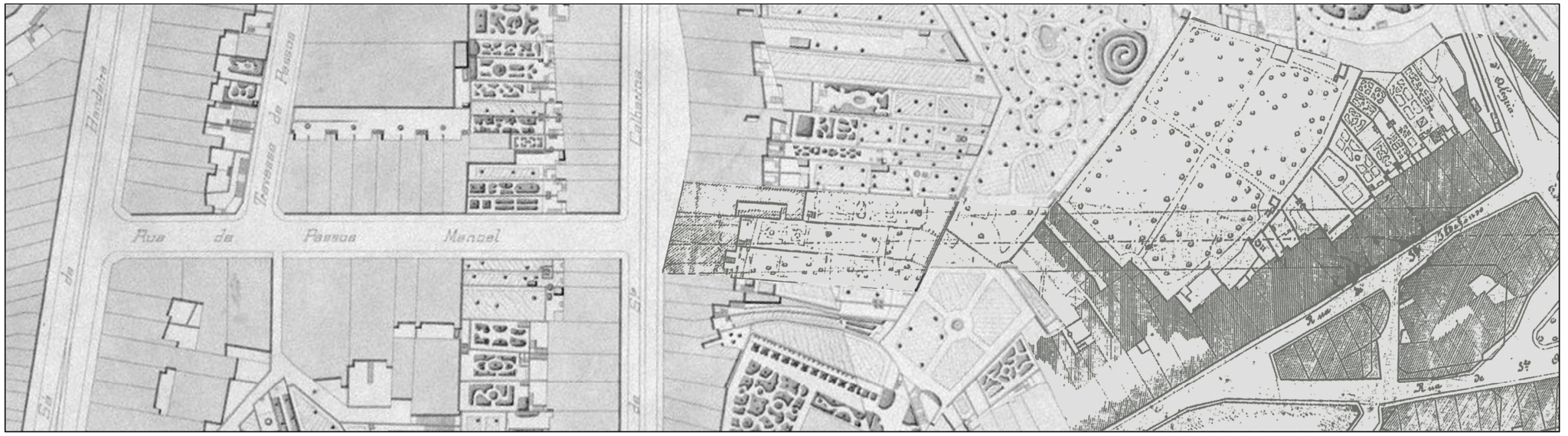
Este edifício foi o último a ser construído no lado norte da Rua Passos Manuel antes da abertura do seu prolongamento, sendo também o edifício central desta extensão. Ou seja, o plano central da composição do alçado N2 coincide com o eixo central da extensão da primeira fase da rua.

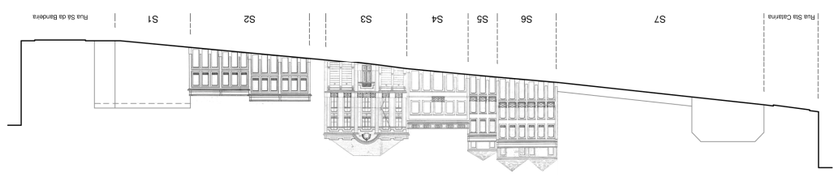
No lado oposto, lado sul, a encerrar as construções antes da abertura do prolongamento da via, em 1883 foi aprovada a construção do edifício da sede do Ateneu Comercial do Porto. Este edifício de três pisos, designado por S3, associou aproximadamente três lotes para a sua construção e destaca-se das restantes edificações pela composição minuciosa do seu alçado que desde logo esta presente no desenho de alçado apresentado à Câmara, uma vez que o nível de pormenorização é muito superior, estando visível por exemplo o desenho das caixilharias dos vãos, pormenor que não era tido como relevante no desenho dos outros alçados uma vez que não era representado. No entanto, neste desenho de alçado a caixilharia é um elemento com forte presença já que se enquadra na composição dos elementos estruturais, havendo por exemplo, um contorno das bandeiras do vão central do rés-do-chão e dos vãos do segundo piso pelas padieiras em cantaria.

Este alçado demonstra particularidades distintas em relação às outras edificações, destacando-se desde logo pela sua composição central que enquadra todo o alinhamento vertical dos vãos por pilastras que terminam na cornija interrompida por um frontão curvo. Esta verticalidade transmitida no eixo de composição do alçado tem continuidade na configuração dos próprios vãos uma vez que existe uma união no alinhamento vertical dos vãos do primeiro e segundo pisos transmitida pela existência de ombreiras contínuas que partem do soco existente no primeiro piso e terminam na padieira, igualmente contínua, que remata os vãos do segundo piso. Há ainda que destacar a singularidade da composição do alçado no rés-do-chão, sendo que apenas o vão central é permeável comportando a única comunicação com a rua, havendo no entanto uma simulação de vãos laterais pelo recuo dos planos entre ombreiras que resultou da "substituição das vitrinas do pavimento térreo por persianas caneladas"[29]. Assim, há uma clara separação entre o piso do rés-do-chão e os pisos superiores, apresentando uma composição mais cerrada em oposição à abertura transmitida pela

[29] Gaspar Martins Pereira; Luciano Vilhena preira, *Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)*, Porto: Ateneu Comercial do Porto, 1995, p. 43









F32 – Rua Passos Manuel em 1884

continuidade vertical dos vãos dos pisos superiores. No primeiro piso a existência do soco que abrange toda a largura edificada é interrompida pelas sacadas cuja largura alinha pela abertura dos vãos, sendo que a sacada e os vãos que se encontram a eixo da composição do alçado são mais largos que os restantes. A encerrar toda a composição do alçado encontra-se a cornija denteada encimada pela platibanda que igualmente apresenta elevações no alinhamento dos vãos. Ambas são interrompidas ao centro da composição do alçado pela presença do frontão curvo, e igualmente denteado, que recebe o brasão desta associação. A cornija contorna as pilastras laterais ficando saliente em relação aos limites do edifício. Aquando da inauguração do edifício, a Comissão de Obras, caracterizou-o como tendo "uma sumptuosa aparência exterior; e, interiormente, tem uma distribuição ampla e confortável, que tem valido os mais sinceros aplausos de quem o visita e admira."[30]

Ao nível da relação com o edificado vizinho, de um lado está presente o portão de acesso ao caminho pedonal que se manteve depois da abertura da rua, visível na F31, enquanto que no lado oposto "um acordo levado entre a Comissão de Obras e a Associação Católica, sediada contiguamente ao Ateneu"[31] decidiu que "a parede comum às duas associações ficava com uma altura e espessura que favorecia a edificação do Ateneu, enquanto que à Associação Católica foi permitida a utilização da meação da parede alteada para os propósitos que entendesse."[32]

Mantendo a mesma lógica de composição de alçado, mas destacando-se e individualizando pela diferente conjugação entre os elementos formais de composição, a contiguidade dos alçados S3 e S4 (F30) marcam o eixo central da frente urbana no lado sul da primeira fase da rua. Funcionando como conjunto na medida em que as suas composições se destacam das restantes, cada alçado individualiza-se a si próprio, o S3 pela verticalidade dos vãos e sumptuosidade do término superior da composição, e o S4 pela centralidade da sua composição e grandiosidade da abertura dos vãos.

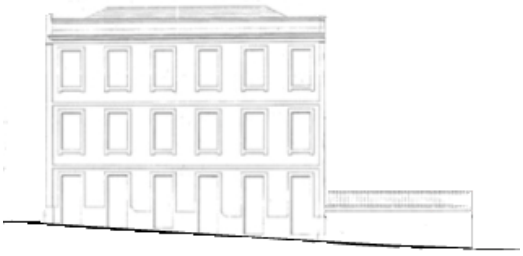
Na primeira fase de abertura, F32, observa-se a preocupação na regularização da frente urbana com a existência de alçados de frente extensa que unificam e transmitem continuidade à rua. É igualmente visível uma estratificação entre pisos, verificando-se uma relação da rua com o piso térreo em detrimento do distanciamento

---

[30] Gaspar Martins Pereira; Luciano Vilhena Pereira. *Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 1995, p. 45
[31] Gaspar Martins Pereira; Luciano Vilhena Pereira. *Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 1995, p. 44
[32] Ibid



F33 – Alçado S19 à direita e Alçado S20 à esquerda, situados no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel.



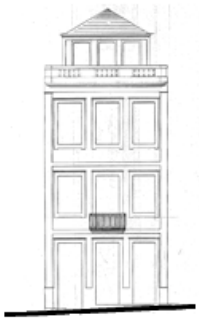
F34 – Alçado S9, situado no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel

desta com os pisos superiores. Esta separação é enfatizada e transmitida pelas sucessivas sacadas que acompanham o primeiro piso de cada alçado, indicando o momento de quebra e transição do que é público e do que é privado. Verifica-se igualmente uma hierarquização na organização espacial da rua com a enfatização dos alçados extremos e centrais do arruamento, que sem descuidar a unificação e continuidade transmitem grandiosidade a esse ponto do traçado pela elevação da cércea, nos gavetos, pela elevação de uma secção da platibanda, eixo lado norte, e pela individualização da composição dos alçados no lado sul.

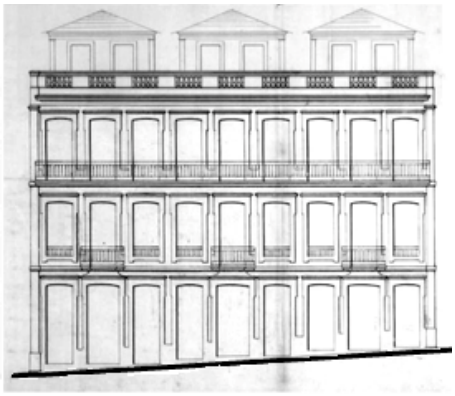
Com a abertura da segunda fase da Rua Passos Manuel, em 1885, as primeiras licenças de obra aprovadas dizem respeito à alteração dos alçados correspondentes aos edifícios pré-existentes designados por S19 e S20, que devido ao traçado da via passaram a ter duas frentes urbanas, tendo assim de reconstruir os seus alçados que anteriormente eram orientados para as traseiras do quarteirão e para os logradouros. Estes alçados apresentam quatro pisos edificados com quatro vãos por piso e são uma duplicação dos já existentes e orientados para a Rua Sto Ildefonso, fazendo com que desta forma os edifícios apresentem a mesma composição de alçado para as duas ruas.

A composição do alçado S19 apresenta ao nível do rés-do-chão um embasamento que assume uma quebra a eixo da composição do alçado de forma a acompanhar o desnível da rua, comportando em cada uma das suas partes dois vãos. Em todos os pisos superiores existe uma sacada que engloba os dois vãos centrais, sendo a base da sacada do segundo piso acompanhada por uma faixa que divide horizontalmente a composição deste alçado reforçando a presença do segundo piso na composição do alçado. Contíguo a este, o alçado S20 apresenta uma faixa ao nível do primeiro piso, tendo no segundo piso uma sacada de pilastra a pilastra que abrange todos os quatro vãos. A encerrar a composição destes alçados encontram-se cornijas dispostas a toda a largura de cada edificação sendo encimadas por platibandas cerradas. Estes alçados representados na F33 revelam uma composição estratificada ao nível do primeiro e segundo piso. Ou seja, ao contrário do que é visível na primeira fase, aqui não existe separação do piso térreo em relação aos superiores, mas antes uma separação entre primeiro e segundo piso, pela faixa no S19 e pela sacada no S20, denotando-se uma configuração de alçado díspar, mas que no entanto poderá ser explicada pelo facto de pertencer a outra rua, ou seja é uma duplicação, estes alçados foram desenhados para outro contexto urbano.

Um ano após a abertura do prolongamento da rua, 1886, surge a aprovação do primeiro edifício construído de raiz para esta fase. Designado por S9, ocupa um dos



F35 – Alçado N9, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F36 – Alçado N10, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F37 – Alçado S16, situado no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel

lotes com menor profundidade de construção localizados no lado sul da rua. Apresenta uma construção com três pisos em que o pé-direito de cada um é transportado para o exterior através da presença de faixas, enquadrando assim os seis vãos existentes em cada piso. A destacar nesta composição de alçado está a dimensão dos nembos que apresentam uma largura igual à largura da abertura dos vãos.

Contíguo ao edifício S9 e igualmente implantado num lote de frente extensa e profundidade reduzida, surge no início do ano de 1889 a aprovação do edifício S10, que à semelhança do anteriormente referido apresenta três pisos edificados e a dimensão dos nembos entre vãos é semelhante. Na composição deste alçado o vão central existente no primeiro piso está destacado dos restantes através da presença de uma sacada e de uma dupla padieira, que desta forma reforça a presença do eixo de simetria da composição do alçado.

Ainda no início do mesmo ano, no lado norte, foram aprovados os edifícios N9 e N10, apresentando ambos três pisos construídos, sendo que a construção do primeiro ocupou um lote demonstrando um alçado de frente estreita que comporta três vãos por piso, enquanto que o edifício N10 associou três lotes para a sua construção demonstrando assim um alçado de frente extensa com nove vãos por piso.

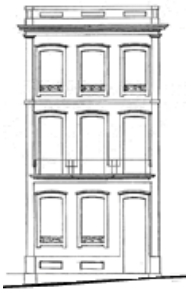
Em ambos os edifícios é visível a construção de mais um piso de águas-furtadas recuado em relação ao plano vertical do alçado, no entanto ao contrário do que sucedeu nas edificações anteriores, a construção destes pisos não ocupam a totalidade da largura do edifício, apresentando-se antes como corpos autónomos e destacados das paredes de meação. No caso do edifício N10, este apresenta três corpos independentes de águas-furtadas estando cada corpo alinhado sensivelmente pela ocupação de três vãos representados no alçado face à rua.

A composição do alçado N9, visível na F35,destaca a presença do vão central do primeiro piso através de uma sacada dando desta forma ênfase à presença do eixo de simetria do alçado, ao passo que no alçado N10, visível na F36, todos os vãos centrais em cada conjunto de três vãos situados no rés-do-chão têm uma largura superior em relação aos restantes e possuem dupla padieira que os une aos vãos do primeiro piso que por sua vez estão acompanhados por sacadas independentes. As cornijas de coroamento que encerram a composição do alçado são encimadas por platibandas interrompidas por balaustrada, estando o espaço ocupado pelos balaústres alinhado pela abertura dos vãos dos pisos em contacto com a rua.

O último edifício aprovado durante o ano de 1889, F37, foi construído no lado sul da rua e a sua edificação abrangeu dois lotes. Este edifício designado por S16, tem



F38 – Alçado N12, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F39 – Alçado N11, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F40 – Alçado S15, situado no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel

características formais semelhantes ao edifício N10, apresentando igualmente uma edificação com três pisos mais um piso de águas-furtadas em que existe o destaque de dois vãos centrais no piso de rés-do-chão, através de uma maior distância entre ombreiras e da presença de dupla padieira que assinala as sacadas que os encimam, assim como a existência de uma sacada contínua de pilastra a pilastra no segundo piso que une os seis vãos aí existentes. Também à semelhança do que acontece na edificação anterior, o piso de águas-furtadas deste edifício S16 apresenta um número inferior de vãos assim como demonstra uma separação da sua construção, sendo no entanto esta divisão realizada só a nível das coberturas.

No ano seguinte, em 1890, foram aprovados três alçados, sendo que o primeiro diz respeito ao alçado N12 situado no lado norte da rua e os outros dois, tendo sido aprovados em simultâneo, dizem respeito ao alçado N11 do mesmo lado da rua e ao alçado S15 situado no lado oposto, lado sul.

Os edifícios N11 e N12 são contíguos e apresentam ambos três pisos edificados, tendo o N12 mais um piso de águas-furtadas recuado em relação ao plano vertical do alçado. A composição destes dois alçados tem como base um embasamento comum que permite a existência de uma cota fixa à entrada do rés-do-chão, assim como uma relação directa entre os elementos formais dos dois alçados, facilitando o alinhamento entre as sacadas do primeiro piso, a continuidade visual das faixas do segundo piso, o alinhamento das cornijas e das platibandas. Assim, embora tenham sido aprovados como alçados independentes, a sua relação e semelhança demonstra uma forte intenção de unidade, sendo possível até a visualização de um eixo de simetria sobre a pilastra de meação.

Em ambos os alçados estão visíveis três vãos por piso, no entanto ao nível do rés-do-chão, o alçado N12 tem três vãos de porta enquanto o N11 apenas tem um vão de porta junto da parede de meação de ambos os edifícios, sendo os outros dois vãos de peitoril.

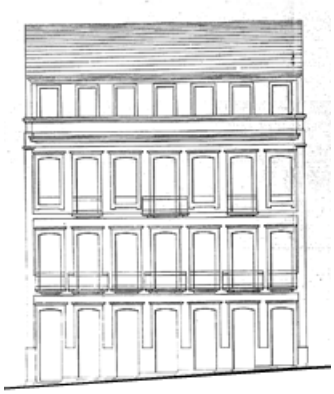
No que diz respeito ao edifício S15, a sua localização é contígua ao edifício S16, no entanto só ocupou um lote na sua edificação. Este alçado demonstra um edifício de três pisos com três vãos em cada um, mais um piso de águas-furtadas com a abertura de dois vãos. A composição dos elementos deste alçado é igual à do alçado contíguo, tendo igualmente o vão central do rés-do-chão mais largo e encimado por sacada, assim como a presença de uma sacada contínua de pilastra a pilastra no segundo piso. A relação deste alçado S15 com o alçado anteriormente edificado S16 assenta no alinhamento entre a platibanda do primeiro com a cornija do segundo.



F41 – Alçado N13, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F42 – Alçado N14, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F43 – Alçado N15, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel

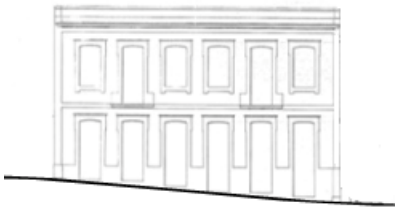
Estes três alçados aprovados no mesmo ano apresentam composições de alçado que mantendo a configuração geral dos restantes, os individualizam a nível do piso de rés-do-chão. São todos de frente estreita, mantêm os três vãos que por regra acompanham a implantação da edificação no lote individual e mantêm a sistematização dos elementos formais de composição. No entanto, ao nível do piso térreo o alçado N11 destaca-se pela presença de único vão de porta localizado junto da parede de meação, e o alçado N12 pela presença de um embasamento que permite uma simetria completa da sua composição. O alçado S15, tendo os vãos a acompanharem a pendente da rua destaca o vão central pela maior largura em relação aos outros. A presença das sacadas a hierarquizar a estratificação dos pisos, permite a separação do piso térreo dos restantes, sendo que no entanto no alçado S15 essa marcação está centralizada.

No ano de 1891, surgiu apenas a aprovação do alçado N13 localizado no lado norte da rua. Esta construção que associou três lotes, apresenta apenas dois dos lotes ocupados por dois edifícios geminados com três pisos cada, apresentando a sua separação através da colocação de uma pilastra a eixo da composição que assim clarifica a divisão. Como elemento demonstrador de unidade da propriedade está a cornija contínua que acompanha toda a largura edificada. A ocupação do terceiro lote, é efectuada pela construção de um só piso com um vão ao centro, que poderá indicar a existência de uma oficina. A composição do alçado N13 relativamente ao edificado em altura demonstra uma clara relação com os alçados contíguos N12 e N11, assumindo um conjunto de alinhamentos entre os elementos formais de composição dos alçados que permite a visualização de um conjunto unificado de frente de rua.

Com um ano de intervalo sem qualquer edificação aprovada, em 1893 surgem as edificações contíguas ao alçado atrás mencionado, sendo estas designadas por N14 e N15.

O edifício N14 implantou-se sobre um lote de frente estreita tendo três pisos construídos face à rua, mais um piso de águas-furtadas recuado em relação ao plano principal do alçado. Com três vãos por piso, a composição deste alçado destaca o vão central do rés-do-chão, através de uma maior largura entre ombreiras estando também encimado pela sacada que acompanha os três vãos do primeiro piso e que tem maior saliência no alinhamento do vão central.

Com o mesmo número de pisos e contíguo a este alçado, surge o alçado N15 correspondente a um edifício que associou dois lotes para a sua construção, sendo que um dos lotes apresenta uma configuração triangular. Apresentando-se como um alçado



F44 – Alçado S17, situado no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F45 – Alçado S22, situado no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F46 – Alçado N8 à esquerda e N15 à direita, situados no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel

de frente extensa, são visíveis sete vãos em cada piso havendo um destaque do vão central do primeiro e segundo pisos pela presença de uma sacada com uma largura superior à largura do vão. A presença de sacadas com esta configuração é igualmente visível em outros dois vãos do primeiro piso, havendo uma alternância entre sacadas estreitas, que acompanham a largura das ombreiras dos vãos, e sacadas mais largas que ultrapassam a largura das ombreiras. Nos vãos do segundo piso verifica-se a presença de vãos com sacadas em que a sua largura alinha pelas ombreiras e vãos de peitoril, havendo também alternância entre eles. A cobertura do piso de águas-furtadas deste edifício é única, não sendo visível qualquer separação.

Existe uma relação entre o alçado N15 e o seu contíguo N14 através do alinhamento da cornija do primeiro com a platibanda do segundo.

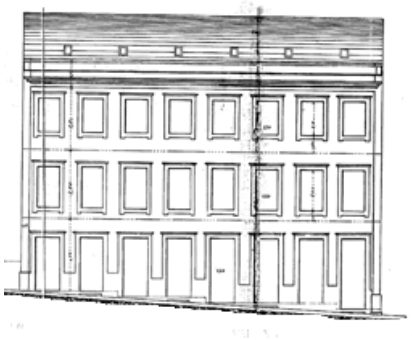
A finalizar as propostas de construção deste ano, é aprovada a construção do alçado S17, correspondendo a um edifício de dois pisos no lado sul da rua que associou dois lotes na sua construção. Sendo contíguo ao edifício S16 não apresenta qualquer intenção de alinhamento dos seus elementos de composição do alçado em relação aos já edificados, no entanto destaca igualmente o vão central de cada conjunto de três vãos no primeiro piso através da presença de uma sacada que os acompanha.

A construir o lote de gaveto entre a Rua Passos Manuel e a Rua Sto. Ildefonso surge, em 1894, o edifício S22 com três pisos que apresenta uma configuração de cunhal em meia circunferência, tendo no entanto um plano vertical delimitado por pilastras orientado para a rua em estudo que corresponde à profundidade da edificação. A composição deste alçado demonstra um edifício com três pisos transportando a medida do pé-direito para o exterior através de faixas, tendo em cada um dos pisos dois vãos.

No ano de 1895 é aprovada a edificação do alçado N8 que apresenta uma composição de alçado exactamente igual à composição do alçado N15, aprovado dois anos antes, havendo apenas uma adaptação da sua cércea ao alçado contíguo N9, que permitiu também um alinhamento de todos os elementos formais de composição de ambos os alçados.

A repetição do mesmo desenho de alçado, visível na F46, acontece numa situação particular, uma vez que a configuração dos lotes onde os edifícios N8 e N15 estão implantados é simétrica.

Todos estes alçados pertencem a edificações cujas implantações foram efectuadas em lotes com configurações bastante irregulares, no entanto a composição



F47 – Alçado S11, situado no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel

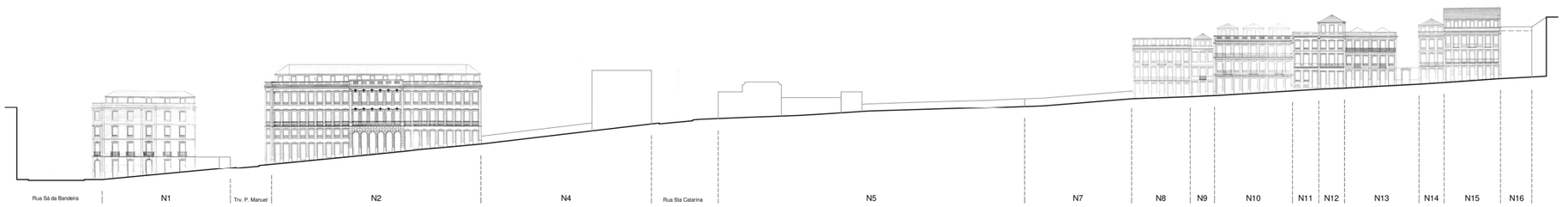


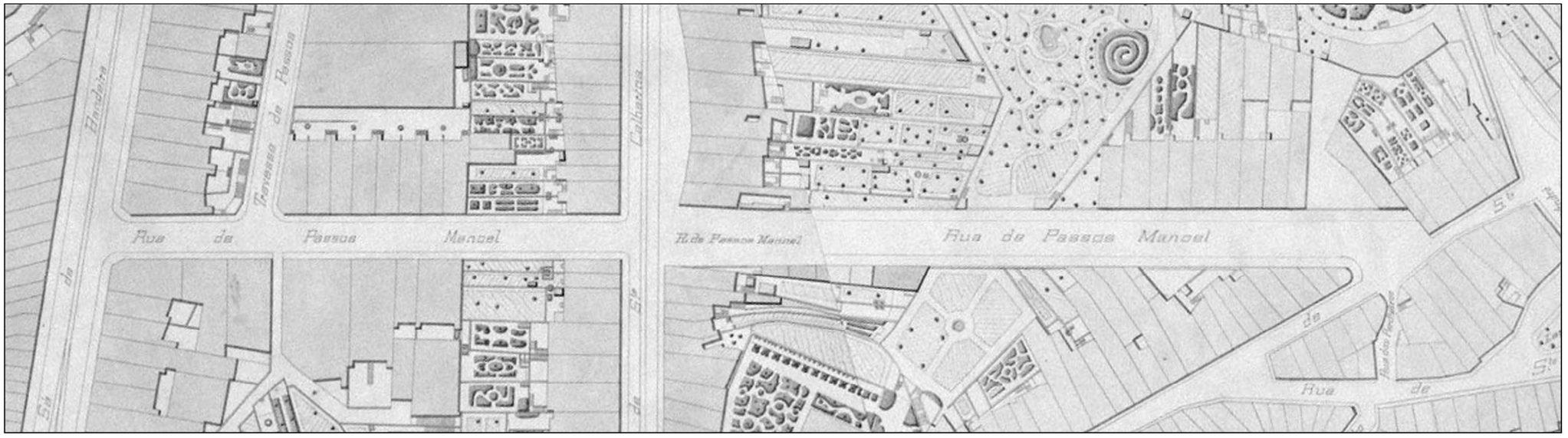
F48 – Alçados S11, S10 e S9, situados no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel

dos seus alçados não reflecte esse aspecto mantendo a sistematização modular dos elementos formais transparecendo uma uniformidade em relação às anteriores edificações, sendo no entanto que no caso do alçado S17, este não apresenta a altura dos três pisos, mas mantém a regra do conjunto de três vãos. Já o alçado S22 suprime um dos vãos, tendo apenas dois orientados para a rua em estudo e os alçados N8 e N15 têm a inclusão de mais um vão em cada piso, mas enfatizam sempre o vão central a cada conjunto de três. Este aspecto transmite claramente uma intenção de manter a sistematização e modelação dos elementos formais, não descuidando assim da relação entre edificados, mesmo que para o interior essa sistematização não seja verdadeira. Assim, a preocupação desta regularidade revela que a composição do alçado enquanto elemento de unificação e continuidade do espaço urbano é muito superior da composição do alçado como expressão do espaço interior das edificações.

Novamente com um ano de intervalo, sem a existência de pedidos de construção, em 1897 é aprovada a edificação do alçado S11 contíguo aos alçados S9 e S10 e implantado igualmente num lote de frente extensa e profundidade reduzida. Este alçado demonstra um edifício com três pisos e a possível existência de um piso de águas-furtadas, uma vez que são visíveis na cobertura seis pequenos vãos (postigos) colocados acima do limite da platibanda, podendo desta forma existir compartimentos a iluminar no interior da cobertura. O alçado demonstra a existência de oito vãos por piso, não havendo qualquer destaque dos elementos formais da sua composição.

Os alçados S9, S10 e S11, apresentados na F48, pertencem a edificações implantadas sobre lotes que sofreram uma rotação da sua posição face à rua, transportando para a frente urbana a dimensão da habitual profundidade. Este aspecto resultou numa configuração de alçado que embora tente aproximar-se das contiguidades demonstra uma composição díspar pela dimensão que os nembos entre vãos assumem, transmitindo uma leitura horizontal do conjunto, estando ainda mais acentuada pela ausência de marcação vertical, sacadas ou pilastras. Estes alçados quebram a uniformidade da frente urbana pela falta de elementos formais que assinalem a compartimentação da verticalidade dos três vãos, que dessa forma aproximava estas composições das restantes e da sistematização utilizada na frente de rua até então.



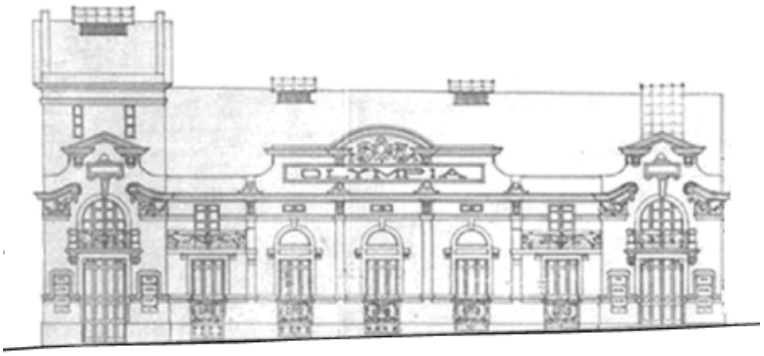


F49 – Rua Passos Manuel em 1900

Com a aprovação do alçado S11, terminam as licenças efectuadas no século XIX, sendo visível até então que a urbanização da segunda fase da Rua Passos Manuel, F49, apresentava uma dificuldade na ocupação de alguns lotes com configuração menos tradicional e, aqueles que mesmo apresentando essa configuração foram ocupados, transmitiam dos seus alçados uma adaptação, no caso dos alçados N8, N15 e S17 ou uma rotura, no caso dos alçados S9, S10 e S11, provocando a descontinuidade da unificação espacial. Assim, verifica-se que no lado norte o posicionamento dos lotes face à rua resultou num conjunto edificado que através da sistematização e alinhamento dos seus elementos formais, transmite continuidade e regularidade à frente urbana, sendo possível, ainda que numa escala menor em relação à primeira fase da rua, a interligação de alçados de frente extensa com alçados de frente estreita, conseguindo dessa forma demonstrar compatibilidade entre duas formas de concepção de frente urbana. Pelo contrário, no lado sul verifica-se a problemática de urbanizar um terreno com área escassa para edificar e uma constante dificuldade em contornar e adaptar as novas construções às pré-existências, resultando num conjunto de alçados com diversas configurações que não conseguiram através da sua composição de alçado evitar a quebra na continuidade da frente urbana.

Em inícios do século XX a rua não apresentava ainda uma frente urbana completa, existindo inúmeros lotes por ocupar e outros ainda ocupados pelas empenas cujas contiguidades foram demolidas na sequência do prolongamento da rua.

Mesmo não sendo conhecidos registos de alçados a edificar na primeira década do século XX, sabe-se que em 1908 inaugurou o Salão Jardim Passos Manuel que ocupou um lote no lado norte da rua com uma configuração bastante particular e central em relação ao traçado, tendo sofrido uma grande ampliação nove anos após a sua abertura. Anterior a esta ampliação, em 1911, surge a aprovação do projecto do Cinema Olympia, designado por N6, que apresenta um edifício de alçado extenso e profundidade reduzida cuja implantação se efectuou em terrenos anteriormente ocupados pelos logradouros das habitações com frente para a Rua Santa Catarina. A configuração deste alçado, F50, apresenta dois corpos laterais destacados pelo recuo do plano central que comporta cinco vãos, estando os contíguos aos corpos laterais encimados por sacada com a presença de um vão de menores dimensões. Os três vãos centrais são encimados por vãos de topo arredondado. Os corpos laterais apresentam um vão cada, encimados por sacadas que são acompanhadas por vãos de padieira redonda, das quais surgem duas chaves que interrompem a cornija e elevam a cércea dos corpos laterais através de um frontão triangular que os remata. A cornija que é



F50 – Alçado N6, Cinema Olympia, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel





F51 – Cruzamento da Rua Passos Manuel, primeira fase lado sul, com a Rua Santa Catarina. Em cima, anterior à construção dos Grandes Armazéns Nascimento (S7); em baixo, com o edifício concluído.

interrompida nestes planos laterais é contínua no plano recuado sendo elevada na direcção dos três vãos centrais e rematada por uma cornija com um frontão central curvo. Sendo um edifício equipamento, a composição do desenho de alçado apresenta-se bastante complexa ao nível da conjugação dos seus elementos de composição e igualmente bastante diferente dos restantes, no entanto parece existir a preocupação de uma aproximação à escala do edifício habitacional no que diz respeito à configuração dos planos laterais, já que apresentam o habitual vão de rés-do-chão encimado por uma sacada existente no primeiro andar que comporta outro vão. Assim, apesar de este edifício não apresentar contiguidade com edificado habitacional, os seus extremos sugerem uma analogia a esse tipo de edificado.

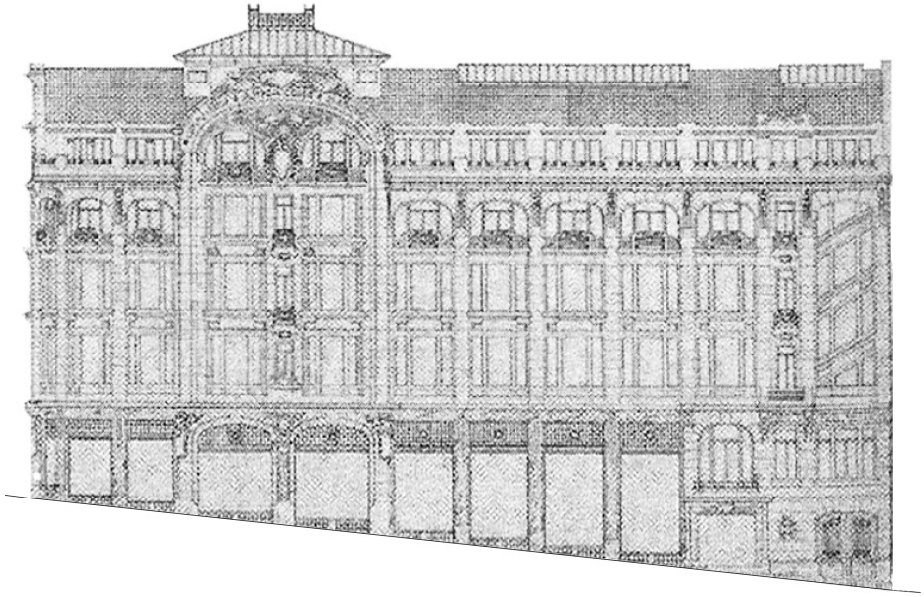
Em 1914 é aprovado o projecto de construção do edifício dos Armazéns Nascimento da autoria do Arquitecto Marques da Silva (1869-1947), que originou a demolição das edificações e dos logradouros adjacentes localizados no gaveto do lado sul da Rua Passos Manuel com a Rua Santa Catarina. Assim, este edifício de gaveto cuja implantação ocupa a totalidade do lote onde se insere, apresenta quatro pisos mais um de águas-furtadas em que "os ritmos das fachadas fazem-se numa nítida progressão vertical, sobretudo a partir da marquise, do rés-do-chão, até ao coroamento com remate neobarroquizante, de diferentes origens, num processo eclético de várias lógicas associativas, possíveis, como exemplo, no Bom Marche parisiense."[33]

O alçado orientado para a Rua Passos Manuel, F52, corresponde à profundidade do edificado e apresenta uma composição clássica onde se destaca o corpo que ladeia o plano curvo do gaveto. Os pisos apresentam um desenvolvimento idêntico em altura, no entanto, no contacto com o piso térreo revela-se diferente uma vez que a composição do alçado estende-se pela forte pendente da rua adequando os espaços expositivos de acordo com a cota possível. Este forte embasamento engloba todo o piso térreo e o subsolo, sendo ambos expositivos apenas existe uma relação visual entre exterior e interior. A rematar a composição do alçado junto da parede de meação com o edifício S6, localizam-se os acessos secundários ao subsolo encimados por uma escada de serviço visivelmente assumida no plano vertical do alçado face à rua.

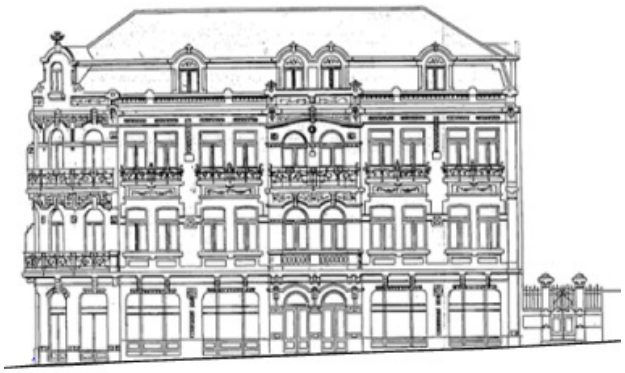
Um aspecto caracterizador do edifício é a utilização da estrutura de betão armado como sistema construtivo de base, sistema cuja sofisticação abre caminho aos

---

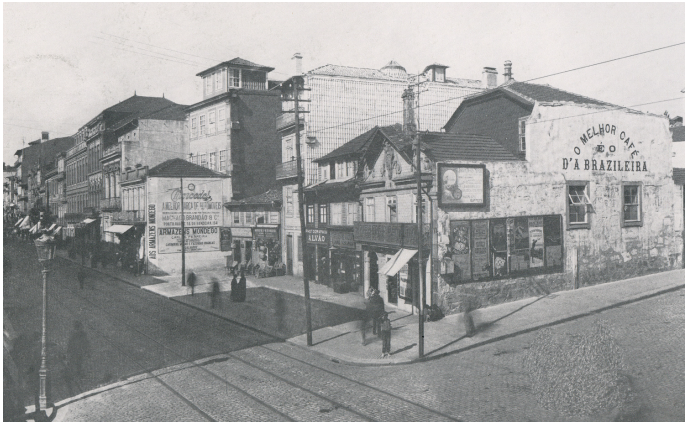
[33] António Cardoso, *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*. Porto**:** FAUP Publicações, 1997, p. 158



F52 – Alçado S7, Armazéns Nascimento, situado no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F53 – Alçado N5, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F54 – Edificação de gaveto entre a Rua Passos Manuel, segunda fase lado norte, e a Rua Santa Catarina anterior a 1916, tendo sido posteriormente demolida, dando origem à edificação com o alçado N5.

dispositivos espaciais interiores e ao apuramento dos recursos formais exteriores, o que permitiu uma maior liberdade no desenho de composição do alçado, sendo desde logo visível a diferença dos vãos aqui presentes em relação às outras edificações. Estes vãos apresentam uma maior abertura entre ombreiras, tendo os localizados no primeiro e segundo pisos padieiras rectas e os restantes padieiras arredondadas. Junto da caixa de escadas de serviço, os vãos acompanham o ritmo dos lances de escada. A terminar a composição do alçado encontra-se a cornija que está apoiada em cachorros localizados disposto ao centro de cada nembo. A cornija é encimada por uma platibanda interrompida por gradeamento, em que os apoios desse mesmo gradeamento são efectuados em pilaretes que se elevam no alinhamento dos cachorros. Tanto a cornija como a platibanda são interrompidas pelo corpo que ladeira o plano curvo do gaveto, sendo que neste corpo as janelas com padieira arredondada só surgem no quarto piso. O remate deste corpo comporta um frontão curvo e está ornamentado com estátuas.

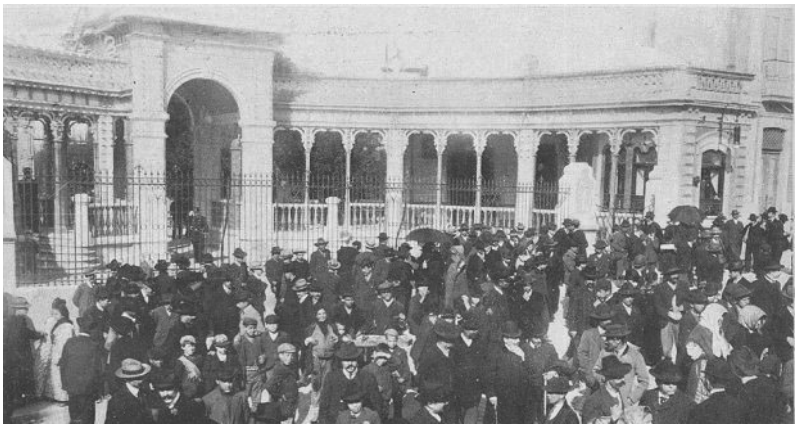
A presença do eixo de simetria na composição do alçado deste edifício é visível no gaveto, não sendo visível a mesma simetria no alçado orientado para a Rua Passos Manuel.

Em 1916 é aprovado projecto do edifício contíguo ao Cinema Olympia que faz gaveto entre a Rua Passos Manuel e a Rua Santa Catarina, tendo a sua construção originado igualmente a demolição das edificações pré-existentes promovendo assim o alinhamento da largura da Rua Santa Catarina naquele ponto. O projecto deste edifício é da autoria do Arquitecto Eduardo da Costa Alves Júnior e apresenta uma construção de três pisos mais um piso de águas-furtadas, em que o rés-do-chão é destinado a comércio, o primeiro piso a escritórios, o segundo piso a habitação e o piso de águas-furtadas é igualmente destinado a habitação mas é composto somente por quartos. Ao contrário das edificações aprovadas até agora, o piso de águas-furtadas deste edifício é construído imediatamente sobre a face posterior da platibanda assumindo assim uma forte presença na composição do alçado face à rua.

O alçado deste edifício orientado para a rua em estudo tem a designação de N5 e apresenta um plano vertical a eixo da composição que se destaca pela presença de uma sacada por piso a toda a largura do mesmo e que termina com uma secção da platibanda ligeiramente mais elevada, mas que se comporta como o resguardo da sacada dos vãos do piso de águas-furtadas. Cada sacada é acompanhada pela presença de dois vãos arredondados no topo, ao contrário dos restantes vãos do primeiro e segundo piso em que o topo é recto. Os vãos do piso de rés-do-chão são mais largos, à



F55 – Alçado N7, Salão Jardim Passos Manuel, situado no lado norte da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



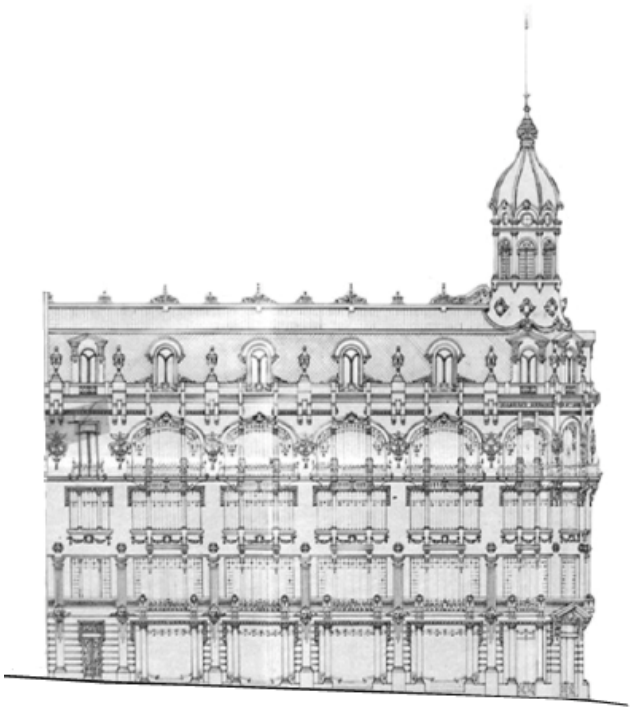
F56 – Vista do Salão Jardim Passos Manuel em 1908.

excepção dos que se encontram no plano central, sendo que a sua largura comporta o espaço ocupado dos dois vãos que os encimam. Os vãos do segundo piso têm sacadas que englobam cada dois vãos e no piso de águas-furtadas surgem dois vãos no alinhamento dos nembos existentes entre os vãos dos planos laterais. A composição deste alçado apresenta uma forte conjugação entre os elementos formais e os elementos ornamentais.

No ano seguinte, em 1917, é aprovada a ampliação da fachada do Salão Jardim Passos Manuel, designada por N7, sendo que para a sua construção é demolida parte da edificação, correspondentemente ao espaço de quatro vãos por piso, do alçado N8. Uma vez que a implantação do edifício é recuada em relação à rua, no alinhamento das fachadas contíguas ao Salão Jardim encontra-se a vedação composta por dois corpos laterais junto das meações sendo o espaço entre eles murado com gradeamento de ferro que é interrompido em três momentos, um dos quais ao centro estando alinhado pelo corpo central do edifício. Os corpos laterais estão delimitados por pilastras com a presença de um vão ao centro e são encerrados por cornijas encimadas por platibandas. Há uma clara correspondência entre os elementos de composição destes dois corpos e os elementos de composição do alçado do edifício, uma vez que as pilastras têm a mesma configuração e, a platibanda destes corpos alinha pela padieira dos vãos do primeiro piso do edifício, que apresenta igualmente a mesma configuração, fazendo com que desta forma exista um alinhamento horizontal entre a altura dos corpos e a altura do piso de rés-do-chão do edifício.

Este edifício equipamento apresenta a existência de dois pisos e tem uma composição tripartida, destacando e separando o corpo central em relação aos corpos laterais, dando-lhe uma maior altura. Todo o alçado é marcado pela forte presença dos vãos que se visualizam em continuidade vertical devido ao recuo da faixa de piso em relação às pilastras.

O corpo central comporta um só vão, com uma largura superior aos restantes, e é encerrado por uma cornija simples encimada por uma faixa que por sua vez é remata por uma cornija composta seguida de platibanda recortada ao centro por nova cornija. Os corpos laterais apresentam uma cércea menor, estando a sua composição encerrada por uma cornija de coroamento encimada por platibanda. Existe um jogo entre o corpo central e os laterais quanto aos alinhamentos entre as cornijas e platibandas. Isto é, a elevação do corpo central é contraposta pela superioridade das cornijas dos corpos laterais que se encontram mais elevadas, no entanto é de seguida



F57 – Alçado S8,situado no lado sul da segunda fase de abertura da Rua Passos Manuel



F58 – Edificação de gaveto entre a Rua Passos Manuel, segunda fase lado sul, e a Rua Santa Catarina anterior a 1920, tendo sido posteriormente demolida, dando origem à edificação com o alçado S8.

retomada uma vez que a platibanda que encima os corpos laterais tem uma menor dimensão e não ultrapassa a altura da platibanda do corpo central.

A presença de um eixo de simetria na composição do alçado face à rua, ou seja no alçado da vedação, é visível, mas em relação ao alçado do edifício é somente perceptível na disposição dos elementos formais de composição, uma vez que um dos corpos laterais apresenta uma maior largura construída.

Em 1920 é aprovada a construção do edifício de gaveto situado no lado sul da rua, pertencendo a sua autoria ao Arquitecto Oliveira Ferreira (1884-1957). O alçado, designado por S8, comunica a existência de um edifício de quatro pisos mais um piso de águas-furtadas, sendo que à semelhança do alçado N5, os vãos deste último piso marcam forte presença na composição do alçado face à rua.

À semelhança dos Armazéns Nascimento, os vãos deste edifício demonstram a presença do avanço no sistema construtivo da época, apresentando uma maior largura entre ombreiras, assim como a existência de vãos com término curvo, como é o caso dos vãos do terceiro piso. De igual forma, este alçado apresenta junto da parede de meação com o alçado S9 a localização dos acessos secundários, no entanto este alçado, ao contrário dos Armazéns Nascimento, não transparece a presença de nenhum elemento de comunicação entre os pisos, optando pela continuidade de configuração dos vãos diminuindo apenas a sua largura. Este ponto de acesso ao edifício é enfatizado no alçado pela presença de um frontão triangular que encerra o vão do último piso.

O alçado demonstra uma intensa ligação entre os seus elementos formais e ornamentais, que se relacionam construindo uma composição clássica com uma nítida progressão vertical que é comportada pelo embasamento que envolve o piso de rés-do-chão. Ou seja, partindo do piso térreo os elementos de composição do alçado conjugam-se, interligam-se e comunicam entre si, transmitindo uma clara progressão entre os diversos pisos, terminando depois na cornija encimada por platibanda que recebe os vãos do piso de águas-furtadas, situados no plano vertical do alçado face à rua.

A relação deste alçado com o seu contíguo efectua-se pelo alinhamento da faixa presente no terceiro piso, que une as bases das sacadas, com a cornija do alçado S9. Apesar de não serem contíguos, o alçado deste edifício apresenta uma forte relação com o alçado dos Armazéns Nascimento, existindo entre eles uma correspondência a nível de cotas dos vários pisos.



F59 – Primeira fase da Rua Passos Manuel onde é visível o alçado N3 à direita e parte do alçado S7 à esquerda.

Para terminar, é de salientar a presença em projecto de um torreão situado sobre o plano de gaveto que não chegou a ser construído.

Com este edifício terminam as referências aos pedidos de licença de obra efectuadas na Rua Passos Manuel até à data em estudo.

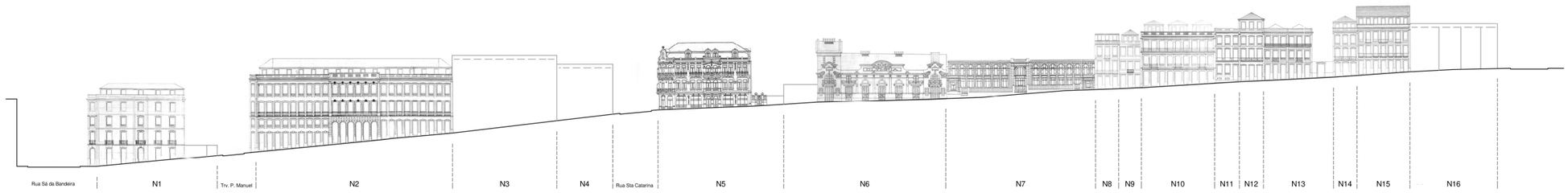
Não sendo conhecidas as datas das suas aprovações, mas tendo como base registos fotográficos, foi possível verificar a existência de mais edificações construídas na primeira e segunda fases da rua.

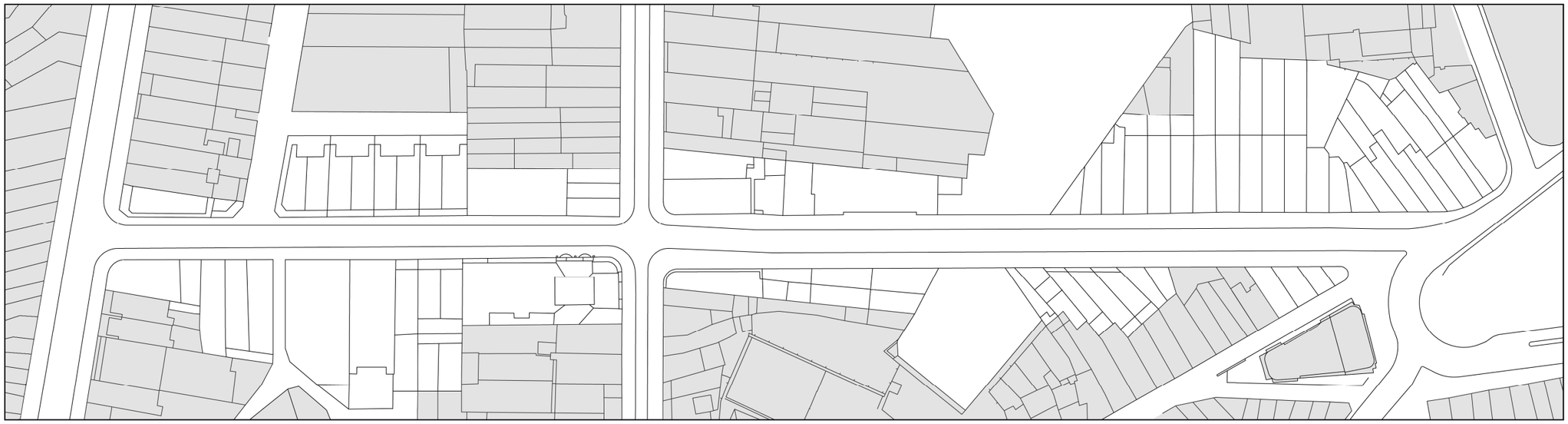
Assim, a F59 mostra um registo fotográfico onde é visível a existência de um edifício implantado no terreno anteriormente ocupado pelo logradouro do edifício N4. Designado por N3, este alçado demonstra um edifício com quatro pisos, tendo em todos eles sacadas. É visível a marcação do eixo central de composição do alçado pela configuração dos vãos, assim como é visível que toda a composição é encerrada por uma cornija dentada e encimada pela platibanda que se encontra interrompida no centro por um frontão. Através deste registo fotográfico é permitido afirmar que em 1927, a primeira fase da Rua Passos Manuel, apresentava uma ocupação total da sua frente edificada

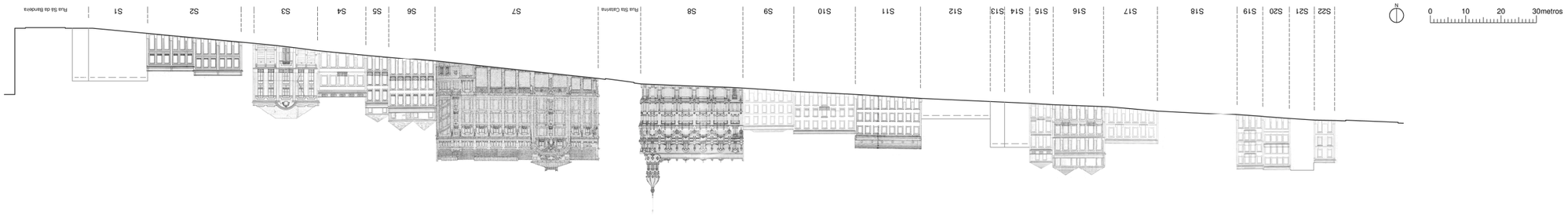
Em relação à segunda fase da rua, num outro registo fotográfico representado na F58, é possível verificar que no lado sul estão construídos os edifícios designados por S12, S13, S14 e S21. É igualmente visível a existência de um espaço livre de construção, designado por S18, sendo desconhecida qualquer edificação dentro do período de tempo em estudo.

Com estes registos é possível analisar que à semelhança da primeira fase de abertura da rua, o lado norte da segunda fase apresenta igualmente os alçados extremos e centrais do arruamento com maior enfatização, ao contrário do lado sul, que apresenta unicamente uma enfatização do alçado de gaveto com a Rua Santa Catarina.

Analisando a frente urbana da Rua Passos Manuel, verifica-se que o loteamento inicial da rua foi muitas vezes dissimulado devido à associação dos mesmos para a construção de edifícios com alçado de frente extensa, assim, concluída a ocupação da frente de rua, detectam-se no lado norte dezasseis alçados construídos e do lado sul vinte e dois alçados construídos.



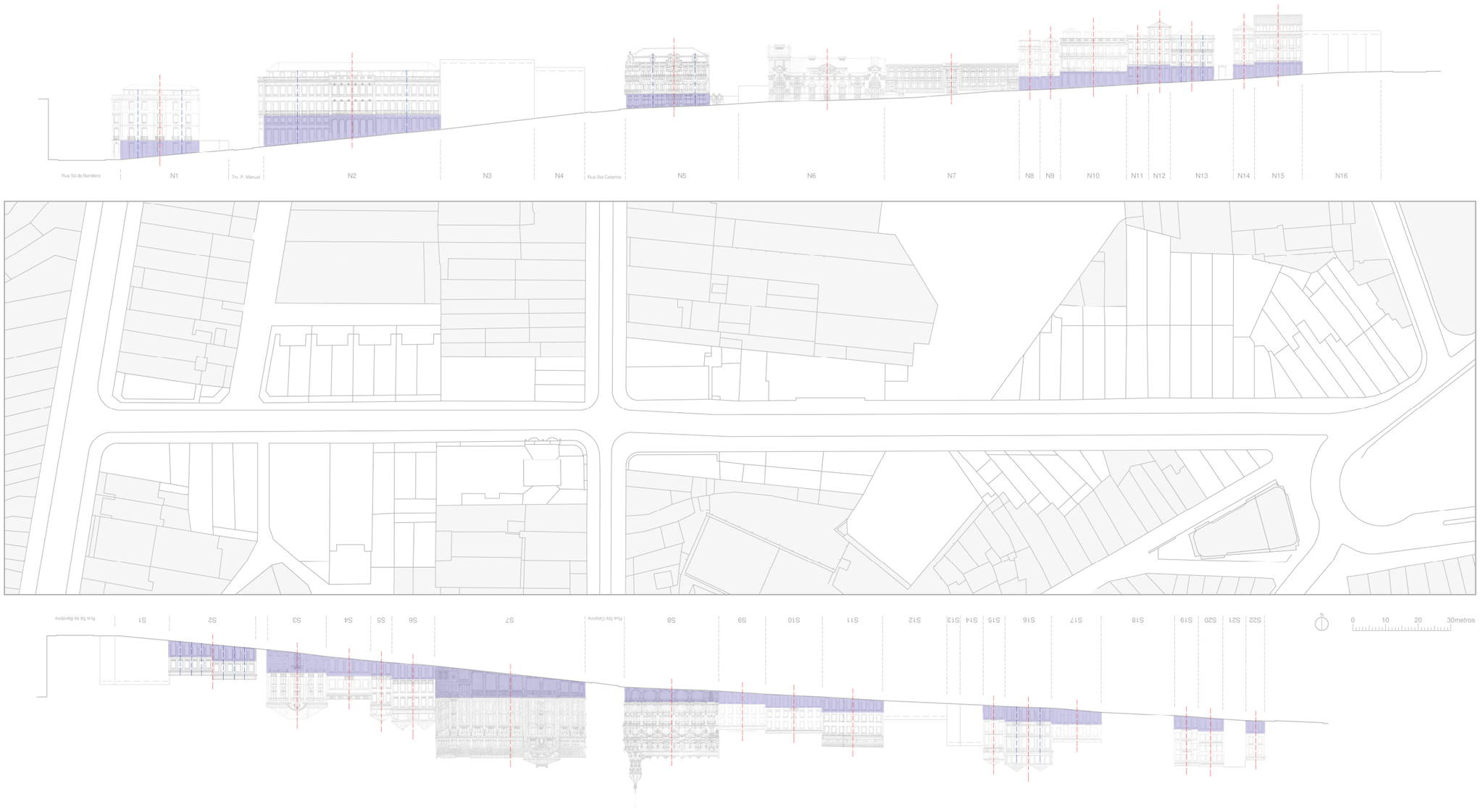




F60 – Rua Passos Manuel em 1927

Confrontando as diferentes fases e os diferentes lados da rua são visíveis discrepâncias entre os alçados edificados na primeira e segunda fase de abertura da rua, sendo que na primeira fase observa-se a preocupação na regularização da frente urbana com a existência de alçados de frente extensa que unificam e regularizam a frente ao mesmo tempo que se conjugam com as contiguidades, sejam elas de frente extensa ou estreita, em ambos os lados da rua Na segunda fase, apesar de existir continuidade no lado norte da rua, o facto de lado a lado terem sido edificados alçados com diferentes configurações temporais, mudança de século, transmite uma certa quebra, sendo possível verifica-la a eixo do traçado, uma vez que à sua esquerda os alçados são todos de produção arquitectónica do século XX e à direita a produção arquitectónica de finais do século XIX é completamente perceptível. O lado sul desta fase revela-se bastante descontínuo uma vez que os alçados apresentam diferentes configurações e diferentes composições de alçado, sendo somente pontual a sua sistematização.

No entanto, é visível que o conjunto dos alçados edificados em ambos os lados, norte e sul, da Rua Passos Manuel apresentam uma estratificação e hierarquização em relação ao traçado da via, sendo estes aspectos transmitidos visualmente através dos elementos formais de composição de cada alçado.



F61 – Representação do eixo central (vermelho) e do piso de rés-do-chão (azul) de cada alçado

3.4. Elementos formais de composição do Alçado

Analisando a frente de rua construída é perceptível através da sucessão de alçados edificados a existência de alçados de frente estreita e alçados de frente extensa. Lado a lado existem alçados com 6,50 metros de largura contíguos a alçados com 20 metros de largura, chegando até aos 54 metros de largura. No entanto, apesar desta diversidade na contiguidade da configuração dos alçados edificados, é igualmente perceptível que estes contêm características e elementos formais de composição semelhantes. Assim, a nível formal, o desenho dos alçados edificados na Rua Passos Manuel, apresentam a utilização de um eixo de simetria na sua composição, a utilização de pilastras que definem o seu limite cadastral e por vezes demonstram igualmente a existência de limites no interior edificado, a utilização de cornijas encimadas por platibandas que encerram as composições, a utilização de faixas que transmitem ao exterior a dimensão do pé direito interior, a utilização de sacadas contínuas e individuais e a disposição sistemática dos vãos.

O **eixo de simetria** não sendo um elemento físico é totalmente perceptível no desenho de composição do alçado. Esta linha recta disposta ao centro de qualquer um dos alçados (ou das suas partes) regula a sua composição, funcionando como charneira, podendo estar ocupado pela presença de uma abertura, vãos, ou de um espaço cerrado, nembos, de acordo com o número de vãos presentes no alçado. Ou seja, se o alçado apresentar um número par de vãos o eixo encontra-se ocupado pela presença de um espaço cerrado, se apresentar um número ímpar o eixo irá estar ocupado pela presença de um espaço aberto. No entanto, verifica-se também que a presença do eixo de simetria não se restringe só à composição geral do alçado, sendo por vezes duplicada quando esse mesmo alçado apresenta um ou mais elementos de separação ou de destaque, como por exemplo pilastras ou sacadas.

Um outro aspecto interessante é que se tivermos como directiva o facto de que o eixo de simetria é uma linha que divide um objecto em duas partes simétricas como se fosse o objecto e a sua imagem num espelho, o eixo de simetria presente nos alçados da Rua Passos Manuel só representa inteiramente a sua função quando enquadrado apenas nos pisos acima do piso térreo, ou seja, uma vez que a rua apresenta pendente, as soleiras dos vãos do piso térreo apresentam diferentes cotas,

adaptando-se a essa mesma pendente, pelo que a simetria tal como é exigida pela definição só se revela acima deste piso. Verifica-se no entanto a existência de um alçado em que claramente o eixo de simetria está somente presente na composição dos pisos acima do rés-do-chão, sendo este o N11, mas contiguamente a este existe um alçado em que o eixo de simetria funciona integralmente devido à utilização de um embasamento que permite o alinhamento das soleiras à mesma cota, permitindo a simetria total de toda a composição do alçado, sendo este o alçado N12.

Assim, o eixo central de simetria regula a aparência do alçado, no sentido que sobre ele são centrados todos os aspectos visuais da disposição dos elementos formais, mas ao mesmo tempo é um importante elemento de estratificação, uma vez que a sua leitura induz à percepção da separação do piso térreo com os superiores, assim como em conjunto com outros elementos enfatiza e modela a composição de acordo com uma leitura contínua do espaço urbano.

"A geometrização do espaço de habitar traz como consequência a estabilização das suas delimitações físicas sujeitas a dois tipos de fronteiras que, de uma forma simplificada, se poderão considerar como "horizontais" - o chão e o tecto - e "verticais" - as paredes."[34] Transportando estas delimitações físicas para o desenho de composição do alçado, encontram-se quatro elementos formais que as representam, sendo eles a pilastra, a cornija, a platibanda e a faixa.

A **pilastra** apresenta-se como elemento vertical ligeiramente saliente em relação ao plano vertical do alçado, que parte do soco ao nível do rés-do-chão e termina na cornija, tendo como função, enquanto elemento de composição, a delimitação e divisão dos diferentes alçados. Este elemento físico e visual é composto por uma base, que está embebida no soco mas revela-se saliente em relação a este, por um fuste, que se interliga com as faixas quando estas existem, e por vezes também apresenta um capitel que recebe a cornija.

A presença de pilastras nos alçados da Rua Passos Manuel é evidente, sendo estas perceptíveis em grande parte dos desenhos de composição. Há excepção de quatro alçados, os restantes apresentam a sua área cadastral delimitada por pilastras com configuração vertical recta, cuja largura é aproximadamente de 0,45 metros, chegando por vezes aos 0,80 metros.

---

[34] José César Vasconcelos Quintão, *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico: Uma Sistematização Classificativa*. Porto: FAUP Publicações, 2005, p.16

São igualmente identificáveis pilastras que se encontram a dividir ou realçar corpos do mesmo alçado, mantendo estas a mesma largura aproximada de 0,45 metros, à excepção das pilastras que delimitam o corpo central do alçado N2, cuja configuração é díspar em relação às restantes e em relação a si. Isto é, estas pilastras, ao contrário das que se encontram na extremidade do alçado, apresentam a sua continuidade vertical quebrada, tendo ao nível do rés-do-chão pilastras de 0,80 metros de largura com configuração semelhante a pedra aparelhada que se interliga com todo o revestimento do corpo central do mesmo piso, passando depois para o primeiro piso onde reiniciam a sua presença através de bases colocadas no alinhamento das guardas e continuam até à cornija com uma largura de 0,60 metros. O ponto de término destas pilastras é efectuado com um capitel bastante desenvolvido que recebe a cornija. Neste caso, estas pilastras centrais dão ênfase, realçando o corpo delimitado por elas em relação ao alçado geral assim como destaca este em relação aos restantes alçados edificados na rua. Também o alçado N1 apresenta duas pilastras centrais que emolduram os vãos situados sobre o eixo central de composição do alçado, destacando a sua presença. O alçado N6 apresenta igualmente no seu corpo central pilastras que o dividem, seccionando-o em partes iguais, não estando no entanto delimitado por elas, uma vez que essa função foi assumida pelos corpos laterais que se destacam nas extremidades simetricamente em relação à composição geral.

Existem ainda pilastras que não se encontrando a delimitar o espaço físico cadastral do alçado, transmitem claramente uma divisão na área interior da edificação. Ou seja, no caso dos alçados N13, S2 e S16, que se apresentam em projecto como edificações únicas que associaram lotes para a sua construção, os seus alçados pelo contrário apresentam-se divididos com a colocação de uma pilastra sobre o eixo de simetria, que coincide com a divisão do lote individual, informando claramente que não se trata de uma edificação mas sim de duas (N13 e S16) ou mais (S2) edificações geminadas. Neste caso entenda-se por geminadas duas ou mais edificações em relação à edificação enquanto projecto de um só proprietário.

Por fim, encontram-se três alçados edificados em que as suas composições não apresentam a existência de pilastras, sendo estes designados por N5, S7 e S8. Estes três alçados foram projectados no início do século XX, demonstrando já, através deste aspecto, uma diferença em relação aos elementos de composição de um alçado do século XIX.

Assim, analisando a presença das pilastras nos vários alçados é perceptível que este elemento de composição delimitou, no geral, o espaço cadastral da edificação



F62 – Cornija como elemento unificador e transmissor do limite cadastral de cada alçado, contrariando a informação transmitida pelas pilastras.



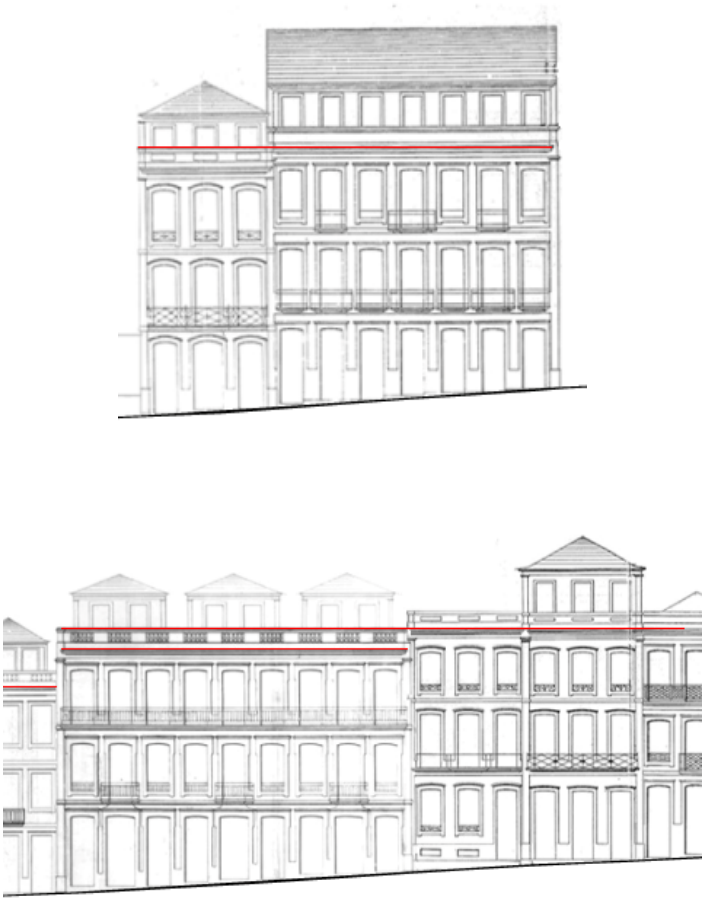
F63 – Cornija como elemento que transmite o limite cadastral de cada alçado, não apresentando continuidade transmite a existência de duas edificações com limites cadastrais individuais.

situando-se na direcção da parede de meação ou, no caso de não existirem edificações contíguas, situando-se na direcção do limite extremo da edificação. Ainda como elemento de separação, indica a presença de edificações geminadas. Nestas duas situações a medida da largura total de um alçado ou corpo do mesmo, corresponde à largura existente entre os eixos das respectivas pilastras. Por último, a inserção de pilastras na composição dos alçados permite também enfatizar ou dividir corpos do alçado, sempre com intenção de destacar e transmitir algo para o exterior.

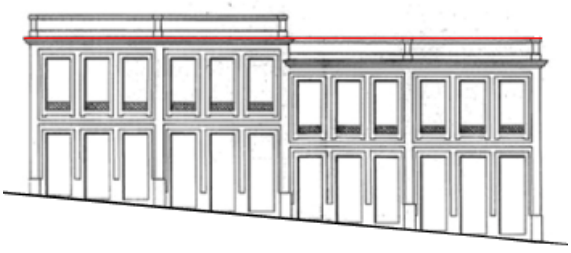
Sendo a pilastra o elemento delimitador vertical, a **cornija** surge como o primeiro elemento delimitador horizontal na composição dos alçados. A cornija é um elemento saliente constituído por molduras compostas ou molduras simples, e situa-se imediatamente acima do último piso, sendo encimada pela platibanda.

Ao contrário da pilastra, que por vezes tem utilização diferente da delimitação cadastral de um alçado, a cornija apresenta-se única e simplesmente como um elemento que traça horizontalmente o limite cadastral de uma propriedade transmitindo o mesmo para o exterior. Quando o alçado apresenta uma frente estreita ou uma frente extensa, em que as pilastras surgem somente nos seus limites extremos, a cornija delimita o espaço entre os eixos das pilastras correspondentes, ou seja delimita a área cadastral da propriedade. Quando o alçado de frente extensa exibe uma ou mais pilastras a dividir a sua composição ou a indicar a divisão da sua área interior (edificações geminadas de um só proprietário), a cornija de igual forma delimita o espaço entre os eixos das pilastras correspondentes aos limites extremos da propriedade. Exemplo claro deste aspecto é o alçado N13 que através da pilastra central simula a existência de duas edificações, mas devido ao facto de a cornija não se encontrar interrompida no alinhamento dessa pilastra, mas antes apresentar-se contínua no espaço entre os eixos das pilastras correspondentes aos limites extremos, demonstra que a propriedade em questão é somente uma. O mesmo acontece quando um alçado exibe um corpo em destaque delimitado por pilastras, como é visível nos alçados N1, N2 e N6, em que as cornijas contornam os elementos salientes não sofrendo qualquer interrupção na sua continuidade, contribuindo igualmente no destaque do corpo. O traço horizontal da cornija delimita sempre o limite cadastral do alçado, como é visível nos dois exemplos da F62.

Como oposto a esta situação, apresentam-se alguns alçados que devido ao alinhamento e correspondência dos seus elementos de composição do alçado, poderiam transmitir a ideia de geminação, F63, mas no entanto essa mesma ideia é



F64 – Continuidade transmitida pelo alinhamento horizontal da cornija com a platibanda, unificando e alargando a composição do alçado individual à composição do alçado de conjunto da rua



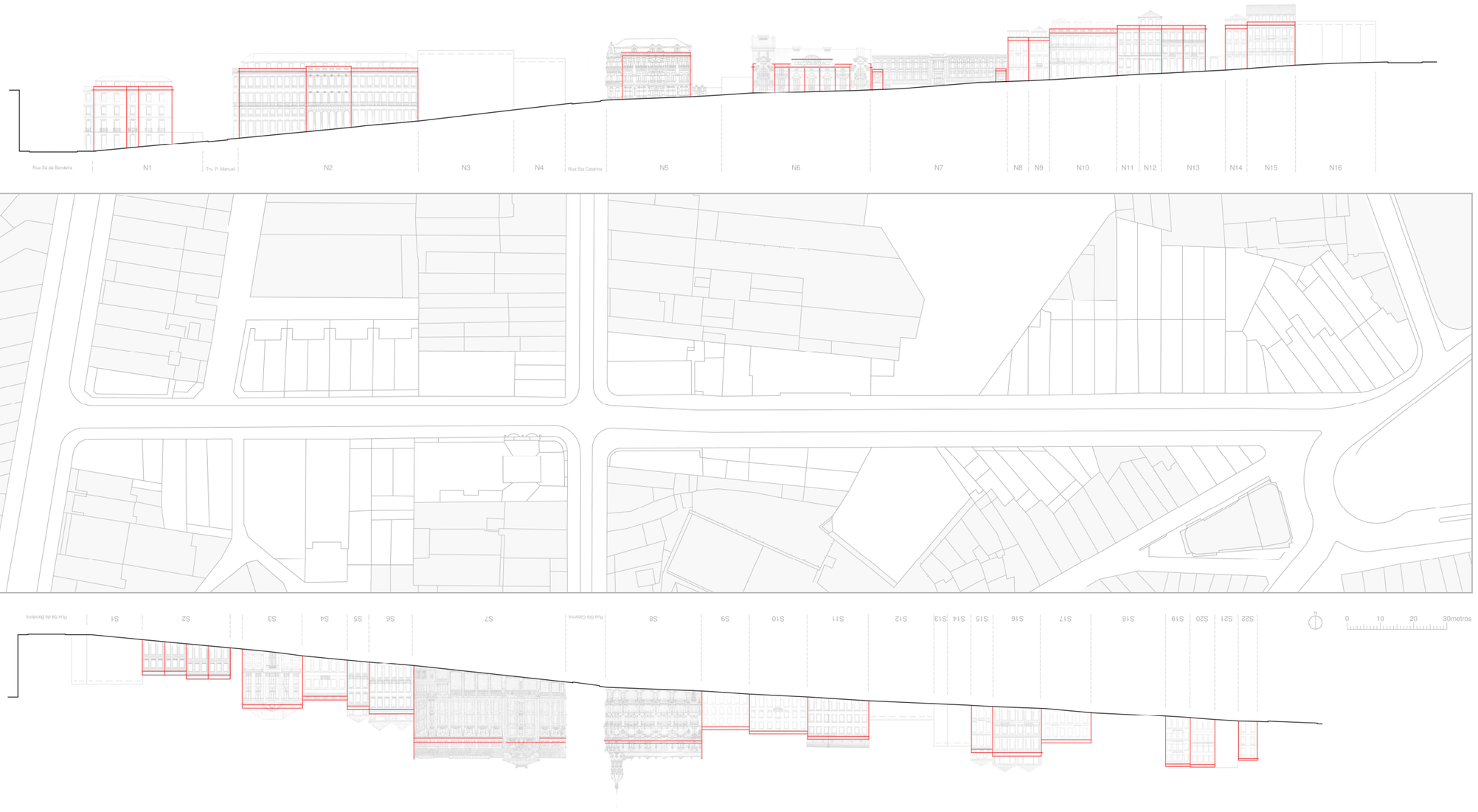
F65 – Cornija como elemento que transmite o limite cadastral de cada alçado, não apresentando continuidade transmite a existência de duas edificações com limites cadastrais individuais.

contrariada pela inexistência de cornija a uni-los, como acontece nos alçados N8 e N9, N11, N12 e N13, em que claramente cada alçado exibe a sua cornija não havendo união entre elas.

Por vezes, a cornija surge a ultrapassar os limites extremos do alçado, ficando saliente e contornando-o para as laterais. Nestes casos, a aplicação da cornija transmite uma elevação da composição do alçado em que se encontra relativamente aos alçados contíguos, dando-lho imponência, uma vez que o seu espaço invade o espaço adjacente sobrepondo-se a este. No entanto, esta afirmação efectuada pela extensão da cornija é anulada sempre que se edifica um alçado contíguo a outro que apresente na lateral a cornija saliente, sendo a mesma cortada por forma a não invadir a composição do alçado adjacente.

A cornija, sendo um importante elemento delimitador, tem por vezes outra função enquanto componente do desenho de composição dos alçados, uma vez que o seu alinhamento com outros elementos de composição é responsável pela relação com os alçados contíguos. Esta relação é efectuada na maioria das vezes com a platibanda, sendo que o alinhamento horizontal entre estes dois elementos alarga a composição do alçado individual à composição do alçado de conjunto da rua, F64, transmitindo harmonia e continuação, como é expressamente visível na relação dos alçados N10 e N11, N14 e N15, S5 e S6, e por fim nos alçados S15 e S16. Todos estes exemplos dizem respeito a edificações de diferentes proprietários que se interligam devido à composição do alçado. No entanto, há uma composição de alçado que utiliza claramente o jogo de alinhamentos entre a platibanda e a cornija, para unificar a sua presença enquanto conjunto edificado de um só proprietário, F65. O alçado S2, que inicialmente propunha em projecto um conjunto de quatro alçados unidos pela cornija e pela platibanda, sofreu uma alteração posterior, traduzida num desnível da cércea a eixo para acompanhar a pendente da rua, sendo então assegurada essa continuidade pelo alinhamento entre a cornija do corpo mais elevado com a platibanda do seguinte. Aspecto curioso e bastante revelador da intenção de conjunto enquanto desenho de composição de um alçado, é a sobreposição das cornijas efectuada sobre o eixo de composição geral.

A **platibanda** situa-se sobre a cornija e é o elemento último que encerra totalmente a composição do alçado em face à rua. Este elemento assume uma altura entre 0,80 metros e 1,20 metros acima do limite superior da cornija, apresentando-se



F66 – Representação (a vermelho) de todas as pilastras, cornijas e platibandas pertencentes aos alçados presentes na Rua Passos Manuel.

como protecção visual, impedindo que o telhado ou o piso de águas-furtadas tenha destaque em relação à composição do alçado.

Enquanto elemento de término da composição do alçado, é através do limite superior da platibanda, cimalhete, que é regulada a altura da edificação em relação à rua, uma vez que desde 1864 a construção das edificações obedecia a regras de altura máxima de acordo com a largura da rua a que pertenciam. Estava regulamentado que a "altura das novas edificações, determinada em função da largura das ruas, deveria variar entre máximos de 12 metros, nas ruas de largura inferior a 5, e 20 metros, nas ruas de largura superior a 7 metros"[35] e que a "altura de cada pavimento não podia ser inferior a 3 metros, excepto no piso de águas-furtadas em que a altura não podia ser inferior a 2,50 metros"[36], sendo possível, através da relação entre a altura máxima da edificação com a altura mínima de pé direito, calcular o número máximo de pisos possível de construir na Rua Passos Manuel.

Analisando a altura máxima existente entre a calçada e a platibanda nos alçados edificados da rua, verifica-se que, à excepção de dois alçados, todos os outros não ultrapassam a altura máxima estipulada, sendo que a maioria apresenta medidas abaixo dos 16 metros. Os dois alçados que não cumprem a regra correspondem a edificações de gaveto, sendo que ambos apresentam, ainda que por razões diferentes, as maiores frentes de alçado da rua, sendo eles correspondentes ao alçado N2 e S7. O alçado N2 apresar de ultrapassar os 20 metros, garante essa medida quando medido da calçada à cornija, enquanto o alçado S7 foi regulado, também em função da cornija, mas em relação ao seu alçado principal, que se encontra orientado para a rua Santa Catarina.[37]

No conjunto, as pilastras, as cornijas e as platibandas transportam para o exterior os limites da composição do alçado e por consequência a configuração geral do alçado. Desta forma é visível na F66 as diversas configurações de alçado existentes ao longo da rua, assim como as relações entre estes três elementos formais de composição.

---

[35]Decreto de 2 de Julho de 1867, artº 35º, ponto 7º, tendo sido uma reformulação do Decreto de 31 de Dezembro de 1864.

[36] Decreto de 2 de Julho de 1867, artº 36º, tendo sido uma reformulação do Decreto de 31 de Dezembro de 1864.

[37]"A fachada principal dá para a Rua de Santa Catarina e mede da calçada à cornija 17 metros, não sendo por conveniência própria que demos ao edifício esta altura aliás admissível, visto que a rua mede mais de 10 metros." - Excerto da memória descritiva dos Armazéns Nascimento, 14 de Maio de 1914.

Contudo, além de elemento delimitador da altura do alçado, a platibanda, cerrada ou interrompida por balaustrada, comporta na sua superfície orientada para a rua, diversas informações relativas à disposição de outros elementos de composição. É visível em todos os alçados edificados na Rua Passos Manuel que as platibandas apresentam uma extensão das pilastras que se encontram no alçado a que correspondem, tendo assim gravadas na sua superfície os limites cadastrais e divisórios da edificação a que pertencem. Por outro lado, é igualmente visível que algumas platibandas apresentam através de aberturas em balaustrada ou com a presença de almofadas, a localização das aberturas dos vãos situados nos pisos inferiores. Esta referência permite por um lado obter uma composição de alçado mais ornamentada, no entanto a abertura em balaustrada permite igualmente a iluminação do piso de águas-furtadas, que se encontra recuado em relação ao plano onde se encontra a platibanda (plano vertical do alçado face à rua).

Assim, a platibanda, enquanto elemento delimitador horizontal do espaço físico do alçado face à rua, comporta em si de igual forma referências e informações relativas à composição do desenho do alçado a que pertence.

Apresentando-se também como elemento delimitador no sentido de transportar para o exterior, através da sua presença no alçado, a informação dos limites do pé-direito da edificação a que pertence, a **faixa**, não se assume enquanto elemento delimitador do espaço físico cadastral do alçado, mas antes como elemento delimitador do espaço físico do interior do alçado. Situada no alinhamento das lajes interiores da edificação, a faixa quando utilizada no desenho de composição do alçado assume uma altura variável entre os 0,20 e os 0,30 metros, sendo disposta horizontalmente entre as pilastras extremas do alçado, não apresentando nunca, tal como a cornija, a sua continuidade interrompida. O seu encontro com as pilastras é efectuado de duas formas, sendo maioritariamente de sobreposição e por vezes de ligação. Ou seja, a faixa ou sobrepõe a sua presença em relação às pilastras, sendo visível os traços horizontais do seu desenho sobre a verticalidade imposta pelo elemento pilastra, criando dessa forma molduras horizontais; ou une esses mesmos traços fundindo as suas presenças no desenho de composição do alçado, criando uma moldura contínua. Verifica-se a utilização por vezes destas duas formas de desenho da faixa na composição do alçado, podendo o mesmo conter faixas que se sobrepõem e interligam às pilastras, no entanto o elemento faixa enquanto presença horizontal só assume uma forma, não variando entre o sobrepor e o fundir.

A utilização da presença de uma faixa a indicar somente uma laje de piso no alçado, ou a utilização de duas formas do desenho da faixa no mesmo alçado, pode indicar uma separação ou diferenciação entre os usos dos pisos da edificação.

Esta diferenciação ou revelação da possível separação vertical interior pode ser transmitida para o exterior não só pela presença de faixas, mas também pela presença de sacadas.

As **sacadas** são o elemento que mais introduz ritmo e diversidade na composição dos alçados. Com mais ou menos avanço sobre o plano vertical do alçado, este elemento de composição pretende indicar a presença de um vão de porta num nível acima do piso térreo, podendo conjuntamente enfatizar o eixo de simetria ou transmitir a hierarquização do piso que a comporta face aos restantes representados no mesmo alçado.

Compostas por uma base que prolonga o pavimento interior do piso até ao exterior, permitindo a sua comunicação com a rua, as sacadas existentes nos alçados da Rua Passos Manuel apresentam as guardas em ferro, permitindo transparência, não originando o encerramento visual na área que ocupam. Existem igualmente, dois casos, em que os alçados contêm, a par com as guardas de ferro, sacadas que apresentam a guarda em balaustrada, transmitindo uma austeridade superior em relação à graciosidade comunicada pelos variados padrões de ferro que surgem na maioria dos alçados.

Analisando a sua dimensão nos alçados da rua, verifica-se que este elemento varia em relação à largura que ocupa na composição, mas mantêm aproximadamente a mesma altura, sendo que a guarda apresenta medidas entre 0,90 e 1,20 metros e a base entre 0,20 e 0,30 metros. Assim, a sacada pode apresentar-se como elemento individual que acompanha a presença de um só vão ou pode apresentar-se como elemento contínuo, na medida em que estando disposta a toda a largura de um alçado abrange a presença de um conjunto de vãos situados num mesmo piso.

O mesmo alçado pode conter a existência de sacada individual e sacada contínua, no entanto, a presença destes dois tipos de utilização no mesmo piso é somente verificada no alçado N2, em que a sacada contínua encontra-se no corpo central unindo todos os vãos, enquanto as sacadas individuais acompanham a abertura dos vãos situados nos corpos laterais. Desta forma, verifica-se, mais uma vez, um destaque da composição do corpo central em relação aos corpos laterais. Em todos os outros alçados não se verifica a conjugação destes dois tipos de sacada no mesmo

piso, sendo no entanto visível ao nível dos diferentes pisos. Nos alçados em que o primeiro piso apresenta na sua composição uma ou mais sacadas individuais, os restantes pisos superiores, por vezes, apresentam a existência de sacada contínua ou, igualmente, de sacadas individuais, sendo estas últimas sempre em número inferior às anteriores. No entanto, quando o primeiro piso contem uma sacada contínua, nos pisos superiores não se verifica a presença de qualquer tipo de sacada. Há ainda a existência da utilização de uma só sacada individual situada no primeiro piso ao centro da composição do alçado, enfatizando desta forma o eixo de simetria e a presença do vão central do piso em questão mas também do vão que encima, ou seja do vão do piso de rés-do-chão. Ainda em alçado, é perceptível que a sacada, quer seja individual ou contínua, por vezes apresenta dois níveis de avanço em relação ao plano do alçado, criando um momento que enfatiza os elementos aí existentes, sejam eles a própria sacada ou os vãos que se encontram no alinhamento do seu eixo vertical.

A sacada quando disposta centralmente transmite simetria na composição, quando disposta de pilastra a pilastra estratifica a elevação dos pisos e demarca uma individualização de um ou mais pisos em detrimento dos outros ao mesmo tempo que transmite uma comunicação do piso onde se insere em relação à rua, prolongando esse pavimento até ao exterior.

Acompanhado por sacada ou independente, o **vão** é de igual forma um elemento que pode introduzir algum ritmo na composição do alçado. Este elemento antes de ser compositivo é funcional, no sentido em que sendo permeável, é através da sua abertura, comportando ela uma porta ou janela, que se realiza a comunicação entre interior e exterior (e vice-versa) ao mesmo tempo que é permitida a iluminação e arejamento da edificação a que corresponde. Enquanto elemento de composição, é formado e delimitado por soleira ou peitoril, ombreiras e padieira.

A dimensão do vão varia de acordo com o fim a que este se propõe, podendo ser ocupado por porta ou janela, assume a forma em relação à função que é desejável.

Nos alçados presentes na Rua Passos Manuel, verifica-se que quando a abertura deste elemento se destina a receber uma porta, a sua altura varia entre 2,80 e os 4 metros, medidos a eixo desde a soleira à padieira, e a sua largura entre ombreiras varia entre 1 e 2 metros.

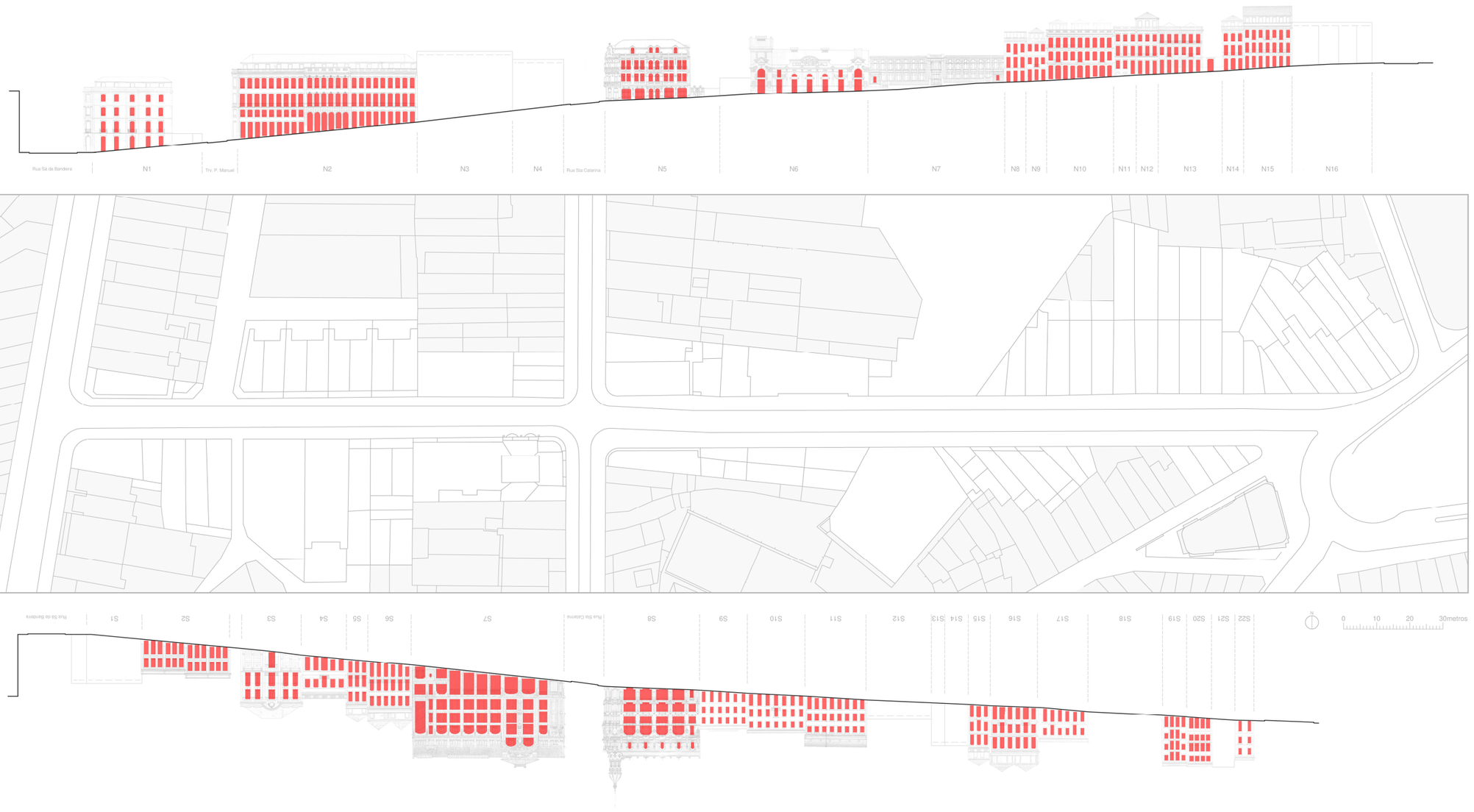
Com excepção do alçado N12, todos os vãos de porta existentes ao nível do rés-do-chão apresentam uma variação de altura, uma vez que as soleiras acompanham a pendente da rua estando as padieiras alinhadas horizontalmente. Em relação à

largura, cinco dos alçados, sendo eles o alçado N10, N14, S4, S15 e S16, apresentam o vão central da composição ou o vão central no conjunto de três, mais largo em relação a todos os outros, enfatizando desta forma a sua presença na composição do alçado a que pertencem. Ao nível dos pisos superiores, quando existentes, os vãos de porta são sempre acompanhados por sacada e apresentam uma altura constante, sendo que no geral, esta é uma repetição da altura mínima existente no vão do piso de rés-do-chão do alçado a que pertencem. Em relação à largura, esta é constante sendo igualmente uma repetição da largura mínima existente nos vãos do piso térreo do alçado a que pertencem.

Desta forma é visível que a dimensão do vão num alçado pode manter o ritmo e leitura do mesmo ou pode enfatiza-lo e realça-lo relativamente aos restantes, ou pode ainda realçar parte do alçado, sendo que quando assim é este revela-se sempre de acordo com o eixo de simetria, ou no caso de se tratar de um alçado de frente extensa, de acordo com o eixo de simetria secundário. No entanto, este destaque conferido pelo vão, pode também ser demonstrado somente através de uma variação ou aplicação de ornamentos num dos seus elementos compositivos, sendo que geralmente esta situação verifica-se ao nível da padieira. Rectas, em arco ou curva, com simulação de fecho ornamentado ou com sobre-padieira, este elemento funcional do vão por si só pode realçar ou contribuir para o destaque do desenho de composição de um alçado.

Verifica-se também que todos os vãos de porta são acompanhados por um soco. Ao nível do rés-do-chão, o soco percorre toda a largura do alçado, de pilastra a pilastra extrema, unindo as ombreiras dos vãos. Ao nível dos pisos superiores, o soco acompanha a largura da sacada, quer esta seja individual ou contínua. Sendo em conjunto com o vão de porta um elemento de composição do desenho de alçado, a altura do soco é variável, no entanto, partindo da calçada ou da base da sacada, a sua altura não ultrapassa um terço da altura total do vão que acompanha.

Relativamente ao vão cuja abertura se destina a receber uma janela, a sua altura varia entre 1,80 e 2,50 metros, medidos a eixo desde o peitoril até à padieira, e a sua largura varia entre 1,20 e 2 metros, medidos entre ombreiras. Alguns vãos de janela apresentam um pano de peito em gradeamento de ferro, com cerca de 0,40 a 0,50 metros de altura, que acompanha a largura total do vão onde se insere. É também visível que mantendo esta variação na medida de altura, existem vãos em três alçados, N5, S7 e S8, que apresentam aberturas com aproximadamente 3 metros a 3,60 metros de largura, no entanto, estes alçados tendo sido projectados e edificados posteriormente a 1900, ou seja já fazem parte da produção arquitectónica do século



F67 – Representação (a vermelho) de todos os vãos pertencentes aos alçados da Rua Passos Manuel.

XX, demonstram uma evolução relativamente aos anteriores no que diz respeito à estrutura de construção, logo é possível esta ampliação da largura.

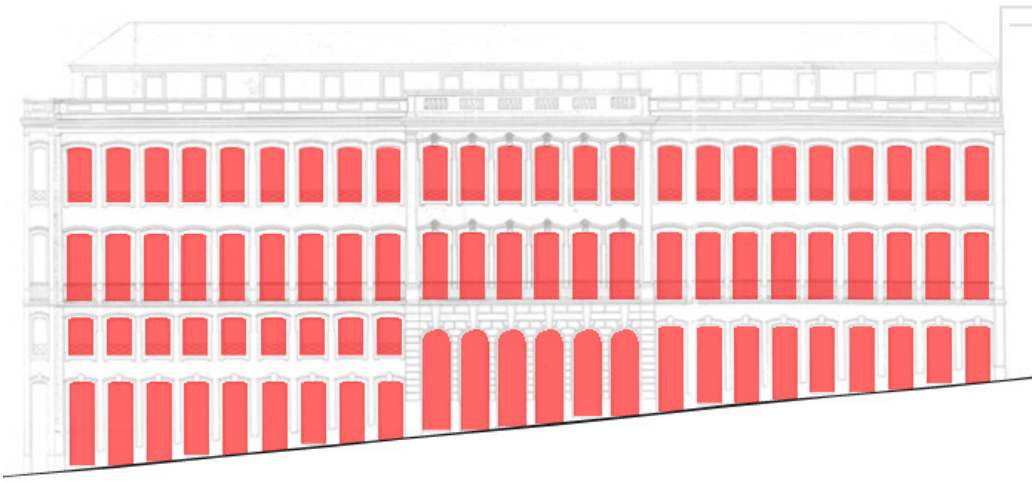
Quando o vão de janela é inserido no desenho de alçado do piso de águas-furtadas apresenta, à excepção dos existentes nos alçados acima mencionados, uma largura variável entre 0,80 e 1,10 metros, sendo que a sua altura nunca ultrapassa uma medida e meia da sua largura[38].

Nos alçados edificados na Rua Passos Manuel, verifica-se maioritariamente a utilização do vão de janela nos pisos superiores. De acordo com a composição do alçado a que pertencem, a abertura destes vãos podem variar em relação à altura mas mantêm sempre a largura igual à largura mínima apresentada nos vãos do piso térreo. A utilização de um pano de peito em gradeamento de ferro, é o aspecto que permite ao vão de janela a aplicação de uma maior abertura em relação à sua altura, permitindo consequentemente um maior contacto com o exterior e uma maior entrada de luz para o interior. Verifica-se a presença deste tipo de vão disposto ao nível de qualquer piso, no entanto, quando o vão de janela não apresenta pano de peito permeável, a sua disposição do alçado situa-se ao nível do último piso face à rua.

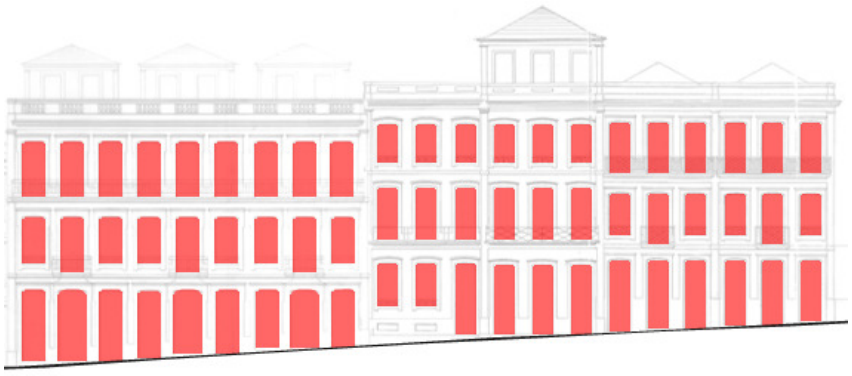
A disposição do vão de janela na composição do alçado é igual à disposição do vão de porta, sendo que perante a conjugação de ambos no mesmo alçado estes apresentam os seus elementos compositivos alinhados de acordo com o eixo correspondente. Estando dispostos sobre o mesmo eixo horizontal, ou seja pertencem ou servem o mesmo piso de uma edificação, o seu alinhamento realiza-se através do limite superior do peitoril e do limite superior da guarda da sacada que acompanha o vão de porta. Estando dispostos sobre o mesmo eixo vertical, ou seja pertencem ou servem pisos diferentes da mesma edificação, o seu alinhamento é efectuado através das ombreiras, sendo que quando um dos vãos apresenta uma largura superior, o alinhamento efectua-se em relação ao próprio eixo a que pertencem.

A disposição dos vãos enquanto elemento formal de composição emprega ao alçado uma leitura rítmica constante ao mesmo tempo que transmite por si próprio ou em conjunto com os seus elementos compositivos (soleira, peitoril, ombreiras e padieira) e/ou associativos (sacadas, socos e ornamentos) uma série de informações ao exterior, como por exemplo um sentido de progressão do público para o privado ou do

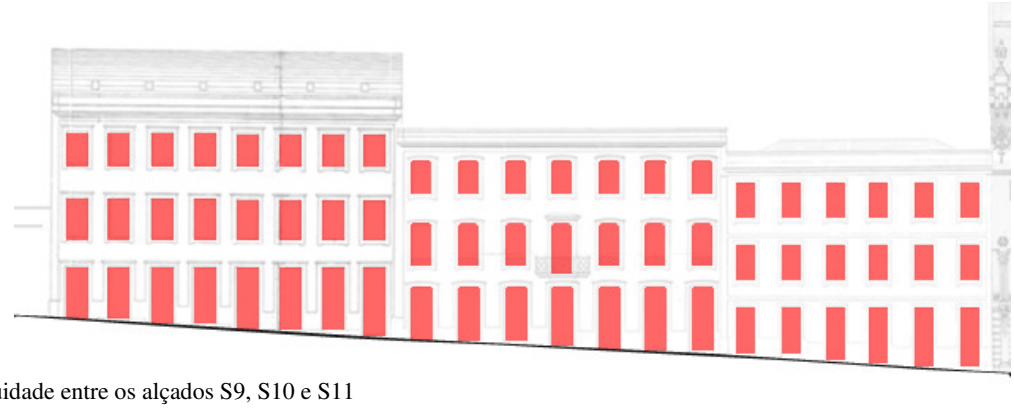
[38]A medida de altura do vão existente nos pisos de águas-furtadas não é mencionada em metros uma vez que este tipo de vão encontra-se parcialmente ocultado pela platibanda, logo não é possível verificar a medida total da sua altura.



Alçado N2



Contiguidade entre os alçados N10, N11, N12 e N13



Contiguidade entre os alçados S9, S10 e S11

F68 – Comparação da disposição e sistematização dos vãos em alçados com diferentes configurações.

funcional para o representativo. Este sentido progressivo é identificável no sentido ascendente entre os pisos e sempre sobre o eixo de composição vertical.

No entanto, analisado enquanto elemento funcional presente na composição do alçado, pode transmitir informações contrárias às representadas anteriormente. Este aspecto é possível de verificar da composição dos diversos alçados ao nível do piso de rés-do-chão, uma vez que perante a constante presença de três ou mais vãos nesse mesmo piso, observa-se que quando existe destaque de um vão, esse situa-se sempre sobre o eixo central de composição referente a um conjunto de três vãos. Assim sendo, seria possível afirmar, que esses vãos situados no único piso possível de permitir a circulação entre exterior e interior seriam os pontos de entrada na edificação. No entanto, analisando o alinhamento das soleiras verifica-se que estas estão dispostas segundo uma associação contrária, capaz de transmitir que existem, no mínimo, por cada três vãos duas entradas, ou seja, entradas independentes para possíveis usos diferentes. Esta situação reforça mais uma vez a ideia de que a disposição dos elementos formais é efectuada de acordo com a harmonia que a composição do alçado pretende transmitir para a frente urbana, não sendo estes transmissores e caracterizadores do espaço interior. Ou seja, a composição do alçado é efectuada independentemente do interior que representa.

A sua disposição modular de três vãos por cada lote individual e a sistematização das suas dimensões, permite a observação da continuidade visual da frente urbana, mas quando se verifica a ausência dessa modelação e sistematização a uma leitura unificadora desaparece, dando origem a uma quebra ou diferença na continuidade da frente urbana. Este aspecto é visível na Rua Passos Manuel, pelo que este elemento formal de composição permite que duas formas de concepção de alçado, transmitam relação entre elas e capacidade de unificação, como é o caso da leitura deste elemento no alçado N2 em comparação com a leitura das contiguidades dos alçados N10, N11, N12 e N13. Pelo contrário a falta de disposição modular e sistemática deste elemento transmite uma quebra na unificação, sendo visível através da contiguidade dos alçados S9, S10 e S11, que mesmo mantendo as dimensões características dos vãos, a sua falta na modelação perante o conjunto de vãos e sua disposição com uma maior largura dos nembos, transmite uma quebra da unificação geral visível na rua, não sendo possível verificar regularidade neste ponto específico do traçado da rua.

Com a análise dos elementos formais de composição dos alçados existentes na rua, são perceptíveis e reforçados os momentos de continuidade e descontinuidade espacial através da relação, associação, dimensão e hierarquização desses elementos no desenho de composição, identificando o que neles se destaca e o que se mantém no sentido dar continuidade espacial a frente urbana da Rua Passos Manuel.

É igualmente perceptível através destes elementos diferenças entre aspectos de ordem social, técnica e estética. Ou seja, estes elementos mesmo mantendo a sua sistematização e modelação apresentam por vezes formatos que se destacam perante os restantes, sendo visíveis platibandas com balaustrada, cornijas com diversas molduras, pilastras acompanhadas por capitéis mais ou menos desenvolvidos, padieiras de vãos curvas ou mesmo em arco de volta perfeita, sacadas acompanhadas por gradeamento formal ou mais desenvolvido esteticamente, optando por jogos de avanços sobre a rua.

Assim, estes elementos contribuem em simultâneo para uma unificação e regularização da frente de rua, mas ao mesmo tempo têm características individuais capazes de individualizar e destacar um alçado perante os seus contiguos

4. Considerações finais

Promovida por diferentes vereações e implantada numa cidade em constante desenvolvimento, a Rua Passos Manuel começou por se confinar a um curto traçado viário, entre a Rua Sá da Bandeira e a Rua Santa Catarina, assumindo o carácter de uma rua habitacional com um posicionamento central na cidade, sendo prolongada posteriormente até à Rua de Santo Ildefonso, frente ao Largo de Santo André, aumentando a área edificável e transformando-se numa artéria de circulação dinâmica e estratégica da cidade do Porto.

O seu traçado rasgou quarteirões perifericamente construídos, criando uma pluralidade de confrontações com as pré-existências que originaram um loteamento nem sempre regular, existindo lotes de frente estreita com um posicionamento perpendicular e em ângulo face à rua, e lotes de frente extensa com configurações diversas da sua área de implantação. Ainda assim, predomina o lote de frente estreita perpendicular à rua, integrando a lógica cadastral característica da Cidade do Porto.

Ao nível da construção da edificação, verifica-se uma maior tendência para a implantação mediante a associação de lotes em detrimento da construção num só lote individual, demonstrando uma nova concepção na construção de edifícios e de frente urbana. Assim, o conjunto edificado da Rua Passos Manuel adapta-se ao terreno e às pré-existências que, em conjunto com a acção dos proprietários, na medida em que construíam sobre um lote individual ou sobre uma associação de lotes, originou uma diversidade na configuração dos alçados edificados, verificando-se lado a lado alçados de frente estreita e alçados de frente extensa, permitindo identificar ao longo de toda a extensão da rua momentos espaciais distintos, sendo estes detectáveis ao nível das duas fases de abertura do traçado da rua, ou relativamente ao lado norte e sul. Esta diversidade na configuração delimitadora dos alçados é no entanto uniformizada pela sistematização dos elementos formais de composição, que através da sua regularidade conseguem transmitir à frente de rua continuidade, sistematização e hierarquização.

A primeira fase de abertura da rua revela uma nova concepção de edificar e de construir frente urbana contendo edificações com um estatuto volumétrico que se impõem à pendente da rua, traduzindo-se na associação de edificações que transportam um alçado de frente extensa para a rua mantendo a modelação dos três vãos por lote individual, uniformizando a frente urbana na medida em que permitem uma maior continuidade e regularidade da mesma. Esta sistematização dos elementos

formais interliga as diferentes concepções de alçado, frente estreita e frente extensa, construindo a unificação da frente urbana. São esses mesmos elementos formais que, sem perder a sistematização na continuidade construída, transmitem igualmente uma hierarquização na organização espacial da rua com a enfatização dos alçados extremos e centrais do arruamento. Os alçados de gaveto não enfatizados pela elevação total da cércea, enquanto os alçados centrais do arruamento são enfatizados pela elevação de uma secção central da platibanda transmitindo sumptuosidade ao eixo central do arruamento.

O prolongamento da rua demonstra uma maior diversidade tanto a nível conceptual como a nível formal em relação aos dois lados edificados, revelando igualmente a procura, ainda que numa escala menor, de uma nova concepção de construção. O lado norte demonstra a conjugação de diferentes produções arquitectónicas com diferentes origens temporais que claramente se dispõem no traçado respeitando o eixo central do mesmo. Ou seja, à esquerda do eixo do traçado, os alçados de frente extensa individualizam-se pela sua composição que demonstra uma conjugação e dimensionamento dos seus elementos formais que revelam uma evolução na produção arquitectónica dos inícios do século XX, conjugada com a individualização própria que as suas funções, enquanto equipamentos, impõem. Enquanto isso, à direita do eixo do traçado, os alçados retomam a unidade e regularização das suas composições, transmitindo a continuidade entre alçados de frente estreita e alçados de frente extensa, pelo alinhamento dos seus limites estruturais e pela sistematização dos elementos formais de composição, que mantêm a modelação dos três vãos por lote individual. No entanto, a frente edificada do lado norte consegue, através do recuo do alçado central do arruamento, assumir esta quebra enfatizando-a e dando-lhe uma leitura de continuidade entre as diferentes morfologias edificadas. Pelo contrário, o lado sul desta fase da rua, apresenta uma frente irregular onde a continuidade edificada é anulada pela falta de sistematização dos elementos formais de cada alçado que não sendo unificadores das diversas composições, quebram a regularidade. Este momento específico da rua reflecte a problemática de urbanizar um terreno com área escassa para edificar e uma constante dificuldade em contornar e adaptar as novas construções às pré-existências, resultado de um estrangulamento e diminuição de profundidade devido à convergência de vias aquando do prolongamento do traçado. Tendo sido efectuado neste prolongamento um alargamento da via e, por consequência, um desfasamento no alinhamento entre as duas fases, é curioso que esse desencontro de 3 metros tenha sido efectuado e retirado

precisamente ao momento com menor área útil para edificar, problematizando talvez ainda mais a convivência com as pré-existências.

No geral, o conjunto edificado da rua transmite uma continuidade através da sistematização dos elementos formais, pela leitura rítmica do conjunto de três vãos, que aliados ao alinhamento entre cornijas e platibandas transmitem ao exterior uma unidade, ainda que por vezes interrompida ou enfatizada pela ausência dessa mesma sistematização. O conjunto mostra igualmente uma estratificação entre pisos, na medida em que através das sucessivas sacadas individuais ou contínuas, revela a progressão entre os mesmos, verificando-se a estreita relação do piso térreo com a rua demonstrando uma característica funcional de hierarquização e progressão do público para o privado.

Em suma, a Rua Passos Manuel transformou-se numa forma física urbana que apresenta a procura de novas concepções no processo de construção. Nela, a heterogeneidade volumétrica resultante também da dificuldade das várias configurações de lote e do longo declive é uniformizada e regularizada por uma produção geral, e por algum compromisso estético ainda que utilizado pontualmente, dos elementos formais de composição do alçado dispostos sistematicamente procurando uma contextualização individual e colectiva, ao mesmo tempo que revelam factores de hierarquização na apropriação do espaço urbano.

Esta rua reflecte a problemática de uma época em constante transformação e desenvolvimento, constituindo-se representação de atitudes que contêm identidades características de um determinado tempo, dos seus pensamentos e suportes ideológicos, assim como das inerentes possibilidades construtivas.

Glossário

Águas-furtadas – s.f. Denominação que se dá ao último andar de uma casa, aproveitando sobre o madeiramento do telhado tendo abertas janelas, para lhe dar luz e ar. As janelas das águas-furtadas ficam quase sempre recolhidas em relação ao plano de fachada. Podem as janelas das águas-furtadas, quando ornamentadas apropriadamente, concorrer para a decoração do edifício.

Piso de uma casa cuja cobertura é o telhado, tendo uma área útil inferior aos restantes pisos a que se sobrepõe. (Maria João Madeira Rodrigues; Pedro Fialho de Sousa; Horácio Manuel Pereira Bonifácio. *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005, p. 21)

Almofada – s.f. Saliência, quase sempre rectangular, moldurada no contorno, na superfície de um muro, porta, etc. (Ibid., p. 24)

Balaustrada – s.f. Parapeito constituído por fila de balaústres dispostos regularmente, coroado de corrimão ou imposta. Usa-se como remate de uma construção, ou como anteparo de um vão, de uma varanda, de um balcão ou terraço. (Ibid., p. 55)

Balaústre – s.f. Coluna pequena, geralmente de fuste bojudo, usado nas balaustradas. Tipo de decoração. O balaústre é um elemento de aplicação repetitiva, consumando-se a sua existência na balaustrada. (Ibid., p. 55)

Cimalhete – Coroamento de platibanda. Estende-se o termo cimalhete ao coroamento de uma balaustrada. Fixa-se o termo que designa o elemento superior estrutural, quer de um parapeito fechado quer de um parapeito "transparente". (José César Vasconcelos Quintão, *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico: Uma Sistematização Classificativa*. Porto: FAUP Publicações, 2005, p. 66)

Cornija – Parte do remate do entablamento. Moldura usada para marcar vários andares numa parede, funcionando, quer como sistema de escoamento de águas, quer como elemento decorativo. Moldura decorativa servindo para coroar frontões, balaustradas, pedestais, etc. (Ibid. p. 67)

Membro arquitectónico saliente que coroa o friso de um entablamento, um pedestal, uma balaustrada. (Maria João Madeira Rodrigues; Pedro Fialho de Sousa;

Horácio Manuel Pereira Bonifácio. *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005, p.96)

Denteado – s.m. Motivo ornamental talhado em formas de dentes, utilizado nas molduras das cornijas. (Ibid., p. 106)

Eixo - s.m. Linha imaginária que se supõe passar pelo centro duma construção ou de qualquer uma das partes. (Ibid., p. 116)

Embasamento – s.m. Base continuada, ou alicerce, que serve para sustentar um edifício. (Ibid., p. 116)

Empena – s.f. A parte triangular das paredes, geralmente laterais, de um edifício, compreendida entre o nível do beirado da fachada principal e o espigão do telhado. (GEPB, Lisboa, Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Limitada)

Parte superior e triangular de uma fachada, onde assenta o vigamento de um telhado de duas águas. (Maria João Madeira Rodrigues; Pedro Fialho de Sousa; Horácio Manuel Pereira Bonifácio. *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005, p. 117)

Faixa (ou facha) – é um filete prismático muito alto e pouco saliente. Emprega-se muito nas fachadas para separar diversos pavimentos. (*Edificações – Alvenaria e Cantaria*, Biblioteca de Instrução Profissional, Elementos de História de Arte.)

Fecho – s.m. Designação da pedra central de um arco ou abóbada, também designado por chave. (Maria João Madeira Rodrigues; Pedro Fialho de Sousa; Horácio Manuel Pereira Bonifácio. *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005, p. 134)

Filete (ou Listelo) – É a moldura estreita, geralmente tão alta como saliente, limitada entre duas rectas paralelas e duas verticais que a limitam lateralmente. Pode ser cilíndrico quando, por exemplo, circunda uma coluna, ou prismático se contornar uma pilastra. (*Edificações – Alvenaria e Cantaria*, Biblioteca de Instrução Profissional, Elementos de História de Arte.)

Frontão – s.m. Coroamento da fachada principal de um edifício, de um aporta, janela ou nicho. (Maria João Madeira Rodrigues; Pedro Fialho de Sousa; Horácio Manuel Pereira Bonifácio. *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005, p. 139)

Geminado – adj. Designação aplicada a vários elementos arquitectónicos (casas, colunas, janelas, etc.) ou escultóricos agrupados a par e com um elemento de união comum. (Ibid., p. 146)

Moldura – s.f. Parte mais ou menos saliente, plana, circular ou ovalada, que serve de ornato arquitectónico. (Ibid., p. 185)

Nembo – s.m. Maciço entre vãos, em obra de alvenaria ou cantaria. (Ibid., p. 196)

Espaço entre os vãos de uma fachada. Também designados por machos. (Pereira da Costa, *Enciclopédia prática da construção civil*, Lisboa: Ed. do A., 1930-1939, p.7 do capítulo: obras de alvenaria.)

Ombreira – s.f. Cada uma das peças verticais da guarnição de um vão de porta ou janela. (Maria João Madeira Rodrigues; Pedro Fialho de Sousa; Horácio Manuel Pereira Bonifácio. *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005, p. 202)

Padieira – s.f. Peça de pedra, madeira ou ferro que se apoia nas ombreiras de uma porta ou janela. Também designada por verga ou lintel. (Ibid., p. 209)

Pilarete – s.m. Pilastra pouco saliente, sem base nem capitel, sobre a qual se apoia uma outra pilastra ou coluna, ou servindo de umbral. (José César Vasconcelos Quintão, *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico: Uma Sistematização Classificativa*. Porto: FAUP Publicações, 2005, p. 67)

Pilastra – s.f. Elemento vertical formado por uma saliência reduzida numa parede, geralmente munido de uma base e um capitel semelhantes aos da coluna.

Elemento arquitectónico, de suporte ou decorativo, como um pilar mural rectangular, pouco saliente da parede (onde está embebido) e que nas ordens clássicas

é composto pelas mesmas partes das colunas, isto é, base, fuste e capitel. Os fustes podem ser lisos, canelados ou ornados com vários motivos. (Ibid., p. 63)

Platibanda – Moldura achatada, larga e pouco saliente. Resguardo de remate de um telhado. Cercadura.

A platibanda pode acumular duas funções de resguardo: de protecção efectiva de pessoas que se movimentem na zona da cobertura do edifício; de protecção visual, impedindo que o telhado tenha destaque na apropriação estética da contemplação do edifício. É sempre um processo de elevação da cota total da fachada. (Ibid., p. 83)

Rampante – s.m. Em arquitectura, cada um dos lados oblíquos do triângulo que forma uma empena em bico, um frontão, um muro triangular. (Ibid., p. 60)

Sacada – s.f. Saliência de qualquer elemento excedendo a linha da parede do edifício. Avançamento que produz o balcão de uma janela. (Maria João Madeira Rodrigues; Pedro Fialho de Sousa; Horácio Manuel Pereira Bonifácio. *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005, p. 239)

Com sacada pretende-se indicar as portas inseridas a um nível acima do primeiro piso, tenham ou não um pequeno avanço sobre o plano de fachada. (José César Vasconcelos Quintão, *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico: Uma Sistematização Classificativa*. Porto: FAUP Publicações, 2005, p.73)

Soco – São como que um roda-pé, que sobre o solo percorre a fachada. (*Enciclopédia prática da construção civil*. F. Pereira da Costa. Lisboa: Ed. do A., 1930-1939, p.6 do capitulo: obras de alvenaria.)

Soleira – s.f. Peça quadrangular de pedra, cimento, madeira ou metal, onde assentam as ombreiras das portas ou janelas. (Maria João Madeira Rodrigues; Pedro Fialho de Sousa; Horácio Manuel Pereira Bonifácio. *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005, p. 245)

Vão – s.m. Espaço aberto nas paredes para iluminação e arejamento ou para colocação de portas e janelas. (Ibid., p. 276)

Fontes e Bibliografia

Fontes cartográficas

Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto (A.H.M.P.)

- Livros de Plantas de Arruamentos
- Livros de Plantas de casas
- Livros de Obras

AAVV (1949) – Exposição de Plantas da Cidade do Porto dos séculos XVIII e XIX – Porto: Gabinete de História da Cidade, 1949

AAVV (1992) – Arquivo Histórico Municipal e Gabinete de Planeamento Urbanismo – Álbum de cartografia portuense: alguns exemplares anteriores à carta de 1892. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1992.

FERREIRA, Augusto Gerardo Telles – Catálogo da Exposição Comemorativa do 1º Centenário da Carta Topográfica de A. G. Teles Ferreira - Uma cartografia exemplar: O Porto em 1892. Arquivo Histórico do Porto, Cord.: Manuel Luís Real Porto: A.H.P., 1992.

Bibliografia

ALVÃO, Domingos – *A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão: 1872-1946*. Porto: Fotografia Alvão, 1993.

ALVES, J. J. Ferreira – *O Porto na Época dos Almadas*. Porto, 1988.

ALVES, Pedro Miguel – *Articulações de Frentes Urbanas no Porto do Século XX. Percursos. Morfologias. Modelos* (Prova Final para Licenciatura em Arquitectura). FAUP, 2004/2005

ATENEU COMERCIAL DO PORTO – *O Ateneu Comercial do Porto: 50º aniversário da sua fundação:1869-1919*. Porto: Tipografia Costa Carregal, 1919.

BARROS, José Augusto Corrêa – *Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto* apresentado à Câmara Municipal em sessão extraordinária de 26 Setembro de 1881. Porto: Typografia de António José da Silva Teixeira, 1881.

BARROS, José Augusto Corrêa de – Relatório da Gerência de 6 de Novembro de 1881, citado em "O Tripeiro", ano IX, V série, nº3, Julho de 1953.

BENEVOLO, Leonardo – *A cidade e o arquitecto*. Lisboa: Edições 70, 1998.

BESSA, Francisco Pinto – *Relatório da Gerência da Câmara do Município do Porto durante o biénio de 1874 e 1875* apresentado e lido pelo Presidente na sessão de posse da nova Câmara em 2 de Janeiro de 1876. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1976.

CARDOSO, António – O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX. *Porto*: FAUP Publicações, 1997.

CARVALHO, Luciano Simões de - *Relatório do Prezidente da Camara de 1838*, no jornal O Primeiro de Janeiro de 1839. Porto: A.H.M.P.

COSTA, F. Pereira da – *Enciclopédia prática da construção civil*. Lisboa: Ed. do A., 1930-1939.

DELFANTE, Charles – *A Grande História da Cidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000

ELEB-VIDAL, Monique; DEBARRE-BLANCHARD, Anne – *L'invention de l´habitation moderne: Paris 1880-1914*. Paris : A.A.M. Hazan, 1995.

FERNANDES, Francisco Barata – *Transformação e permanência na habitação portuense : As formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP Publicações, 1999.

FERREIRA, J. A. Pinto – *Para a Historia da urbanização do Porto no século XIX*, em O Tripeiro, V série, ano XV (5). Porto, 1959.

FERREIRA, José Maria; MACHADO, António Júlio – *Anteprojecto da Estação Central*. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1887.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – rubrica "*Toponímia Portuense*" no jornal O Primeiro de Janeiro. Porto, 29 de Fevereiro de 1972.

GONÇALVES, Fernando – *Evolução histórica do Direito do Urbanismo em Portugal (1851-1988)*, em Direito do Urbanismo. Lisboa: INA, 1989.

LAMAS, J. M. Ressano Garcia – *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, J.N.I.C.T., 1993.

LUNCH, Kevin – *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *Quatro Fases da Urbanização do Porto no século XVIII* no Boletim Cultural do Porto, 2ª série, vol. 2, 1984.

NONELL, Anni Günther; TAVARES, Rui – "Oporto" in *Atlas histórico de ciudades europeas, Vol.1- Península Ibérica*. Barcelona: Salvat, 1994.

NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763/1852 a construção da cidade entre o despotismo e liberalismo*. Porto: FAUP publicações, 2002.

PANERAI, Philippe; DEPAULE, Jean-Charles; DEMORGON, Marcelle – *Analyse Urbaine*. Marseille : Éd. Parenthèses, 1999.

PEREIRA, Gaspar Martins. – *Famílias portuenses na viragem do século (1880-1910)*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

PEREIRA, Gaspar Martins; PEREIRA, Luciano Vilhena. *Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 1995.

PIRES, Maria do Carmo Marques – *A Rua Álvares Cabral (1895-1940), Formas de Habitar*. Porto: FAUP Publicações, 2000.

QUINTÃO, José César Vasconcelos – *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico: Uma Sistematização Classificativa*. Porto: FAUP Publicações, 2005

RAMOS, Luís A. de Oliveira – *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994.

REAL, Manuel Luís; TAVARES, Rui – *Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto*, in Revista Povos e Culturas – III. Património Urbano e Arquitectónico. Lisboa: CEPCEP, 1987.

REIS, Wendel dos – rubrica "Recordações e Saudades – Os americanos do Porto", em O Tripeiro, V serie, Ano I (9). Porto, 1946.

RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho de; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. Coimbra: Quimera Editores, 2005.

SOUSA, Fernando de; ALVES, Jorge Fernandes – *Os transportes colectivos do Porto – perspectiva histórica*. Porto: STCP, 2001

UNIVERSIDADE DO PORTO – *VI Colóquio ibérico de geografia – Actas, a península Ibérica – um espaço em mutação, Vol. III*. Porto: Publicações da Universidade do Porto, 1995

Créditos de Imagens

F01, F02 - Arquivo Histórico Municipal e Gabinete de Planeamento Urbanismo – Álbum de cartografia portuense: alguns exemplares anteriores à carta de 1892. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1992.

F03 – Esquema da autora com base na sobreposição das Planta da Cidade do Porto de 1865 e 1892.

F04, F05, F10, F11, F12, F13, F14, F15, F16, F17, F19, F21, F56 - Base digital do Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.

F06 - Arquivo Fotográfico do Museu do Carro Eléctrico.

F07, F08, F09 - Esquema da autora sobre a Planta da Cidade do Porto de 1865.

F18, F22, F23 - FERREIRA, Augusto Gerardo Telles – Catálogo da Exposição Comemorativa do 1º Centenário da Carta Topográfica de A. G. Teles Ferreira - Uma cartografia exemplar: O Porto em 1892. Arquivo Histórico do Porto, Cord.: Manuel Luís Real Porto: A.H.P., 1992.

F20 - Esquema da autora com base na sobreposição da Planta da Cidade do Porto de 1892 e da Planta de rectificação do alinhamento e alargamento na área da cidade compreendida entre as Ruas de Passos Manuel, Alegria, Sto. Ildefonso e Largo se Sto. André.

F24, F26, F54, F58, F59 - ALVÃO, Domingos – *A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão: 1872-1946*. Porto: Fotografia Alvão, 1993.

F25, F27, F29, F34, F35, F36, F37, F38, F39, F40, F41, F42, F43, F44, F45, F46, F47 – Livros de Plantas, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.

F28, F30, F33, F48, F68 - Esquema da autora tendo como base alçados incluídos nos livros de plantas do Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.

F31 - Ateneu Comercial do Porto – *O Ateneu Comercial do Porto: 50º aniversário da sua fundação:1869-1919*. Porto: Tipografia Costa Carregal, 1919.

F32 – Esquema da autora tendo como base a Planta da Cidade do Porto de 1892, a planta do projecto de abertura da segunda fase da rua e alçados dos Livros de Plantas.

F49 - Esquema da autora tendo como base a Planta da Cidade do Porto de 1892 e alçados dos Livros de Plantas.

F50, F52, F53, F55, F57 - Livros de Obras, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.

F51 – Imagem superior: ALVÃO, Domingos – *A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão: 1872-1946*. Porto: Fotografia Alvão, 1993. Imagem inferior: Fotografia de Teófilo Rêgo em 1953 – Fundação Marques da Silva.

F60, F61, F66, F67 - Esquema da autora tendo como base a Planta Digital da Cidade do Porto de 2004, alçados dos Livros de Plantas e alçados do Livros de Obras.

F62, F63, F64, F65 - Esquema da autora tendo como base alçados dos Livros de Plantas.

Anexos

Fichas de descrição e análise dos alçados edificados na Rua Passos Manuel

O ponto de partida desta investigação resultou na realização de uma pesquisa e recolha de informação disponível relativa aos pedidos de licença de obras, que eram realizados através do desenho de alçado a que chamavam *planta*, proporcionando desta forma a primeira aproximação ao objecto de estudo: a Rua Passos Manuel. O seu conjunto constitui, aqui, o *corpus* da investigação.

Sobre este, procedeu-se à análise detalhada de todo esse material, resultando num conjunto de fichas descritivas de cada alçado que permitem o conhecimento da sua configuração geral, bem como de todos os elementos formais da composição, em pormenor e na sua relação com o desenho geral.

As fichas descritivas que seguem em anexo constituem uma ferramenta operativa de trabalho permitindo ler através da observação individualizada de cada alçado um cruzamento de informações. É sobre estas que toma forma a possibilidade de compreender e inferir um conjunto de estratégias e princípios subjacentes ao Projecto. Aplicados individualmente, as decisões quanto ao desenho de alçado revelam sistematização e hierarquização no processo de construção da frente de rua.

Para uma interpretação mais contextual, está ainda presente a informação relativa ao requerente da obra, à data de aprovação da licença e a sua localização na rua em estudo.

Identificação alçado: N1

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 74 p.390 e nº 80 p.98

Requerente: José Joaquim de Faria Guimarães

Licença de construção: Aprovado em 1880/08/13. Aprovado piso de águas-furtadas em 1881/08/25.



Localização: Primeira fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Altura máxima de 19,80 metros e mínima de 17,60 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 18,70 metros e mínima de 16,50 metros. As águas-furtadas surgem recuadas e têm uma altura visível acima da platibanda de 1,70 metros. Tem uma largura total de 23,20 metros medida entre pilastras. A composição do alçado apresenta-se dividida em três secções por pilastras tendo a secção central 3 metros de largura, entre pilastras, e encontra-se ligeiramente saliente em relação às secções laterais. Todas as pilastras têm 0,40 metros de largura, surgem de socos ao nível do rés-do-chão e terminam em capitéis que recebem a faixa encimada pela cornija.

Pisos: Rés-do-chão mais três pisos e águas-furtadas.

Todos os pisos estão assinalados no alçado através de faixas horizontais com 0,20 metros de altura. À excepção da faixa encimada pela cornija, todas as outras se sobrepõem em relação às pilastras. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 5,50 metros e mínima de 3,80 metros. O primeiro piso apresenta uma altura de 4 metros e o segundo e terceiro pisos têm 3,60 metros de altura.

Eixo central da composição: Ocupado por aberturas, vãos e enfatizado pela secção central.

Vãos: São visíveis cinco vãos por piso, sendo que cada piso tem um vão situado na secção central e dois em cada secção lateral. Cada vão tem 1,30 metros de largura, à excepção dos situados no piso de águas-furtadas que apresentam 1,10 metros de largura.

O piso de rés-do-chão tem vãos de porta, sendo que todos eles têm as suas soleiras a diferentes cotas uma vez que estas acompanham a pendente da rua. Na secção central o vão tem 3,90 metros de altura e apresenta a padieira em arco de volta perfeita tendo uma chave saliente. Este vão é encimado por sacada. Na secção esquerda do alçado o vão situado junto à pilastra esquerda tem 4,50 metros de altura e o seguinte 4,20 metros. Na secção direita da fachada o vão junto à pilastra esquerda tem 3,40 metros de altura e o seguinte 3,10 metros de altura. Todos estes vãos apresentam padieiras em arco e é igualmente visível um alinhamento pelo exterior das ombreiras que une as padieiras à faixa acima situada. A toda a largura do alçado está um soco que apresenta uma quebra na linha do seu limite superior quando atinge a pilastra direita da secção

central. Assim, o soco tem uma altura máxima de 2 metros e mínima de 0,70 metros entre a secção esquerda e a secção central, passando a ter uma altura máxima de 1,70 metros e mínima de 0,70 metros na secção direita da fachada.

O primeiro piso comporta vãos de porta com sacadas individuais. Cada vão tem 3,30 metros de altura. As sacadas apresentam 2,30 metros de largura, excepto a central que apresenta 2,80 metros. Todas as guardas das sacadas são em gradeamento e têm 1 metro de altura. Este piso tem um soco a toda a largura da fachada com 0,40 metros de altura que se une às pilastras.

O segundo piso apresenta vãos de janela com pano de peito, que têm 2,50 metros de altura com 0,40 metros de pano de peito em gradeamento. A altura livre é de 2,10 metros.

O terceiro piso apresenta vãos de janela com 2,10 metros de altura. Todos os vãos situados no primeiro, segundo e terceiro pisos apresentam padieiras e duplas padieiras em arco.

Nas águas-furtadas os vãos de janelas têm uma abertura visível de 1,20 metros estando alinhados pelos vãos dos pisos inferiores. Estes vãos não têm padieiras já que estas foram suprimidas pela faixa.

No primeiro plano do alçado os nembos das secções laterais têm entre ombreiras de vãos têm 2,10 metros e entre ombreiras e pilastras 1,90 metros, excepto o nembo junto da parede de meação direita que tem uma largura de 2 metros. Os nembos da secção central têm 0,70 metros de largura.

Cornija: A cornija está sobre a faixa que representa a laje de cobertura e é encimada pela platibanda. É contínua contornando a saliência da secção central e saliente em relação aos limites exteriores do alçado.

Platibanda: A platibanda é o elemento que encerra a composição do alçado face à rua e tem 1,10 metros de altura acima da cornija. Apresenta-se cerrada e tem indicação da presença das pilastras.

Obs.: Alçado pertencente a uma edificação de gaveto, cuja profundidade é orientada para a rua em estudo.

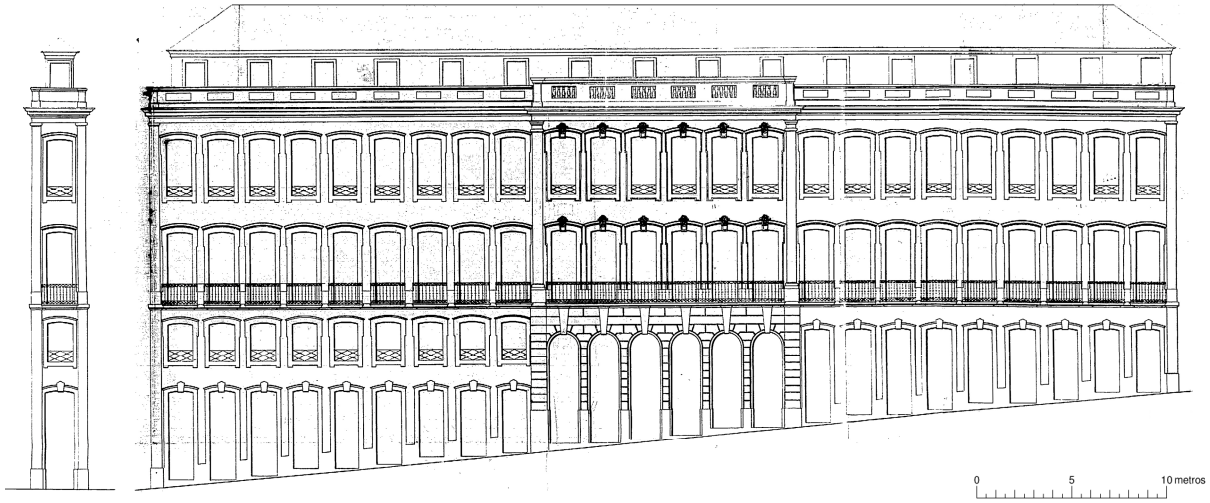
A verticalidade transmitida pelos vãos e pela compartimentação das pilastras é superior a horizontalidade das faixas, comunicando uma leitura vertical da composição do alçado. A compartimentação enfatiza igualmente a centralidade do alçado, que em conjunto com o vão que apresenta a padieira em arco perfeito encimado por sacada garante uma leitura imediata da existência do eixo central de composição. Existe divisão entre o piso térreo e os pisos superiores sendo claramente perceptível pela horizontalidade transmitida pela sucessão de sacadas que reforçam essa hierarquização. As faixas que se sobrepõem às pilastras transmitem igualmente uma hierarquização entre pisos. A cornija encimada por platibanda encerra o alçado e demonstra uma presença reforçada a nível visual pela sua continuidade e projecção em relação aos limites laterais da composição do alçado, demarcando assim o seu limite espacial.

Identificação alçado: N2

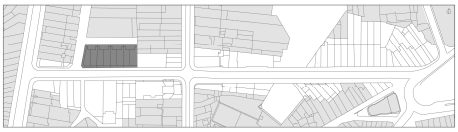
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 84 p.378; nº 88 p.422

Requerente: José Nogueira Pinto

Licença de construção: Aprovado em 1882/11/20. Aprovado piso de águas-furtadas em 1883/12/13.



Localização: Primeira fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 21,20 metros e mínima de 16,20 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 20 metros e mínima de 15 metros. As águas-furtadas surgem recuadas em relação ao primeiro plano de alçado e têm uma altura visível acima da platibanda de 1,90 metros. A largura total do alçado entre pilastras extremas é de 53,30 metros, no entanto este alçado encontra-se seccionado em três momentos através de pilastras. Assim, a secção central entre pilastras apresenta 12,60 metros de largura e o seu plano encontra-se ligeiramente saliente em relação aos planos das secções laterais que apresentam 19,45 metros cada. As pilastras extremas têm uma largura de 0,60 metros e as pilastras que delimitam a secção central têm uma largura de 0,80 metros ao nível do piso de rés-do-chão, passando a apresentar 0,60 metros de largura nos pisos superiores. O piso de águas-furtadas não acompanha a largura total do alçado.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas. A secção à esquerda da secção central tem um piso intermédio entre o rés-do-chão e o primeiro piso.

No piso de rés-do-chão a altura máxima é de 9,60 metros e mínima de 4,50 metros. Não há indicação no alçado da laje entre o primeiro e segundo pisos, tendo em conjunto uma altura de 9,50 metros.

Eixo central da composição: O eixo central da composição geral do alçado encontra-se sobre elementos cerrados, nembos, no entanto se considerar o eixo das secções laterais, esses encontram-se sobre aberturas, vãos.

Vãos: O alçado revela a presença de vinte e quatro vãos por piso, estando seis situados na secção central e nove em cada secção lateral. A secção lateral esquerda apresenta ainda nove vãos no piso intermédio. Nas águas-furtadas são visíveis quinze vãos.

O piso de rés-do-chão apresenta vãos de portas, com a excepção da secção esquerda que igualmente apresenta vãos de janela com pano de peito. As padieiras encontram-se alinhadas entre os vãos pertencentes a cada secção e as soleiras acompanham a pendente da rua. Na secção esquerda os dois vãos situados junto da pilastra lateral têm 4,60 metros de altura, tendo o seguinte 4,50 metros. À direita deste os dois vãos apresentam novamente a mesma altura de 4,20 metros e o seguinte 3,90 metros. Dos três vãos situados junto à pilastra central esquerda, os dois mais afastados têm 3,60 metros de altura e o imediatamente junto

tem 3,50 metros de altura. No alinhamento vertical de cada um destes vãos, estão situados os vãos de janela com pano de peito do piso intermédio, tendo eles 2,10 metros de altura e 0,70 metros de pano de peito, tendo uma abertura livre de obstáculos de 1,40 metros. Na secção direita o vão situado junto à pilastra central direita tem uma altura de 4,90 metros e os dois à sua direita apresentam 4,40 metros de altura. O vão que encontra à direita destes tem 4,20 metros e os à sua direita apresentam 3,85 metros de altura. Dos três vãos situados junto da pilastra lateral direita, o mais afastado tem 3,70 metros e os dois seguintes 3,30 metros de altura. Todos estes vãos apresentam uma largura de 1,30 metros e têm as padieiras e duplas padieiras curvas, sendo que à excepção dos vãos do piso intermédio, todos os outros apresentam uma chave saliente ao centro da padieira. Os vãos situados neste piso e pertencentes à secção central têm 1,50 metros de largura e as suas padieiras são em arco tendo ao centro uma chave que se prolonga verticalmente até à sacada que os encima. Os dois vãos situados junto à pilastra central esquerda têm 5,70 metros de altura e os dois vãos situados junto da pilastra central direita têm 4,90 metros de altura. Dos dois vãos centrais, o que se encontra à esquerda tem uma altura de 5,50 metros e o da direita 5,30 metros de altura. A toda a largura do piso de rés-do-chão existe um soco que nas secções laterais mantém uma altura à calçada de 1,10 metros acompanhando a pendente e na secção central mantém um alinhamento superior tendo a sua altura mínima de 1 metros, junto da pilastra direita e a sua altura máxima de 2,30 metros, junto da pilastra central esquerda.

No primeiro piso, as secções laterais têm vãos de porta com sacada individual e a secção central tem vãos de porta com sacada contínua entre pilastras centrais. Todos os vãos deste piso apresentam 1,30 metros de largura e 3,60 metros de altura. As guardas das sacadas têm 1 metro de altura. As sacadas individuais têm 1,80 metros de largura, estando alinhadas pelos limites exteriores das ombreiras de cada vão a que pertencem. A toda a largura deste piso encontra-se um soco com 0,60 metros de altura, é contínuo e sobrepõe-se às pilastras.

O segundo piso apresenta vãos de janela com pano de peito, tendo todos 3 metros de altura e 0,60 metros de pano de peito, apresentando assim uma abertura livre de obstáculos de 2,40 metros de altura. Todos os vãos situados no primeiro e segundo pisos apresentam as padieiras e duplas padieiras curvas, tendo as localizadas nos vãos da secção central uma chave saliente ao centro com ornamento em forma de flor.

Os vãos do piso de águas-furtadas têm 1 metro de largura cada e 1,20 metros de altura visível acima da platibanda.

Os nembos apresentam 0,35 metros de largura quando medidos entre ombreiras e quando medidos entre ombreira e pilastra são praticamente inexistentes. Os nembos do piso de águas-furtadas têm 2 metros de largura entre ombreiras.

Cornija: Elemento composto por várias molduras é contínuo percorrendo, sem interrupções, uma vez que contorna o plano saliente da secção central, toda a largura do alçado encontrando-se saliente em relação aos limites extremos das pilastras laterais. É recebida por capitéis de moldura simples situados no término das pilastras laterais e por capitéis de moldura desenvolvida situados no término das pilastras centrais.

Platibanda: Elemento que encerra a composição do alçado face à rua, tem 1,20 metros de altura acima da cornija nas secções laterais, sendo mais elevada na secção central, tendo acima da cornija 1,60 metros. A platibanda das secções laterais é totalmente cerrada, tendo no alinhamento vertical dos vãos almofadas que reforçam a sua presença nos pisos inferiores. A platibanda central é interrompida por balaustrada no alinhamento vertical das aberturas dos vãos. Ambas apresentam o término das pilastras nos seus extremos.

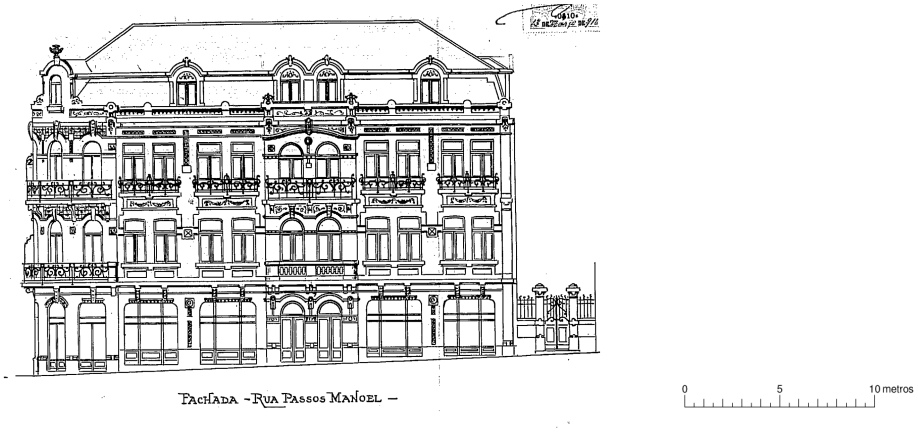
Obs.: Alçado de frente extensa, demonstra uma associação de edificações através da sua composição. A diferença de altura entre os pontos extremos do alçado provocada pela forte pendente da rua, é visível no pé-direito do piso térreo. No entanto, este factor é solucionado pelo seccionamento da composição em três momentos e pela inclusão de vãos entre o piso térreo e o primeiro piso na secção que demonstra maior altura de pé-direito no rés-do-chão, conseguindo desta forma um equilíbrio na composição do alçado não tendo perdido o ritmo e os alinhamentos quer verticais, quer horizontais. O embasamento da secção central ao nível do piso térreo em conjunto com o alinhamento horizontal provocado pelas sucessivas sacadas transmite uma clara hierarquização dos pisos superiores para com o piso térreo. Esse mesmo embasamento é indicador de uma superioridade da secção central, reforçada ainda pela elevação da platibanda. A cornija contínua e saliente em relação aos limites laterais unifica esta composição que representa claramente um alçado equilibrado e unificador da frente urbana. Este alçado transmite uma mudança na forma de construir e por consequência de criar frente de rua, sendo que através da associação de lotes cria uma frente de alçado contínua, que unifica o traçado urbano e dá continuidade à leitura espacial da rua.

Identificação alçado: N5

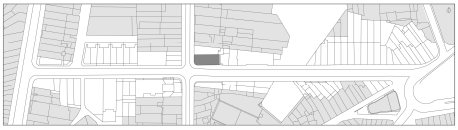
Fonte: A.H.C.M.P. - Livro de obras nº 406 p.29, ano de 1916

Requerente: Emília Leopoldina Pereira de Morais

Licença de construção: Aprovado em 1916/03/30



Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 14,30 metros e mínima de 13,50 metros. Quando medida da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 13,40 metros e mínima de 12,60 metros. Num plano recuado surgem as águas-furtadas que revelam uma altura visível acima da platibanda de 1,70 metros. Verifica-se apenas a presença de uma pilastra no extremo direito do alçado com 0,60 metros de largura. Sendo uma edificação de gaveto em curva, o alçado orientado para a rua em estudo é delimitado pela pilastra existente e por uma linha vertical que marca a mudança do plano vertical para o plano curvo. Desta forma, o alçado orientado para a rua em estudo tem 20,40 metros de largura. Neste plano existe uma secção com 4,90 metros de largura que se salienta do plano geral do alçado.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

Entre o piso de rés-do-chão e o primeiro piso é visível uma faixa com 0,15 metros de altura que transmite o pé-direito do piso térreo, sobrepõe-se à pilastra e encontra-se unida às chaves das padieiras dos vãos aí existentes, criando assim um embasamento que suporta toda a composição dos pisos superiores. Nos pisos superiores não existe a marcação de laje a toda a largura, no entanto surge um segmento de faixa sobre a pilastra que indica a localização da laje. Desta forma, a pilastra existente comporta em si a informação relativa ao pé-direito de cada piso.

O rés-do-chão apresenta altura máxima de 4,30 metros e mínima de 3,80 metros. O primeiro piso tem uma altura de 4,10 metros e o segundo piso de 3,80 metros

Eixo central da composição: Situado sobre nembos no plano saliente do alçado, é reforçado por elementos ornamentais que estão colocados sobre si.

Vãos: O rés-do-chão tem seis vãos, sendo os situados na secção central de porta e os nas secções laterais de janela, estes apresentam as soleiras alinhadas entre si de acordo com a secção a que pertencem. Os centrais têm 3,10 metros de altura e 1,30 metro de largura, os laterais esquerdos têm 3,30 metros de altura e 3 metros de largura e os laterais direitos têm 2,90 metros de altura e 3 metros largura.

O primeiro e segundo pisos têm dez vãos cada, estando dois situados na secção centrais e quatro em cada secção lateral. Os vãos centrais são de porta com sacada e os laterais são de janela, apresentando todos 1,30 metros de largura e encontram-se agrupados dois a dois. Os dois vãos centrais do primeiro piso são acompanhados por uma sacada única que tem a guarda em balaustrada com 0,80 metros de altura. Os laterais têm 2,25 metros de altura e estão agrupados pelo peitoril contínuo que acompanha a largura do conjunto de dois vãos. Situado sob a ombreira de cada conjunto é visível um painel que salienta a

abertura do vão. As padieiras englobam igualmente o conjunto de cada dois vãos e estendem-se até um plano ornamentado que recebe o resguardo que acompanha o conjunto de dois vãos do piso superior.

No segundo piso os vãos centrais têm 2,90 metros de altura e são acompanhados por uma sacada com resguardo de 1,10 metros de altura em ferro trabalhado. Os vãos laterais têm 2,40 metros de altura e encontram-se agrupados dois a dois pela padieira contínua entre eles encimada por um pano de peito que simula o resguardo de uma sacada, tendo 0,80 metros de altura. Sob cada padieira encontra-se um painel ornamentado.

Os vãos centrais do primeiro e segundo pisos têm as padieiras em arco.

Os vãos situados no piso de águas-furtadas têm 1 metro de largura e 1,80 de altura acima da platibanda. Existem neste piso quatro vãos, estando dois no alinhamento vertical dos vãos situados na secção central do alçado e um alinhado pelos nembos existentes nas secções laterais.

Cornija: A cornija é um elemento rectangular que se situa sobre a faixa ornamentada do último piso. Apresenta-se contínua, contornando todos os elementos formais da composição do alçado.

Platibanda: Elemento que termina a composição do primeiro plano de alçado face à rua, comporta a presença dos vãos presentes nas águas-furtadas. É um elemento cerrado cuja cota se eleva no alinhamento da secção central do alçado, comportando-se como um resguardo de sacada para os vãos do piso de águas-furtadas aí existentes. Nas secções laterais a platibanda apresenta 0,80 metro de altura e na secção central apresenta 1 metro de altura acima da cornija. No alinhamento dos nembos centrais de cada conjunto de dois vãos apresenta saliências curvas acima cimalha.

Obs.: Alçado pertencente a uma edificação de gaveto, cuja profundidade é orientada para a rua em estudo.

Esta edificação é denominada Edifício de Habitação e Comércio Emília de Morais. O projecto desta edificação data do inicio do século XX, pelo que já incluí as plantas do interior da edificação. Assim é possível saber que o piso térreo é destinado a comércio, o primeiro piso a escritórios, o segundo piso a habitação e as águas-furtadas são ocupadas por quartos.

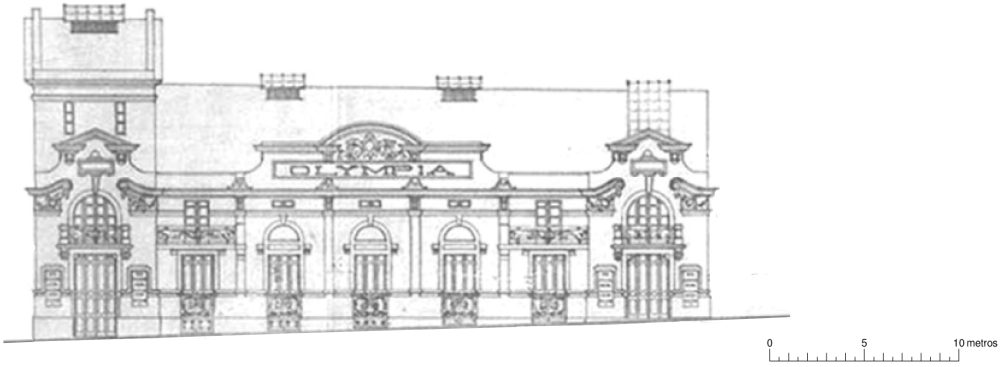
A composição deste alçado apresenta-se com bastantes ornamentos que se interligam com os elementos formais, originando por vezes o destaque destes ou o oposto, ou seja, a dissimulação dos mesmos. Este aspecto cria uma leitura de alçado contemplativa que destaca claramente os pisos superiores em relação ao piso térreo. As águas-furtadas surgem imediatamente sobre o plano posterior da platibanda mostrando-se à rua e unindo-se à composição do alçado, auxiliando o reforço do eixo de simetria.

Identificação alçado: N6

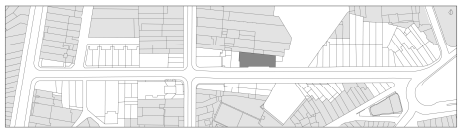
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de obras nº 1353 p.239, ano de 1911

Requerente: Henrique Ferreira Alegria

Licença de construção: Aprovado em 1911/08/17



Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 8,90 metros e mínima de 7,80 metros. Quando medida da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 8 metros e mínima de 6,90 metros. O alçado encontra-se delimitado lateralmente pela presença de dois corpos com 6,40 metros de largura cada, estando o corpo entre estes recuado ligeiramente e seccionado por pilastras que enquadram a presença dos vãos. Este corpo recuado tem 22,80 metros d largura. No total o alçado apresenta 35,60 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão com a presença de mais um piso nos corpos laterais e nos extremos do corpo central.

Pela presença das sacadas é possível determinar que o piso de rés-do-chão tem um pé-direito variável entre 4,70 metros e 3,70 metros. O primeiro piso surge no alçado como tendo 2,60 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre uma abertura e enfatizado pelo frontão curvo.

Vãos: Todos os vãos presentes neste alçado são de porta, tendo os que se situam acima do piso térreo uma sacada individual. Em contacto directo com a calçada existem sete vãos, estando um em cada corpo lateral e cinco no corpo central. As padieiras dos vãos encontram-se alinhadas horizontalmente entre si, tendo somente as soleiras a acompanhar a pendente da rua. Assim, no corpo lateral esquerdo o vão tem uma altura de 4,50 metros, o seguinte tem 4,20 metros e o à esquerda do vão central tem 4,10 metros de altura. O vão central tem 4 metros de altura e o seguinte tem 3,80. O vão situado junto do corpo lateral tem uma altura de 3,70 metros e por último o vão situado no corpo lateral direito tem 3,50 metros de altura. Os vãos pertencentes aos corpos laterais têm uma largura de 2,20 metros, sendo que os restantes têm 1,60 metros de largura. Todos apresentam padieiras rectas.

Os vãos situados acima do piso térreo têm sacadas com resguardo de 1 metro de altura. Os vãos pertencentes aos corpos laterais têm 2,80 metros de altura e a sacada tem 3,65 metros de largura e as padieiras são em arco de volta perfeita. Os situados no corpo central têm uma altura de 2,50 metros e uma sacada com 4,20 metros de largura e as padieiras são rectas.

Os três vãos centrais da composição do alçado encontram-se encimados pela presença de vãos em forma de meia circunferência. Os nembos do corpo central contêm a eixo pilastras com 0,40 metros de largura que enquadram a presença dos vãos.

Cornija: A cornija é um elemento que assenta sobre o término das pilastras presentes no corpo central e é interrompido a eixo dos corpos laterais pela presença de um ornato. Composta por várias molduras é saliente em relação aos limites extremos do alçado.

Platibanda: A platibanda é um elemento cerrado com 0,90 metros de altura que eleva a sua cota nos corpos laterais sendo acompanha por um frontão triangular em cada um, sendo igualmente elevada no espaço compreendido entre os três vãos centrais e encerrada pela presença de um frontão curvo. Nesta elevação encontra-se a identificação da edificação.

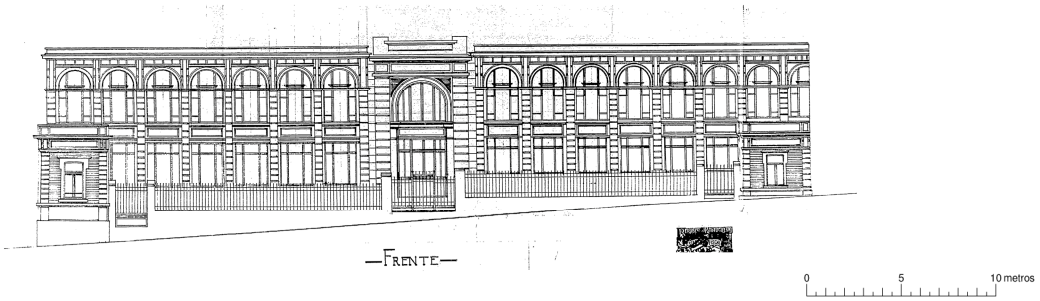
Obs.: Alçado modelar e compartimentado por pilastras revela uma composição simétrica e ornamentada, encerrada por uma cornija que cria ritmo e enfatiza os frontões laterais que elevam a cércea individualizando toda a composição do alçado.

Identificação alçado: N7

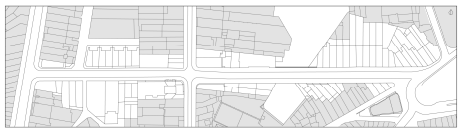
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de obras nº 773 p.322, ano de 1917

Requerente: Emília Leopoldina Pereira de Morais

Licença de construção: Aprovado em 1917/11/01



Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Em contacto com a rua está situada a vedação desta edificação, sendo composta por dois corpos laterais e um muro com gradeamento entre eles. Assim, os corpos laterais têm 3,60 metros de largura sendo delimitados por pilastras de 0,40 metros de largura. O corpo lateral esquerdo tem uma altura de 6,40 metros e o corpo lateral direito 4,10 medidos a eixo da sua largura. O muro de vedação tem a sua altura máxima de 3,30 metros junto do corpo lateral esquerdo e tem a sua altura mínima junto ao corpo lateral direito de 2,10 metros.

Recuado em relação à rua surge o alçado da edificação que apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 10,70 metros e mínima de 8,20 metros. Quando medido da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 10,20 metros e mínima de 7,70 metros. O alçado está dividido em três corpos sendo o central mais elevado tendo 9,80 metros quando medido a eixo desde a calçada à platibanda. Este corpo central está delimitado por pilastras com 0,80 metros de largura e mede 3,40 metros de largura. O corpo situado à esquerda do corpo central tem 17,80 metros de largura e o situado à direita tem 18,40 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais um piso.

O rés-do-chão do corpo central e do corpo lateral esquerdo tem uma altura de 4 metros, o corpo lateral direito apresenta 3,40 metros de altura. O primeiro piso tem uma altura de 3,60 metros. A indicação da divisão entre os pisos é efectuada no alçado através de secções rectangulares dispostas no intervalo dos vãos pertencentes aos diferentes pisos.

Eixo central da composição: Situado sobre a abertura do corpo central. A sua condição como eixo central de simetria funciona correctamente em relação aos elementos da vedação em contacto directo com a rua, mas não em relação ao alçado recuado.

Vãos: Os corpos laterais que correspondem à vedação comportam um vão cada, tendo esse 1 metro de largura e 1,90 metros de altura. As interrupções na vedação são efectuadas contiguamente aos planos laterais, com 1,70 metros de largura, e ao centro com 3,40 metros.

Em relação ao alçado recuado, no piso térreo os vãos pertencentes ao corpo lateral esquerdo comportam janelas e têm 2 metros de largura e 2,40 metros de altura. Os situados no corpo lateral direito mantêm a largura de 2 metros e têm 2,10 metros de altura. O corpo central tem um vão de porta com 2,60 metros de largura e 3,30 metros de altura.

No primeiro piso os vãos são todos de janela tendo nos corpos laterais 2 metros de largura e 2,90 metros de altura medido a eixo. As padieiras destes vãos são em arco de volta perfeita. No corpo central o vão situado neste piso acompanha a largura do vão do piso térreo e apresenta-se em forma de meia circunferência.

Os nembos são suprimidos e deram lugar a pilastras de 0,50 metros de largura que compartimentam o alçado verticalmente.

Cornija: Nos corpos laterais a cornija é contínua em relação a cada um deles e saliente em relação aos seus limites laterais. No corpo central a cornija é independente e o seu alinhamento horizontal está a uma cota inferior em relação às cornijas dos corpos laterais.

Platibanda: As platibandas que encimam as cornijas dos corpos laterais têm 0,50 metros de altura, são cerradas e contínuas em relação ao corpo a que pertencem. A platibanda que encima o corpo central eleva a cota acima dos corpos laterais tendo 1 metro de altura, sendo no entanto interrompida por uma cornija no alinhamento da abertura do vão central. A platibanda enquanto elemento que encerra a composição do alçado, reforça a compartimentação e destaca o corpo central.

Obs.: Alçado pertencente a uma edificação cultural apresenta-se claramente tripartido e centralizado sobre si. Todo o alçado é marcado pela forte presença dos vãos que se visualizam em continuidade vertical devido ao recuo da faixa de piso em relação às pilastras.

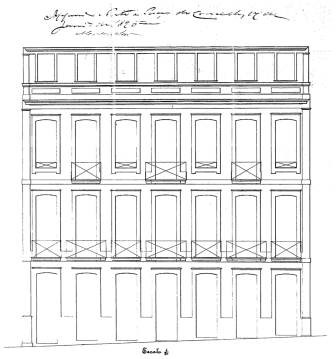
Estando a sua implantação recuada em relação à frente de rua, a continuidade da leitura da frente urbana é transmitida pela simetria dos torreões laterais que comportam um vão cada e apresentam uma composição com elementos formais análogos aos existentes no alçado da edificação.

Identificação alçado: N8

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 133 p.p.53-55.

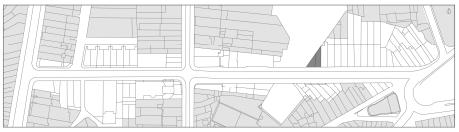
Requerente: Joaquim Bernardino Guimarães

Licença de construção: Aprovado em 1895/01/17





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 13,80 metros e mínima de 13,30 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 12,90 metros e mínima de 12,40 metros. Tem 14,40 metros de largura medido entre pilastras, tendo estas 0,40 metros de largura.

O piso de águas-furtadas tem uma altura visível acima da platibanda de 1,80 metros.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

Todos os pisos estão assinalados no alçado através de faixas com 0,20 metros de altura que se sobrepõem pilastras nos seus extremos. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,30 metros e mínima de 4 metros, repetindo-se a altura mínima no primeiro piso. O segundo piso tem uma altura de 3,80 metros.

Eixo central da composição: Ocupado por aberturas, vãos.

Vãos: São visíveis sete vãos por piso. Cada vão apresenta 1,10 metros de largura, sendo que os situados nas águas-furtadas têm 0,90 metros de largura.

O piso de rés-do-chão apresenta vãos de portas, tendo as padieiras alinhadas à mesma cota e as soleiras a cotas diferentes, uma vez que acompanham a pendente da rua. O vão junto à parede de meação esquerda tem 3,60 metros de altura, estando os três seguintes com uma altura de 3,50 metros visto as soleiras se encontrarem à mesma cota. Os dois vãos à direita do vão central têm igualmente as soleiras à mesma cota e apresentam uma altura de 3,30 metros. O vão junto à parede de meação direita apresenta 3,10 metros de altura. A toda a largura do piso de rés-do-chão existe um soco que se sobrepõe às pilastras nos seus extremos. O soco tem uma altura máxima de 1,60 metros e mínima de 1 metro.

O primeiro piso tem vãos de porta com sacada individual, apresentando uma altura de 3,20 metros cada. A sacada do vão central relativo à composição do alçado e as sacadas centrais relativas a cada conjunto lateral de três vãos apresentam uma largura superior em relação às restantes. Assim, as sacadas centrais têm 2,20 metros de largura e as restantes 1,60 metros de largura, sendo que as guardas mantêm uma altura constante de 0,90 metros. A toda a largura do alçado e sobre a faixa, existe um soco com 0,40 metros que se une às ombreiras dos vãos.

O segundo piso apresenta vãos de porta com sacada individual e vãos de janela com pano de peito, alternados entre si. O vão central à composição do alçado é de porta tem 3 metros de altura e é acompanhado por sacada com 2,20 metros de largura. Os vãos centrais de cada conjunto lateral de três vãos são igualmente de porta com sacada, repetindo a altura do vão e diferenciando-se na largura da sacada que tem 1,60 metros. Cada sacada comporta a toda a sua largura um soco com 0,40

metros de altura. As guardas estão todas à mesma altura de 0,90 metros. Os restantes vãos são de janela com pano de peito e têm 2,50 metros de altura, tendo o pano de peito 0,30 metros, deixando a abertura livre com 2,10 metros.

Todos os vãos presentes no plano de alçado face à rua têm padieiras em arco e duplas padieiras rectas.

Os vãos do piso de águas-furtadas têm 1,40 metros de altura e as ombreiras pertencentes a estes vãos unem directamente com a faixa de cobertura desse piso, suprimindo assim as vergas. É visível o peitoril de cada vão que se situa acima da platibanda.

Os nembos apresentam 0,60 metros de largura quando medidos entre ombreiras e quando medidos entre ombreira e pilastra apresentam 0,15 metros. No piso das águas-furtadas os nembos têm 0,90 metros entre ombreiras e 0,30 metros entre ombreira e pilastra.

Cornija: A cornija é composta por várias molduras e tem os seus limites laterais coincidentes com os limites extremos das pilastras, ocupando assim a totalidade da largura do alçado. O piso de águas-furtadas também apresenta uma cornija, no entanto esta é composta por uma moldura simples, terminando a sua presença a eixo das pilastras.

Platibanda: Sobre a cornija, este elemento encerra a composição do alçado face à rua, apresenta-se cerrada e com 0,90 metros de altura. São visíveis na platibanda saliências no alinhamento das pilastras, assim como almofadas com 1,50 metros de largura e 0,20 metros de altura, no alinhamento vertical dos vãos.

Obs.: Naturalmente delimitado por pilastras, cornija e platibanda, a composição deste alçado demonstra claramente uma separação do piso térreo em relação aos superiores pela forte presença das sacadas no primeiro piso que transparecem uma barreira de separação e em simultâneo permitem uma leitura rítmica. Em conjunto com as sacadas dos pisos superiores transmitem hierarquização entre pisos e centralidade a cada conjunto de três vãos.

Quando comparado o alçado com a implantação da edificação, verifica-se que no interior o espaço exíguo não transparece na composição do alçado face à rua, revelando desta forma uma preocupação na regularidade da composição face à rua em detrimento do espaço interior da edificação.

Existe na rua outro alçado exactamente com a mesma configuração que este. O alçado N15, tendo sido primeiramente licenciado pertence a uma implantação simétrica em relação à implantação desta edificação. Esta situação reforça ainda mais a ideia de que a composição do alçado é pensada em função da rua e não em função do espaço interior.

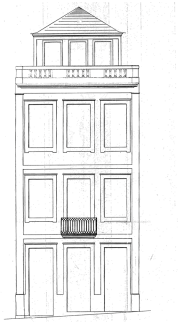
Posteriormente parte do alçado correspondente ao espaço de quatro vãos, lidos horizontalmente, é demolido devido à ampliação do Salão Jardim Passos Manuel.

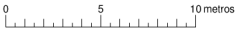
Identificação alçado: N9

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 109 p.361 e nº 113 p.152.

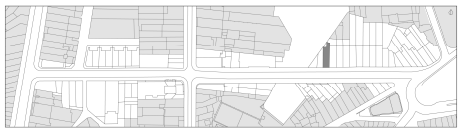
Requerente: Joaquim Vieira Basto

Licença de construção: Aprovado em 1889/03/23.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: O alçado apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 13,30 metros e mínima de 13 metros. Quando medido da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 12,30 metros e mínima de 12 metros. Delimitado por pilastras de com 0,40 metros de largura o alçado apresenta, medindo entre estas, 5,80 metros. As pilastras surgem de socos ao nível do rés-do-chão e terminam em molduras simples que recebem a faixa encimada pela cornija.

As águas-furtadas estão recuadas em relação ao plano principal do alçado e tem 1,70 metros de altura visível acima da platibanda. A largura deste piso não acompanha a largura total do alçado, tendo somente 4,70 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

Todos os pisos estão assinalados no alçado por faixas com 0,20 metros de altura que se unem às pilastras formando molduras rectangulares que comportam os vãos no seu interior. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,10 metros e mínima de 4 metros. O primeiro piso tem 3,40 metros de altura e o segundo piso repete a altura mínima do rés-do-chão, 3,80 metros.

Eixo central da composição: Ocupado pela presença de vãos e enfatizado pela sacada central.

Vãos: Cada piso comporta três vãos. Com excepção do piso de águas-furtadas onde os vãos têm 0,90 metros de largura, todos os outros apresentam uma largura de 1,30 metros.

O piso de rés-do-chão tem vãos de porta, sendo que os dois situados junto da pilastra direita têm 3,40 metros de altura, e o vão da esquerda tem uma altura de 3,60 metros. O soco existente a toda a largura neste piso tem uma altura máxima de 1,20 metros e mínima de 0,90 metros, sobrepondo-se às pilastras nos seus extremos.

No primeiro piso os vãos laterais são de janela, tendo 2 metros de altura cada e o vão central é de porta com sacada individual, tendo o vão 2,90 metros de altura e a sacada 0,90 metros de altura de guarda e 2 metros de largura.

O segundo piso apresenta vãos de janelas com 2,20 metros de altura cada.

Todos estes vãos apresentam padieiras e duplas padieiras rectas. O limite inferior das ombreiras dos vãos no segundo piso é inferior à linha do peitoril, sendo visível este desalinhar em relação aos restantes vãos.

Nas águas-furtadas os vãos de janelas têm uma abertura visível de 1,20 metros.

Os nembos entre ombreiras de vãos têm 0,35 metros, enquanto que os nembos entre ombreiras e pilastras têm 0,10 metros. Nas águas-furtadas, os nembos apresentam sempre a mesma largura de 0,30 metros.

Cornija: A cornija tem uma moldura composta e ocupa a totalidade da largura da fachada, reforçando o seu limite.

Platibanda: Com 1 metro de altura acima da cornija, é interrompida por balaustrada no alinhamento das aberturas dos vãos.

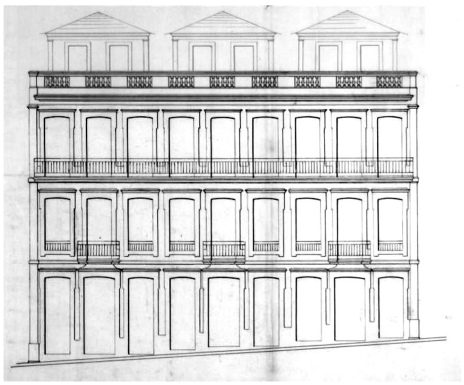
Obs.: Com uma leitura claramente vertical e uma composição sóbria, este alçado reforça o eixo de simetria com a presença de uma sacada no primeiro piso e encerra-a com a presença forte e visivelmente mais composta da platibanda. O facto de as faixas se unirem às pilastras, não se sobrepondo a estas, reforça a verticalidade e confina a composição não a expandindo para o espaço lateral de meação.

Identificação alçado: N10

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 110 p.233 e nº 110 p.401.

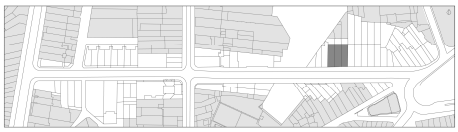
Requerente: Manuel Cardoso Lopes

Licença de construção: Aprovado em 1889/05/16. Águas-furtadas aprovadas a 1889/06/19.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Alçado com altura máxima de 15,50 metros e mínima de 14,30 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 14,30 metros e mínima de 13,10 metros. A largura é delimitada por pilastras com 0,40 metros de largura que nascem de socos no rés-do-chão e terminam com uma moldura composta que recebe a última faixa. Entre pilastras o alçado apresenta 19,80 metros de largura. As águas-furtadas surgem recuadas em relação ao primeiro plano do alçado, sendo esse piso composto por três corpos separados entre si. Cada corpo tem 4,80 metros de largura entre pilastras e apresentam uma altura de 2 metros acima da platibanda. As pilastras que delimitam estes corpos têm 0,30 metros de largura e estes são distanciados entre si 1,20 metros.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,70 metros e mínima de 4 metros. O primeiro piso repete a altura mínima do piso de rés-do-chão, 4 metros, e o segundo piso tem 3,80 metros de altura.

Eixo central da composição: Ocupado pela presença da abertura dos vãos.

Vãos: O alçado mostra a existência de nove vãos por piso e nas águas-furtadas cada corpo tem dois vãos.

No rés-do-chão os vãos são de porta. O vão central de cada conjunto de três vãos é mais largo tendo 1,60 metros de largura, os restantes têm 1,30 metros de largura. Os vãos mais largos apresentam dupla padieira e estão encimados por sacadas com dois níveis de profundidade. A dupla padieira une a cantaria deste vão à base da sacada. O grupo de três vãos situado junto à parede de meação esquerda tem as soleiras alinhadas entre si apresentando 4 metros de altura. No conjunto dos três vãos centrais, o vão da esquerda tem 3,80 metros de altura e os dois da direita 3,70 metros. No grupo de três vãos situados junto da parede de meação direita, os dois vãos da esquerda têm 3,40 metros de altura e o vão seguinte tem 3,20 metros de altura. O soco existente a toda a largura da fachada mantém o acompanhamento à pendente da rua, tendo uma altura constante à calçada de 1 metro.

No primeiro e segundo pisos os vãos têm 1,30 metros de largura cada.

No primeiro piso os vãos centrais a cada grupo de três vãos são de porta com sacada individual, tendo os vãos 3,20 metros de altura cada e a sacada apresenta 2,20 metros de largura tendo a guarda com 1 metro de altura. Cada sacada tem a acompanhar a sua largura, um soco com 0,60 metros de altura. Os restantes vãos são de janela com pano de peito e apresentam 2,60 metros de altura com 0,50 metros de guarda, sendo a abertura livre de 2,10 metros.

No segundo piso os vãos são de porta com 3 metros de altura cada e têm uma sacada contínua que percorre toda a largura do alçado comportando os vãos aí existentes. A guarda tem 1 metro de altura e a acompanhar a sacada existe um soco com 0,60 metros de altura.

Todos estes vãos têm padieiras em arco e duplas padieiras rectas de moldura composta, sendo que a cantaria das padieiras é saliente em relação à cantaria das ombreiras.

No piso das águas-furtadas cada corpo comporta dois vãos com 1 metro de largura e 1,30 metros de altura visível acima da platibanda.

Os nembos no plano de alçado face à rua apresentam 0,40 metros de largura quando medidos entre ombreiras, quando medidos entre ombreira e pilastra apresentam 0,10 metros. Quando situados entre as ombreiras dos vãos mais largos têm 0,20 metros de largura. No piso das águas-furtadas os nembos entre ombreiras têm 0,80 metros e quando medidos entre ombreira e pilastra apresentam 0,60 metros.

Cornija: Composta por várias molduras, os seus extremos terminam a eixo da largura das pilastras, ou seja a eixo da parede de meação. As três cornijas que encerram o plano dos corpos das águas-furtadas são compostas por moldura simples e percorrem toda a largura de cada corpo a que pertencem.

Platibanda: A platibanda encerra a composição do alçado e tem 1,20 metros de altura. Apresenta-se como um elemento contínuo sendo interrompido por balaustrada com 1,50 de largura no alinhamento da abertura dos vãos dos pisos inferiores.

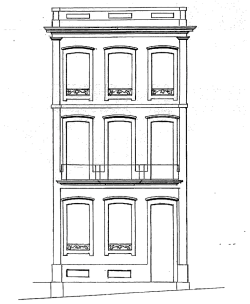
Obs.: A composição centralizada a cada conjunto de três vãos visível no piso térreo e no primeiro piso, é unificada pela sacada contínua de pilastra a pilastra lateral presente no segundo piso e revela-se novamente centralizada pela clara separação dos corpos do piso de águas-furtadas. A sua individualização transmitida pela sobreposição das faixas às pilastras de meação é contida na horizontalidade da cornija que encerra a eixo das mesmas pilastras, reforçando assim o limite interno.

Identificação alçado: N11

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 114 p.385.

Requerente: José da Silva Pimenta

Licença de construção: Aprovado em 1890/11/09.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 15,30 metros e mínima de 14,80 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo até à cornija, tem altura máxima de 14,30 metros e mínima de 13,80 metros. A sua largura é de 6,50 metros e esta delimita por pilastras com 0,40 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos.

Todos os pisos estão assinalados na fachada através de faixas. A faixa que assinala a laje entre o piso térreo e o primeiro piso une às pilastras, fundindo a sua presença. A faixa que assinala a laje entre o primeiro e segundo pisos sobrepõe-se às pilastras. Embora este alçado demonstre a presença de um embasamento, o piso de rés-do-chão tem duas alturas de pé direito, sendo que no alinhamento do vão de porta tem 5 metros e no alinhamento dos vãos de janela tem 4 metros. O primeiro piso tem um pé direito inferior, de 3,80 metros, assim como o segundo piso que apresenta um pé direito de 3,50 metros.

Eixo central da composição: Ocupado pela presença de aberturas de vãos.

Vãos: O alçado demonstra três vãos por piso mais dois vãos inseridos no soco ao nível do piso térreo, tendo todos uma largura constante de 1,20 metros.

No rés-do-chão, junto à pilastra esquerda, existem dois vãos de janela com pano de peito, apresentando uma altura total de 2,50 metros, com pano de peito de 0,40 metros de altura ficando abertura do vão livre de obstáculos 2,10 metros. Esta configuração é repetida nos três vãos do segundo piso. O vão de porta situado junto da pilastra direita tem 4 metros de altura. A toda a largura do alçado existe um soco com 1 metro de altura em relação ao embasamento e é rasgado pela presença de dois vãos com 0,40 metros de altura.

No primeiro piso os vãos são de porta, têm 3 metros de altura e são acompanhados por sacada contínua com dois níveis de profundidade, apresentando a maior a eixo de simetria. É acompanhada por um soco com 0,60 metros de altura e guarda tem 0,90 metros de altura. Todos os vãos, à excepção dos presentes no soco, apresentam padieiras e duplas padieiras curvas.

Os nembos entre ombreiras têm uma largura de 0,60 metros e entre ombreira e pilastra têm uma largura de 0,20 metros.

Cornija: A cornija tem uma moldura composta e os seus limites ultrapassam as linhas extremas das pilastras.

Platibanda: Com 1 metro de altura acima da cornija, é cerrada e tem almofadas no alinhamento da abertura dos vãos.

Obs.: A presença de um embasamento que suporta toda a composição do alçado, permite visualizar com clareza a estratificação entre pisos que apresentam uma diminuição do pé-direito à medida que se avança do piso térreo para os superiores. O primeiro piso é marcante na medida em que reforça o eixo central da composição pela maior profundidade da sacada contínua, ao contrário do segundo piso, que impõe a sua presença pela faixa que se sobrepõe às pilastras. A presença de um só vão de porta no piso térreo clarifica qual o ponto de contacto entre exterior e interior, sendo igualmente o único motivo de assimetria no alçado. A presença do alçado é enfatizada pela cornija saliente que transmite uma forte presença espacial, na medida em que invade a área lateral, logo as possíveis contiguidades.

Identificação alçado: N12

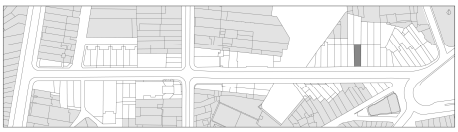
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 115 p.223.

Requerente: José Joaquim Faria Guimarães

Licença de construção: Aprovado em 1890/08/01.



Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: O alçado apresenta uma altura máxima de 14,80 metros e mínima de 14,50 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Quando medida da calçada à cornija, apresenta uma altura máxima de 13,80 metros e mínima de 13,50 metros. Recuado em relação ao plano principal do alçado surgem as águas-furtadas, que revelam uma altura de 2,50 metros acima da platibanda. A sua largura é de 6,50 metros e esta delimita por pilastras com 0,40 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

A marcação da altura dos pisos é assinalada através de faixas com 0,20 metros de altura, estando a faixa que representa a laje do primeiro piso unida directamente às pilastras e encimada pela sacada contínua, enquanto a faixa da laje do segundo piso sobrepõe-se às pilastras, agarrando-as. A faixa da laje de cobertura que é encimada pela cornija ocupa a totalidade da largura da fachada, assim como a faixa da laje de cobertura das águas-furtadas.

O alçado apresenta a existência de um embasamento que nivela a cota das soleiras do piso térreo, tendo o seu ponto mais alto junto da pilastra esquerda 0,80 metros de altura em relação à calçada. Assim o rés-do-chão tem um pé-direito constante de 5 metros, diminuindo depois à medida que se sobe de piso. O primeiro piso apresenta assim uma altura de 3,80 metros e o segundo piso uma altura de 3,50 metros.

Eixo central da composição: Ocupado pela presença de aberturas de vãos.

Vãos: Este alçado exibe três vãos por piso, sendo que no rés-do-chão, primeiro e segundo pisos os vãos têm 1,20 metros de largura e os pertencentes às águas-furtadas são mais estreitos, tendo 1 metro de largura cada.

No piso de rés-do-chão os vãos destinam-se a receber portas e têm uma altura de 4 metros. A toda a largura do alçado existe um soco que se une às ombreiras dos vãos e às pilastras e apresenta 1 metro de altura em relação ao embasamento.

No primeiro piso os vãos são de porta e têm 3 metros de altura, sendo acompanhados por uma sacada contínua em que a guarda tem 0,90 metros de altura. A acompanhar a sacada existe um soco com 0,60 metros de altura que permite a união entre ombreiras, estando igualmente unido às pilastras.

O segundo piso apresenta vãos de janela com pano de peito, apresentando uma altura total de 2,50 metros tendo o pano de peito 0,40 metros de altura. A abertura do vão sem qualquer barreira é de 2,10 metros. O limite inferior das ombreiras está rebaixado em relação à soleira da janela.

Todos os vãos presentes no plano principal do alçado apresentam padieiras curvas e duplas padieiras em moldura simples igualmente curvas.

Os vãos existentes nas águas-furtadas têm uma altura visível de 1,60 metros e apresentam padieiras rectas.

Os nembos entre ombreiras têm uma largura de 0,60 metros e entre ombreira e pilastra têm uma largura de 0,20 metros. Estas medidas não se verificam nas águas furtadas, tendo os nembos aí existentes uma largura de 0,80 metros quando medidos entre ombreiras e de 0,30 metros quando medidos entre ombreira e pilastra.

Cornija: A cornija situada sob a platibanda é um elemento com grande presença física que tendo uma moldura composta apresenta uma saliência dos seus limites em relação à largura total do alçado, aumentando assim o espaço físico da sua ocupação em relação às contiguidades. De igual forma verifica-se a presença de uma cornija com moldura simples a encerrar a plano de alçado das águas-furtadas.

Platibanda: Com 1 metro de altura acima da cornija, a platibanda encerra a composição do alçado. Apresenta-se cerrada, tendo nos seus extremos o término das pilastras representado através de relevo e contém almofadas salientes no alinhamento da abertura dos vãos.

Obs.: Alçado em que o eixo central de simetria funciona plenamente na composição dos elementos formais do alçado devido à utilização de um embasamento. Este aspecto unifica a composição e transmite um alçado equilibrado de leitura vertical e hierarquizado ao nível dos sucessivos pisos.

Identificação alçado: N13

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 120 p.161

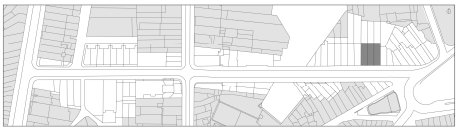
Requerente: Visconde Pereira Machado

Licença de construção: Aprovado em 1891/10/20.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: O alçado tem uma altura máxima de 14,50 metros e mínima de 13,80 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 13,50 metros e mínima de 12,80 metros. Apresentando uma largura total de 12,90 metros entre pilastras extremas, este alçado é seccionado em dois momentos através de uma pilastra ao centro da composição do alçado. Assim, cada uma das partes seccionadas apresenta entre pilastras 6,25 metros de largura aproximadamente. Todas as pilastras apresentam 0,40 metros de largura. À direita está situado um muro de vedação em que o seu ponto mais alto apresenta 4,50 metros e cuja largura não é possível definir, uma vez que o desenho sugere um apontamento possível de agregar à contiguidade.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos.

Os pisos são transportados para o alçado pela colocação de faixas com 0,20 metros de altura. A faixa que assinala o início do primeiro piso sobrepõe-se às pilastras enquanto que a faixa do segundo piso une às pilastras. A faixa de cobertura assenta sobre as molduras existentes nos términos das pilastras. Na secção à esquerda da pilastra central, o piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,80 metros e mínima de 4,50 metros, enquanto na secção à direita apresenta uma altura máxima de 4,40 metros e mínima 4,10 de metros. O primeiro piso e segundo pisos têm a mesma altura de pé-direito, 3,60 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre um elemento cerrado, pilastra.

Vãos: O alçado demonstra a presença de seis vãos em cada piso, estando três vãos por piso em cada secção.

No rés-do-chão os vãos de porta têm as padieiras alinhadas entre si, estando apenas as soleiras a cotas diferentes devido à pendente da rua. No entanto, os dois vãos de cada secção situados junto da pilastra central apresentam a mesma cota de soleira. Assim, o conjunto de dois vãos situados à esquerda da pilastra central têm 4 metros de altura e os situados à direita têm 3,80 metros. O vão situado junto à parede de meação esquerda tem 4,10 metros de altura e o vão situado junto à pilastra direita tem 3,40 metros de altura. O muro de vedação apresenta um vão com 3,60 metros de altura e 1,80 metros de largura. A toda a largura do piso de rés-do-chão existe um soco que se sobrepõe às pilastras e apresenta um alinhamento em relação à cota, tendo assim uma altura máxima de 2 metros e mínima de 1,40 metros, medido da calçada à cornija.

No primeiro piso o vão central de cada secção é de porta com sacada, sendo os laterais de janela com pano de peito. Os vãos de porta têm 3 metros de altura e a guarda da sacada tem 1 metro de altura. A acompanhar a largura de cada sacada existe um soco com 0,40 metros de altura. Os vãos de janela com pano de peito têm uma altura total de 2,40 metros com 0,50 metros de pano de peito, sendo assim a abertura livre de 1,90 metros.

No segundo piso todos os vãos são de porta com sacada, e apresentam 3 metros de altura tendo a guarda da sacada 1 metro. A sacada é contínua somente em cada secção do alçado, abrangendo assim cada uma três vãos. A toda a largura de cada secção existe um soco com 0,40 metros de altura.

Todos os vãos têm 1,30 metros de largura.

Todos os vãos têm 1,20 metros de largura entre ombreiras e todos têm igualmente as padieiras curvas encimadas por duplas padieiras rectas.

Entre vãos, os nembos apresentam 0,40 metros de largura quando medidos entre ombreiras e 0,10 metros quando medidos entre ombreira e pilastra.

Cornija: Elemento composto por várias molduras, é contínuo abrangendo sem interrupções as duas secções do alçado e cuja dimensão ultrapassa a largura total do alçado, ficando saliente e sobrepondo-se à área dos alçados contíguos.

Platibanda: A platibanda situa-se sobre a cornija e tem 1 metro de altura acima desta. É um elemento cerrado contendo apenas a presença da indicação das pilastras, reforçando assim a divisão do alçado em secções.

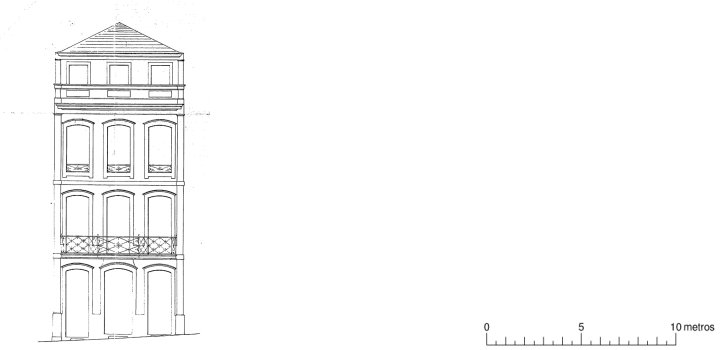
Obs.: A centralidade a cada três vãos é assumida pela pilastra sobre o eixo de simetria e pela separação das sacadas do segundo piso. Este alçado transmite claramente uma composição unificadora que engloba duas edificações num conjunto só.

Identificação alçado: N14

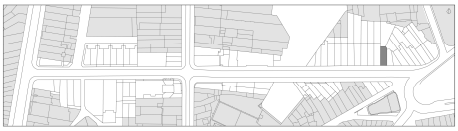
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 114 p.385

Requerente: Eduardo de Sousa Neves

Licença de construção: Aprovado em 1891/08/11.



Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: O alçado apresenta uma altura máxima de 13,70 metros e mínima de 13,20 metros medidas desde a calçada à platibanda. Quando medido da calçada à cornija, apresenta uma altura máxima de 12,70 metros e mínima de 12,20 metros. Delimitado por pilastras, com 0,40 metros de largura, o alçado quando medido entre esses elementos tem 6,20 metros de largura. O piso de águas-furtadas existente encontra-se recuado e tem uma altura visível acima da platibanda de 1,60 metros, tendo uma largura igual à largura total do alçado.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

Todas as lajes estão representadas no alçado através de faixas com 0,20 metros de altura que se sobrepõem às pilastras, com excepção das faixas de cobertura, tanto do plano de alçado como do piso de águas-furtadas. A faixa representativa da laje de primeiro piso é absorvida pela base da sacada, estando apenas visível quando se sobrepõe às pilastras, o que demonstra uma intenção de assinalar ainda com mais intensidade a sua posição e existência na composição do alçado. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,20 metros e mínima de 4 metros. O primeiro piso tem 3,70 metros de altura e o segundo 3,50 metros de altura, apresentando assim uma diminuição do pé-direito à medida que se sobe de piso.

Eixo central da composição: Ocupado pela presença das aberturas de vãos e reforçado pela maior profundidade da sacada.

Vãos: Cada piso tem três vãos, sendo no rés-do-chão vãos de portas, no primeiro piso vãos de portas com sacada e no segundo piso vãos de janelas com pano de peito.

No piso de rés-do-chão o vão central é mais largo tendo 1,50 metros, enquanto os restantes têm 1,20 metros. As soleiras do vão central e do vão à sua direita têm a mesma cota de entrada, estando apenas o vão da esquerda com uma cota de entrada mais baixa devido à pendente da rua. Os dois primeiros têm uma altura de 3,40 metros e o segundo 3,50 metros de altura. As padieiras dos vãos no piso de rés-do-chão não se encontram todas alinhadas, estando a que pertence ao vão central ligeiramente mais elevada, tendo também uma contra padieira que assinala a passagem para o vão do primeiro piso. Isto é, faz a transição da linha exterior das ombreiras do vão central do rés-do-chão para a linha exterior das ombreiras do vão do primeiro andar. Esta transição no alinhamento acontece devido ao vão superior apresentar uma largura inferior. A toda a largura do alçado existe um soco que mantém a cota da sua linha superior tendo assim uma medida variável, entre 1,40 metros e 1 metro em relação à calçada.

Os vãos do primeiro e segundo pisos têm todos a largura de 1,20 metros.

No primeiro piso os vãos são acompanhados por um soco com 0,40 metros de altura que percorre toda a largura do alçado e une-se lateralmente às pilastras. A sacada existente tem dois níveis de profundidade, sendo mais saliente ao centro numa

secção de 2,20 metros de largura. Esta maior profundidade central encima o vão mais largo existente no piso de rés-do-chão. A guarda da sacada tem 1 metro de altura.

No segundo piso os vãos têm uma de altura 2,60 metros tendo o pano de peito 0,40 metros, garantindo assim uma abertura livre de 2,20 metros.

Todos os vãos apresentam padieiras curvas e duplas padieiras igualmente curvas.

No piso de águas-furtadas os vãos têm 1 metro de largura e a altura visível desde a platibanda até às padieiras rectas é de 1 metro igualmente.

Cornija: Este elemento é composto por várias molduras e ocupa a totalidade da largura do alçado, terminando a sua presença no limite exterior das pilastras. A cornija presente nas águas-furtadas tem moldura simples, assenta sobre as pilastras laterais e a sua largura coincide igualmente com a largura do alçado.

Platibanda: A platibanda tem 1 metro de altura, é contínua e cerrada. Tem presente nos seus extremos a indicação das pilastras e no alinhamento da abertura dos vãos surgem almofadas indicadoras da presença dos mesmo no alçado.

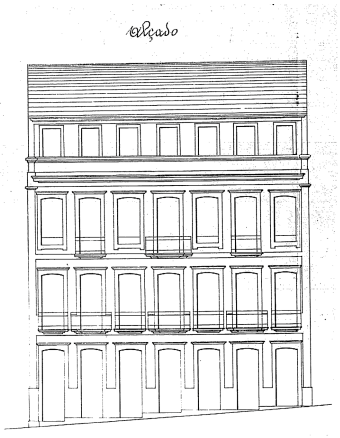
Obs.: Verifica-se o reforço do eixo central de composição pela diferenciação do vão central do rés-do-chão em relação aos restantes que encimado por uma sacada contínua transmite a separação entre o piso térreo e os restantes pisos.

Identificação alçado: N15

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 126 p.84

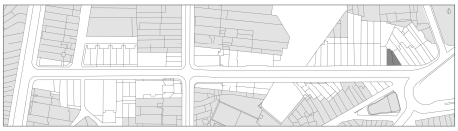
Requerente: Joaquim Rodrigues da Silva

Licença de construção: Aprovado em 1893/03/08.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado norte.



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 14,20 metros e mínima de 13,40 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 13,30 metros e mínima de 12,50 metros. O piso de águas-furtadas surge recuado, tendo uma altura visível acima da platibanda de 1,80 metros. Tem 14,10 metros de largura entre pilastras que apresentam 0,40 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

Todos os pisos estão assinalados no alçado através de faixas que nos seus extremos unem-se às pilastras, com excepção da faixa de cobertura encimada pela cornija que assenta sobre as molduras do término das pilastras. As faixas têm 0,20 metros de altura. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,50 metros e mínima de 3,80 metros, repetindo-se esta última na altura do primeiro piso. O segundo piso tem uma altura de 3,60 metros.

Eixo central da composição: Ocupado pela presença de aberturas, vãos.

Vãos: O alçado apresenta sete vãos por piso. Os vãos presentes no plano principal do alçado têm 1,20 metros de largura cada e os vãos das águas-furtadas 1 metro de largura cada.

O piso de rés-do-chão apresenta vãos de portas, tendo as padieiras alinhadas à mesma cota e as soleiras a cotas diferentes que acompanham a pendente da rua. O vão junto à pilastra esquerda tem 3,80 metros de altura, estando os dois seguintes com uma altura de 3,60 metros visto as soleiras se encontrarem à mesma cota. O vão central da composição apresenta 3,40 metros de altura, estando os dois vãos seguintes com a mesma cota de soleira tendo uma altura de 3,20 metros. O vão junto à pilastra direita apresenta 3 metros de altura. A toda a largura no rés-do-chão existe um soco que se sobrepõe às pilastras, mantendo a cota do seu limite superior, variando em relação à calçada entre a altura máxima de 2,10 metros e mínima de 1 metro.

No primeiro piso os vãos são de porta com sacada individual e têm uma abertura com 3 metros de altura cada. A sacada do vão central relativo à composição do alçado e as sacadas centrais relativas a cada conjunto lateral de três vãos apresentam uma largura superior que as restantes, tendo 2,20 metros, enquanto as restantes apresentam 1,60 metros de largura. Todas sacadas apresentam um soco a toda a largura com 0,40 metros de altura a as guardas têm 0,90 metros de altura.

O segundo piso apresenta vãos de porta com sacada individual e vãos de janela com pano de peito, alternados entre si. O vão central à composição do alçado é de porta tem 3 metros de altura e é acompanhado por sacada com 2,20 metros de largura. Os vãos centrais de cada conjunto lateral de três vãos são igualmente de porta com sacada, repetindo a altura do vão e diferenciando-se na largura da sacada que tem 1,60 metros. Cada sacada comporta a toda a sua largura um soco com 0,40

metros de altura. As guardas estão todas à mesma altura de 0,90 metros. Os restantes vãos são de janela com pano de peito e têm 2,50 metros de altura, tendo o pano de peito 0,30 metros, deixando a abertura livre com 2,10 metros.

Todos os vãos presentes no plano de alçado face à rua têm padieiras em arco e duplas padieiras rectas.

Os vãos do piso de águas-furtadas têm 1,60 metros de altura visível e as suas padieiras são rectas.

Os nembos do primeiro plano do alçado apresentam 0,50 metros de largura quando medidos entre ombreiras, e quando medidos entre ombreira e pilastra apresentam 0,10 metros. No piso das águas-furtadas os nembos entre ombreiras têm 0,70 metros e entre ombreira e pilastra apresentam 0,30 metros.

Cornija: A cornija presente no primeiro plano da fachada é composta por várias molduras, terminando os seus extremos a eixo das pilastras. A cornija que encerra o plano das águas-furtadas é composta por uma moldura simples e termina igualmente a sua presença a eixo das pilastras existentes nesse piso.

Platibanda: Elemento que encerra a composição do alçado face à rua, encontra-se sobre a cornija e apresenta 0,90 metros de altura. A platibanda é contínua e cerrada tendo apenas relevos no alinhamento das pilastras.

Obs.: Naturalmente delimitado por pilastras, cornija e platibanda, a composição deste alçado demonstra claramente uma separação do piso térreo em relação aos superiores pela forte presença das sacadas no primeiro piso que transparecem uma barreira de separação e em simultâneo permitem uma leitura rítmica. Em conjunto com as sacadas dos pisos superiores transmitem hierarquização entre pisos e centralidade a cada conjunto de três vãos.

Quando comparado o alçado com a implantação da edificação, verifica-se que no interior o espaço exíguo não transparece na composição do alçado face à rua, revelando desta forma uma preocupação na regularidade da composição face à rua em detrimento do espaço interior da edificação.

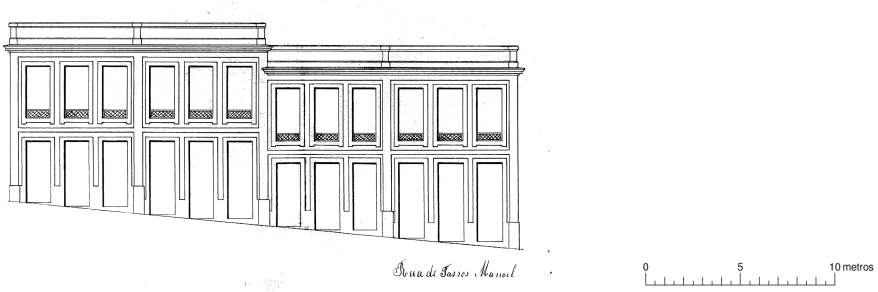
A composição deste alçado foi aplicada na íntegra noutro momento da rua em que a edificação revela uma implantação simétrica em relação à implantação a que este alçado pertence. Assim, o alçado N15 e N8 apresentam a mesma composição de alçado.

Identificação alçado: S2

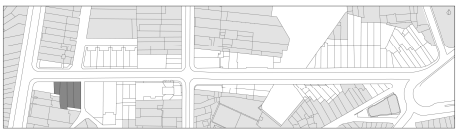
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 77 p.379

Requerente: Eduardo da Silva Machado

Licença de construção: Aprovado em 1881/03/03.



Localização: Primeira fase de abertura da rua, lado sul.



Dimensões do alçado: Alçado extenso com desnível da cércea a eixo, criando dois corpos iguais. Cada corpo tem uma altura máxima de 10,80 metros e de altura mínima 9,60 metros, medidas desde a calçada até à platibanda. Quando medidas da calçada à cornija, a altura máxima é de 9,60 metros e a mínima de 8,40 metros. A largura total do alçado é de 25,90 metros medida entre pilastras extremas. No entanto, este alçado encontra-se dividido em quatro corpos através de pilastras que os delimitam, fazendo com que cada corpo meça entre pilastras 6,25 metros. Todas as cinco pilastras apresentam uma largura de 0,40 metros.

Pisos: Rés-do-chão mais um piso.

É transmitida a marcação dos pisos no alçado por faixas de 0,20 metros de altura que se unem directamente às pilastras, criando molduras que recebem os vãos. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,60 metros e mínima de 3,70 metros, sendo esta última repetida na medida de pé-direito do primeiro piso. Estas medidas são iguais nos dois corpos.

Eixo central da composição: O eixo central de composição do alçado encontra-se ocupado por um elemento cerrado, sendo este a pilastra central que comporta em si o desnível da cércea entre os dois corpos. Cada corpo tem igualmente um eixo de simetria que está ocupado por uma pilastra, elemento cerrado. Mas no caso de seccionar a composição entre pilastras, o eixo encontra-se situado sobre aberturas, ou seja vãos.

Vãos: Cada corpo apresenta seis vãos por piso, tendo cada corpo individual três vãos. Uma vez que os corpos são iguais, as medidas descritas aplicam-se aos dois corpos.

No piso de rés-do-chão existe um soco a toda a largura do alçado que une as ombreiras dos vãos e é mais saliente na base das pilastras. A cada intervalo entre pilastras, a altura do soco é ditada pela altura que este atinge quando se sobrepõe à pilastra existente à sua direita, sendo que em todos os pontos de sobreposição, este atinge uma altura à calçada de 1,40 metros. A excepção a esta regra é o soco saliente na pilastra do limite esquerdo do alçado que cuja altura é de 0,90 metros uma vez que finaliza o alinhamento do soco aí existente. Os vãos deste piso são de porta. As ombreiras unem-se directamente às padieiras rectas, estando estas alinhadas a cada corpo do alçado que exibe a mesma cércea. As soleiras variam de altura, acompanhando assim a pendente da rua, no entanto a cada corpo individual, os dois vãos da direita apresentam as soleiras à mesma cota. Desta forma, o vão junto da pilastra do limite esquerdo tem 3,20 metros de altura, tendo os dois seguintes 3,50 metros de altura. O vão que se segue, situado à direita da pilastra central deste corpo, tem 3,80 metros de altura e os dois seguintes 4 metros de altura.

No primeiro piso os vãos são de janela com pano de peito e têm uma altura de 2,80 metros com o pano de peito de 0,40 metros, permitindo uma abertura sem qualquer barreira de 2,40 metros. A cantaria das ombreiras está ligeiramente rebaixada

em relação à soleira destes vãos. As padieiras são rectas e assentam directamente nas ombreiras, estando igualmente alinhadas em cada corpo que apresenta igual cércea.

Estas medidas que se verificam nos elementos do alçado situados no corpo à esquerda do eixo central de simetria da composição do alçado, são exactamente iguais no que diz respeito aos elementos situados no corpo à direita desse mesmo eixo.

Todos os vãos situados no alçado apresentam a mesma largura de 1,30 metros. Os nembos também apresentam a mesma medida de 0,20 metros quando medidos entre ombreiras, passando a ter 0,15 metros quando medidos entre ombreira e pilastra.

Cornija: É o único elemento saliente do plano de alçado, sendo constituída por uma moldura composta encontra-se interrompida a eixo, acompanhando assim o desnível da cércea. Os seus limites extremos ultrapassam os limites do alçado, havendo uma sobreposição espacial entre pilastra a eixo, isto é, quando este elemento sofre a quebra de cércea. Assim, o segmento de cornija com cota mais elevada sobrepõe a sua posição ao segmento com cota menos elevada, criando uma ocupação do espaço físico que mostra uma continuidade da mesma. Esta relação demonstra continuidade na composição do alçado, mas é ainda reforçada pelo facto de quando quebrada, a cornija alinha pelo limite superior da platibanda do corpo seguinte.

Platibanda: Situada sobre cada segmento da cornija, é um elemento cerrado com 1,20 metros de altura, que quebra a eixo acompanhando o desnível da cércea. O alinhamento horizontal entre a cornija com cota superior e a platibanda com cota inferior, transmite a unidade da composição do alçado e cria uma forte leitura horizontal do término da composição. A platibanda apresenta relevos no alinhamento das pilastras encerrando assim a presença das mesmas.

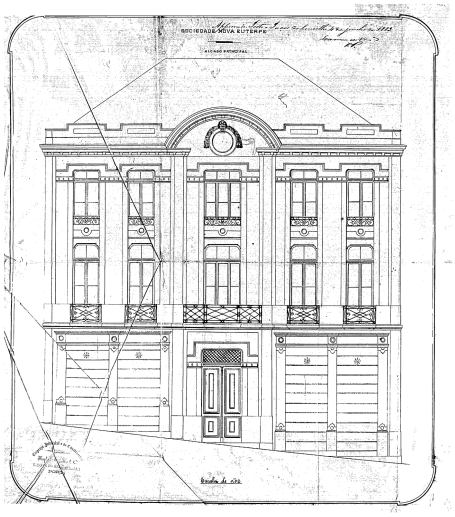
Obs.: Anteriormente a este alçado foi aprovado um outro que apresentava a platibanda contínua, o que por consequência elevava o pé-direito do rés-do-chão para 5,50 metros. Com a quebra da platibanda a eixo o alçado transmite equilíbrio e continuidade, pela sistematização dos vãos enquadrados pela união das faixas com as pilastras e pelo alinhamento da cornija com a platibanda. A repetição da composição do alçado em ambas as secções, transmite continuidade à frente de rua.

Identificação alçado: S3

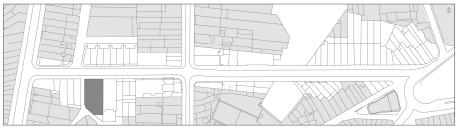
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 86 p.377

Requerente: Sociedade Nova Enterpe

Licença de construção: Aprovado em 1883/06/04.



Localização: Primeira fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 17,60 metros e mínima de 15,50 metros. Quando medida da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 16,80 metros e mínima de 14,70 metros. O alçado está delimitado lateralmente pela presença de pilastras, com 0,50 metros de largura, que surgem de socos ao nível do rés-do-chão e terminam na cornija. O alçado tem 17,50 metros de largura, medido entre pilastras.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos.

Entre o rés-do-chão e o primeiro piso a marcação da laje no alçado é efectuada por uma faixa com 0,30 metros de altura, sendo a marcação da laje superior interrompida pelos nembos e pilastras centrais da composição do alçado. O piso de rés-do-chão tem um pé-direito máximo de 7 metros e mínimo de 5 metros. O primeiro piso tem um pé-direito de 4,50 metros e o segundo piso de 4 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre aberturas e enfatizado pelo frontão curvo que interrompe a cornija.

Vãos: No piso de rés-do-chão o único vão permeável situa-se ao centro da composição comportando a única comunicação com a rua, havendo no entanto uma simulação de vãos laterais pelo recuo dos planos entre ombreiras que resultou da "substituição das vitrinas do pavimento térreo por persianas caneladas"[1]. O vão central tem uma altura de 4,90 metros e largura de 2 metros. Junto da pilastra esquerda a abertura que simula o vão tem 4,30 metros e a seguinte tem 4,60 metros. No ponto oposto, à direita do vão central a abertura tem 5,65 metros e junto da pilastra direita a abertura tem 5,90 metros. Estas simulações de aberturas apresentam 2,20 metros de largura.

No primeiro piso existe um soco com 1 metro de altura que abrange toda a largura do alçado e é interrompido pelas sacadas cuja largura é igual à abertura dos vãos a que pertencem, à excepção da sacada central que abrange a largura entre as pilastras centrais. Assim, os vãos existentes no primeiro piso são de porta com sacada individual, tendo 4 metros de altura. O vão central tem 1,90 metros largura e a sacada que o acompanha tem 4,20 metros de largura. Os vãos laterais têm 1,40 metros de largura e as sacadas acompanham a mesma largura.

[1] PEREIRA, Gaspar Martins; PEREIRA, Luciano Vilhena. *Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 1995, p. 43

No segundo piso os vãos são de janela com pano de peito, tendo uma altura de 2,90 metros e o pano de peito tem uma altura de 0,40 metros, ficando a abertura livre de obstáculos de 2,5 metros. O vão central é mais largo tendo 1,90 metros e os laterais têm 1,40 metros.

A composição central do alçado enquadra todo o alinhamento vertical dos vãos por pilastras de 0,80 metros de largura que terminam na cornija interrompida por um frontão curvo. A verticalidade transmitida no eixo de composição do alçado é transportada para a configuração dos próprios vãos uma vez que estes demonstram uma união no alinhamento vertical dos vãos do primeiro e segundo pisos transmitida pela existência de ombreiras contínuas que partem do soco existente no primeiro piso e terminam na padieira. Assim, os vãos do primeiro piso têm a padieira suprimida, sendo a faixa da laje que surge no intervalo dos nembos que assume essa função. Nos vãos do segundo piso verifica-se a existência de uma padieira contínua que é denteada sobre a abertura dos vãos e é pontualmente interrompida ao centro pelas pilastras que balizam a composição central do alçado. Esta padieira está sobre um friso que demarca o fim da verticalidade dos nembos. Esta situação verifica-se igualmente no vão central do rés-do-chão, cuja padieira é individual e assume a mesma configuração atrás mencionada.

Cornija: A cornija apresenta-se composta por várias molduras, sendo denteada no seu limite inferior e é interrompida ao centro da composição do alçado no alinhamento das pilastras pela presença de um frontão curvo que revela o emblema da associação a quem a edificação pertence. No entanto, parte da moldura da cornija é contínua delimitando a largura do alçado e acompanhando o frontão. A cornija nos extremos contorna as pilastras laterais, ficando saliente em relação aos limites do edifício.

Platibanda: A platibanda é cerrada e interrompida ao centro pelo frontão curvo, sendo que lateralmente apresenta elevações de cota no alinhamento dos vãos estando estas acompanhadas e reforçadas pela presença de almofadas. Tem 0,80 metros de altura, atingindo 1 metro no alinhamento dos vãos.

Obs.: A comissão de obras deixou escrito num relatório que este edifício "tem uma sumptuosa aparência exterior; e, interiormente, tem uma distribuição ampla e confortável, que tem valido os mais sinceros aplausos de quem o visita e admira."[2]

O tratamento especial do piso térreo através do encerramento completo deste, indicando com precisão o ponto de permeabilidade com o exterior, enfatiza a composição dos pisos superiores, pela diferença entre o encerramento do piso térreo em oposição à abertura transmitida pela continuidade vertical dos vãos dos pisos superiores. Este alçado não revela progressão, mas sim divisão, separando piso térreo e unificando pisos superiores.

Ainda no relatório está mencionado que um acordo levado a cabo entre a Comissão de Obras e a Associação Católica (S4), sediada contiguamente ao Ateneu decidiu que "a parede comum às duas associações ficava com uma altura e espessura que favorecia a edificação do Ateneu, enquanto que à Associação Católica foi permitida a utilização da meação da parede alteada para os propósitos que entendesse."[3]

Este alçado individualiza-se pela conjugação entre os elementos formais de composição, através da verticalidade dos vãos e sumptuosidade do término superior da composição.

[2] Gaspar Martins Pereira; Luciano Vilhena Pereira. *Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 1995, p. 45

[3] Gaspar Martins Pereira; Luciano Vilhena Pereira. *Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 1995, p. 44

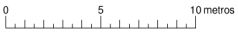
Identificação alçado: S4

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 81, p.39

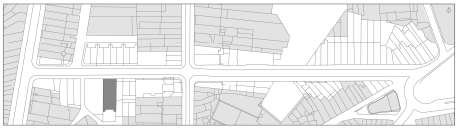
Requerente: Joaquim Francisco de Brito e Cª

Licença de construção: Aprovado em 1881/12/26.





Localização: Primeira fase de abertura da rua, lado sul.



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 13,30 metros e mínima de 11,90 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Quando medido da calçada à cornija, apresenta uma altura máxima de 12,10 metros e mínima de 10,70 metros. A sua largura é de 13 metros medida entre pilastras que têm 0,40 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais um piso.

A marcação do pé direito dos pisos está presente no alçado através de faixas com 0,20 metros de altura. A faixa que marca a laje do primeiro piso sobrepõe-se às pilastras laterais, como que as agarrando, enquanto a faixa da laje de cobertura une-se directamente com as mesmas. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 5,60 metros e mínima de 4,80 metros. O primeiro piso repete a medida mínima de pé-direito do piso térreo.

Eixo central da composição: Situado sobre aberturas de vãos e reforçado pela presença de uma sacada central situada no primeiro piso.

Vãos: Este alçado demonstra a presença de cinco vãos por piso, tendo estes a largura de 1,50 metros, com excepção do vão central situado no piso de rés-do-chão que apresenta uma largura de 2 metros.

No piso de rés-do-chão as soleiras dos vãos acompanham a pendente da rua, no entanto as duas pertencentes aos vãos situados à esquerda do vão central mantêm a mesma cota, assim como as pertencentes aos dois vãos à direita de vão central. Desta forma, a altura dos vãos varia sendo que o vão central tem uma altura de 3,90 metros, os dois vãos à sua esquerda têm 3,60 metros e os vãos da direita têm 4,30 metros. O soco que percorre todo o alçado mantém uma altura constante em relação à calçada de 0,90 metros, acompanhando assim igualmente a pendente da rua.

No primeiro piso existe um vão de porta com sacada individual que encima e reforça a presença do vão central do piso térreo, ao mesmo tempo que reforça o eixo central de composição do alçado. O vão tem 3,60 metros de altura, a sacada apresenta 2,70 metros de largura e a guarda 1 metro de altura. A largura desta acompanha a largura da dupla verga do vão central do piso térreo. Os restantes quatro vãos situados neste piso são de janela e apresentam 2,40 metros de altura.

Em todos os vãos as padeiras são rectas curvando apenas no contacto interior com as ombreiras e as duplas padieiras são rectas. As padieiras e as duplas padieiras têm uma largura superior ao limite exterior das ombreiras.

Os nembos quando medidos entre ombreiras de vãos têm 0,50 metros de largura, à excepção dos nembos medidos entre ombreira e pilastra e entre ombreiras de vãos com larguras distintas. Neste caso apresentam 0,30 metros de largura.

Cornija: Sobre a faixa indicadora da laje da cobertura encontra-se uma moldura simples que percorre toda a largura da fachada, marcando assim um limite horizontal que destaca a presença da cornija. A cornija é contínua e reforça o limite do alçado terminando nos pontos exteriores das pilastras.

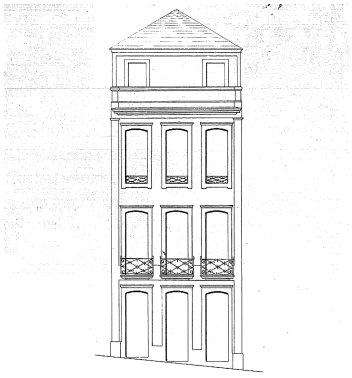
Platibanda: Sobre a cornija encontra-se a platibanda com 1,20 metros de altura que encerra toda a composição do alçado ao nível superior face à rua. A platibanda é um elemento contínuo que apresenta aberturas em balaustrada no alinhamento das aberturas dos vãos. Entre essas aberturas encontram-se almofadas.

Identificação alçado: S5

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 80 p.179; nº 81 p.246

Requerente: Cândido Augusto Pires d'Aguiar

Licença de construção: Aprovado em 1881/09/17. Aprovado piso de águas-furtadas em 1882/02/11.





Localização: Primeira fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 15,10 metros e mínima de 14,50 metros. Quando medida da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 14,10 metros e mínima de 13,50 metros. As águas-furtadas surgem num plano recuado e têm uma medida visível acima da platibanda de 1,90 metros. A largura é delimitada pela presença de pilastras, com 0,40 metros de largura, que surgem de socos ao nível do rés-do-chão e terminam em molduras que recebem a faixa encimada pela cornija. Entre pilastras o alçado tem 6,10 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,30 metros e mínima de 4 metros. Não havendo indicação da laje, o primeiro e segundo pisos em conjunto têm uma altura de 8,10 metros de altura.

Eixo central da composição: Situado sobre aberturas de vãos.

Vãos: O rés-do-chão, primeiro e segundo pisos têm três vãos cada com 1,20 metros de largura, enquanto o piso de águas-furtadas apresenta apenas dois vãos com 1 metro de largura cada.

No rés-do-chão os dois vãos de porta situados junto da pilastra direita têm a mesma cota de soleira e apresentam uma altura de 3,70 metros, o vão de porta situado junto da pilastra esquerda tem 3,60 metros de altura. O soco que percorre toda a largura do alçado tem uma altura constante de 0,80 metros, medido da calçada ao seu limite superior.

No primeiro piso existem três vãos de porta com sacada individual, tendo cada uma 1,60 metros de largura e a guarda 1 metro de altura. Os vãos têm 3,30 metros de altura e são acompanhados por um soco com 0,60 metros de altura.

O segundo piso apresenta vãos de janela com pano de peito. Têm uma altura total de 2,80 metros e 0,40 metros de pano de peito, ficando com2,20 metros de abertura livre. Todos os vãos têm padieira curva e dupla padieira recta.

As águas-furtadas contêm dois vãos com abertura visível de 1,20 metros, estando estes situados no alinhamento dos vãos laterais dos pisos inferiores. A padieira destes vãos é recta.

Os nembos situados no primeiro plano do alçado têm entre ombreiras 0,50 metros de largura e entre ombreiras e pilastras 0,15 metros. O nembo entre as ombreiras dos vãos do piso das águas-furtadas apresenta uma largura de 2,75 metros, enquanto os nembos existentes entre ombreiras e pilastras apresentam 0,50 metros de largura.

Cornija: Composta por várias molduras, ocupa a totalidade da largura do alçado estando os seus extremos alinhados pela linha exterior das pilastras. A cornija que encerra o plano das águas furtadas apresenta uma moldura simples.

Platibanda: Elemento que termina a composição do alçado 1 metro de altura e apresenta-se contínua e cerrada, tendo nos limites extremos a indicação das pilastras.

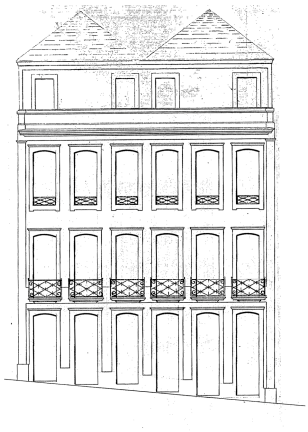
Obs.: Alçado com clara leitura vertical da sua composição, destaca os pisos superiores pela divisão das sacadas ao nível do piso térreo.

Identificação alçado: S6

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 80 p.225; nº 81 p.257

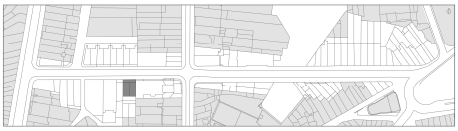
Requerente: José Domingues d'Oliveira

Licença de construção: Aprovado em 1881/09/17. Aprovado piso de águas-furtadas em 1882/02/11.





Localização: Primeira fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 15,50 metros e mínima de 14,40 metros. Quando medida da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 14,50 metros e mínima de 13,40 metros. As águas-furtadas surgem num plano recuado e têm uma medida visível acima da platibanda de 1,90 metros. A largura é delimitada pela presença de pilastras, com 0,40 metros de largura, que surgem de socos ao nível do rés-do-chão e terminam em molduras que recebem a faixa encimada pela cornija. Entre pilastras o alçado tem 12,70 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,90 metros e mínima de 4,20 metros. Não havendo qualquer indicação da laje do segundo piso no alçado, a altura conjunta do primeiro e segundo piso é de 8,10 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre elemento cerrado, neste caso sobre nembos.

Vãos: O rés-do-chão, primeiro e segundo pisos têm seis vãos cada com 1,20 metros de largura, enquanto o piso de águas-furtadas apresenta apenas quatro vãos com 1 metro de largura cada.

No rés-do-chão os vãos de porta têm as padieiras alinhadas à mesma cota, mas as soleiras acompanham a pendente da rua. O vão junto à pilastra da esquerda tem 3,60 metros de altura, os dois vãos à direita deste têm a soleira alinhada e apresentam 3,70 metros. O vão seguinte tem uma cota de soleira diferente apresentando uma altura de 4 metros de altura e os dois vãos juntos à pilastra da direita têm a soleira à mesma cota e apresentam 4,20 metros de altura. O soco que percorre toda a largura do alçado, sobrepondo-se às pilastras, tem a cota do seu limite superior constante quando medido até à calçada, acompanhando assim a pendente da rua. A sua altura é de 0,80 metros.

No primeiro piso os vãos são de porta com sacada individual. Os vãos apresentas uma altura de 3,30 metros cada e as sacadas individuais têm 1,60 metros de largura, tendo a guarda com 1 metro de altura. A toda a largura do alçado, este piso apresenta um soco com 0,60 metros de altura que encosta às pilastras e une as ombreiras dos vãos.

O segundo piso apresenta vãos de janela com pano de peito e têm uma altura total de 2,80 metros e 0,40 metros de pano de peito, ficando com uma abertura livre de obstáculos de 2,20 metros.

Todos os vãos têm padieiras curvas e duplas padieiras recta com moldura simples.

As águas-furtadas contêm quatro vãos com abertura visível de 1,20 metros, estando estes situados no alinhamento dos vãos laterais e dos vãos centrais dos pisos inferiores, deixando o espaço no alinhamento dos vãos centrais de cada conjunto de três vãos livre de abertura. A padieira destes vãos é recta.

Os nembos situados no primeiro plano do alçado têm entre ombreiras 0,50 metros de largura e entre ombreiras e pilastras 0,15 metros. O nembo entre as ombreiras dos vãos do piso das águas-furtadas apresenta uma largura de 2,75 metros, à excepção do nembo central que apresenta 0,50 metros. Os nembos existentes entre ombreiras e pilastras apresentam 0,50 metros de largura.

Cornija: Composta por várias molduras, ocupa a totalidade da largura do alçado estando os seus extremos alinhados pela linha exterior das pilastras. A cornija que encerra o plano das águas furtadas apresenta uma moldura simples.

Platibanda: Elemento que termina a composição do alçado 1 metro de altura e apresenta-se contínua e cerrada, tendo nos limites extremos a indicação das pilastras.

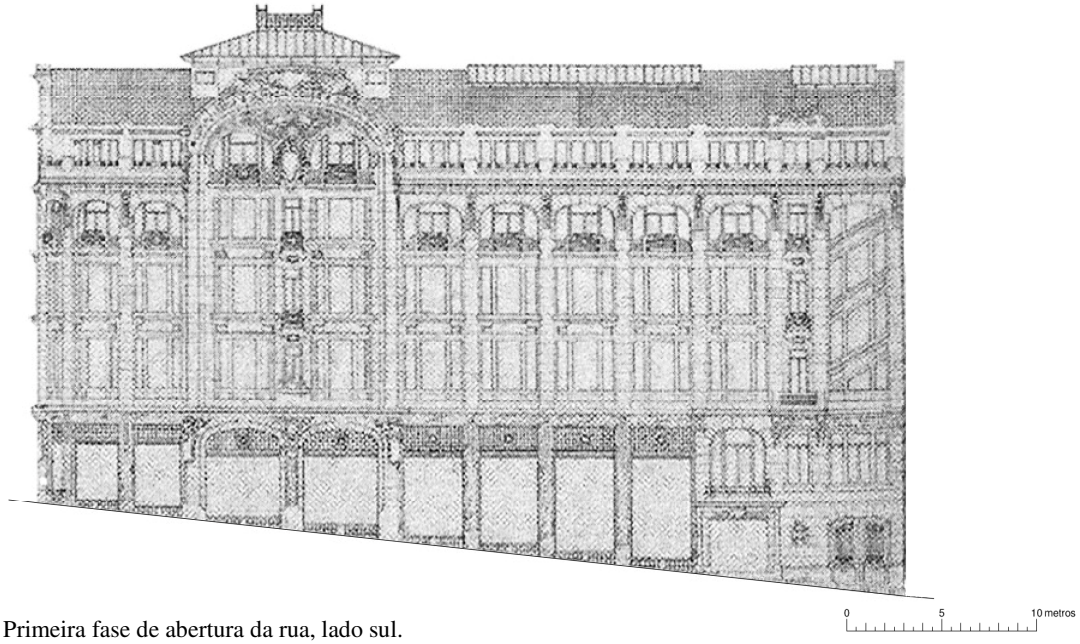
Obs.: Alçado com composição unificada face à rua, revela no piso de águas-furtadas uma divisão a cada conjunto de três vãos. A horizontalidade da sucessão de sacadas individuais é reforçada pela continuidade do soco que as acompanha, criando uma barreira que finaliza o piso térreo e inicia a composição do pisos superiores.

Identificação alçado: S7

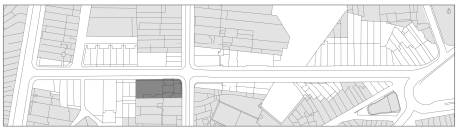
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de obras nº 549 p.269, ano de 1914

Requerente: António Nascimento

Licença de construção: Aprovado em 1914/06/15.



Localização: Primeira fase de abertura da rua, lado sul.



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 23,90 metros e mínima de 18,60 metros. Quando medido da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 22,90 metros e mínima de 17,60 metros. Num plano recuado surgem as águas-furtadas, que apresentam uma altura visível acima da platibanda de 1,60 metros. Sendo uma edificação de gaveto em curva, o alçado orientado para a rua em estudo é delimitado pela pilastra existente no limite lateral direito e pela pilastra situada imediatamente à esquerda do plano saliente do alçado. Assim, o alçado apresente uma largura de 40 metros entre pilastras, tendo estas 0,80 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais três pisos e águas-furtadas.

A marcação da laje entre o rés-do-chão e o primeiro piso tem 0,20 metros de altura, estando as relativas aos pisos superiores suprimidas. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 8,50 metros e mínima de 5 metros.

Eixo central da composição: A presença do eixo central na composição do alçado é visível no gaveto, não sendo visível a mesma simetria no alçado orientado para a rua em estudo. Este alçado corresponde à profundidade da edificação.

Vãos: No rés-do-chão os vãos são de janela e junto da parede de meação direita surgem vãos de porta encimados por vãos de janela. Os vãos de janela em contacto directo com o piso térreo apresentam a linha de padieira alinhada entre si, mas as soleiras acompanham a pendente da rua. O vão mais à esquerda tem 2,60 metros de largura e 4,40 metros de altura. Os vãos situados no corpo destacado têm 4 metros de largura, tendo o da esquerda 4,60 metros de altura e o da direita 5 metros de altura. Os quatros vãos situados à direita destes têm 3 metros de largura cada, tendo o da esquerda 5,8 metros de altura, o seguinte 6,10 metros, o seguinte 6,60 metros e o último 6,80 metros de altura. O vão de porta tem 3 metros de largura e 2,60 metros de altura e está encimado por um vão com a mesma largura e com uma altura d 3,40 metros, tendo este último a padieira em arco de volta perfeita. O vão junto da parede de meação direita tem 2,90 metros de largura e 3,70 metros de altura, sendo encimado por um vão com a mesma largura e altura de 3,40, tendo a padieira recta. Entre estes dois vãos de porta existe um vão oval que é encimado por um vão com 1,10 metros de largura e 3,40 metros de altura. Este último vão surge em todos os pisos superiores, sendo que no primeiro piso está acompanhado por uma sacada com guarda em balaustrada e nos restantes pisos com guarda em ferro.

Os vãos situados no primeiro piso têm uma altura de 3,50 metros, os situados no segundo piso têm 3 metros e os do terceiro piso situados no corpo destacado apresentam 2 metros de altura os restantes 2,50 metros de altura sendo acompanhados por uma sacada com 0,50 metros de altura de guarda. A largura varia de acordo com a posição destes na composição do alçado. Assim, todos os vãos situados à esquerda do corpo em destaque têm uma largura de 2,70 metros, os situados no corpo de destaque têm 3,20 metros de largura e os situados à direita entre este corpo e a prumada de vãos com sacada acima mencionados, têm 3 metros de largura. As aberturas ao longo dos sucessivos pisos junto da parede de meação direita acompanham os lances de escada presentes nesse corpo de acessos verticais do interior da edificação.

Com excepção dos vãos correspondentes ao piso de águas-furtadas situados no corpo em destaque, os restantes situados nesse piso acompanham a largura dos vãos situados no plano de alçado face à rua correspondentes ao seu alinhamento vertical, tendo uma altura visível acima da platibanda de 0,80 metros. Os vãos nesse piso englobados na composição do corpo de destaque apresentam a mesma configuração que os vãos situados no terceiro piso.

Cornija: A cornija é composta por várias molduras e percorre toda a largura do alçado, sendo interrompida pelo coroamento com remate neobarroquizante do corpo que se destaca. No alinhamento vertical dos nembos surgem cachorros ornamentados que suportam a cornija pontualmente.

Platibanda: Elemento que termina a composição do alçado face à rua, apresenta 1 metro de altura, tendo esta mesma altura rebaixada no espaço da largura de cada vão presente nas águas-furtadas. É igualmente interrompida pelo coroamento com remate neobarroquizante do corpo que se destaca.

Obs.: Este alçado pertence à profundidade da edificação dos Armazéns Nascimento da autoria do Arquitecto Marques da Silva. "Os ritmos das fachadas fazem-se numa nítida progressão vertical, sobretudo a partir da marquise, do rés-do-chão, até ao coroamento com remate neobarroquizante, de diferentes origens, num processo eclético de várias lógicas associativas, possíveis, como exemplo, no Bom Marche parisiense."[4]

Este alçado apresenta uma composição clássica onde se destaca o corpo que ladeia o plano curvo do gaveto. Os pisos apresentam um desenvolvimento idêntico em altura, no entanto, no contacto com o piso térreo revela-se diferente uma vez que a composição do alçado estende-se pela forte pendente da rua adequando os espaços expositivos de acordo com a cota possível. Este forte embasamento engloba todo o piso térreo e o subsolo, sendo ambos expositivos apenas existe uma relação visual entre exterior e interior. Junto da parede de meação direita localizam-se os acessos secundários ao subsolo encimados por uma escada de serviço visivelmente assumida no plano vertical do alçado face à rua.

Um aspecto caracterizador do edifício é a utilização da estrutura de betão armado como sistema construtivo de base, sistema cuja sofisticação abre caminho aos dispositivos espaciais interiores e ao apuramento dos recursos formais exteriores, o que permitiu uma maior liberdade no desenho de composição do alçado, sendo desde logo visível na diferença dos vãos que apresentam uma maior abertura entre ombreiras.

"Marques da Silva iniciou o projecto do edifício, que ganhou uma forma referida directamente às experiências dos grandes armazéns de Paris: a espacialidade interior explora transparências e perspectivas visuais capazes de cenografar os objectos de consumo. A localização do edifício, no ângulo das ruas Passos Manuel com Santa Catarina, oferecia ao edifício uma posição urbana privilegiada para expor a ordem monumental de um grande arco. (…) Trata-se de uma estratégia de projecto que procura, em edifícios construídos na ordem contínua de um plano de fachadas de rua, provocar o sobressalto de uma monumentalidade original. A duplicação do arco, contudo, não deixa de provocar uma grande ambiguidade formal, como se fosse possível tornar banal a monumentalidade. (…) Entre o programa funcional reflexo de uma nova era de trocas comerciais massificadas, a adopção de um sistema construtivo em franca ascensão e o compromisso entre as novidades e as práticas de desenho e projecto da tradição académica, os Armazéns Nascimento ensaiam uma síntese impossível e constituíram-se como uma obra estruturante da história da arquitectura portuguesa."[5]

---

[4] António Cardoso, *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX.* Porto**:** FAUP Publicações, 1997, p. 158

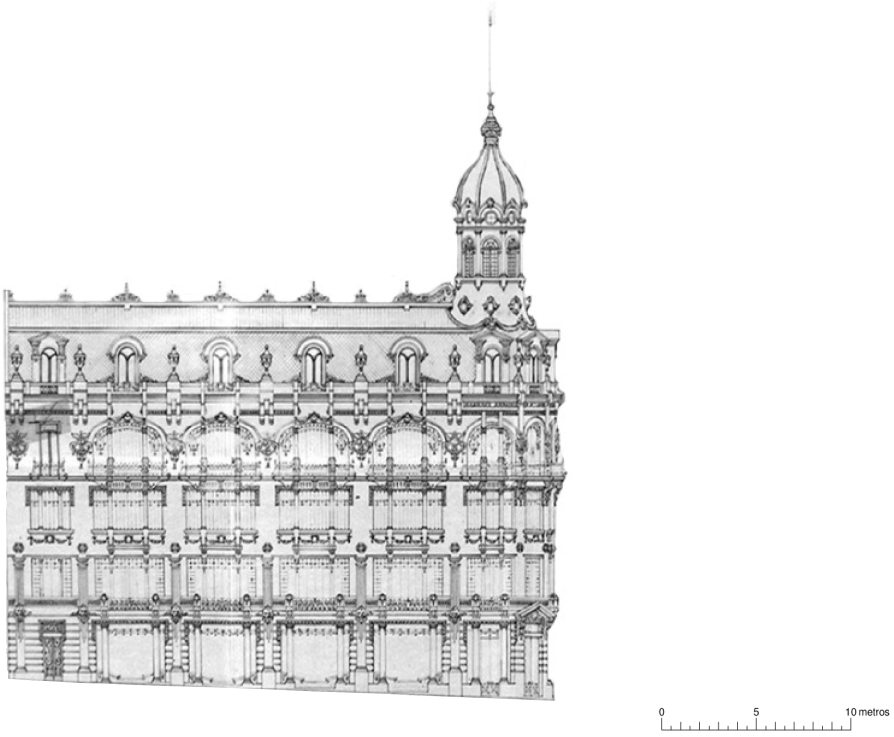
[5] António Cardoso, *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX.* Porto**:** FAUP Publicações, 1997,, pp. 296-307.

Identificação alçado: S8

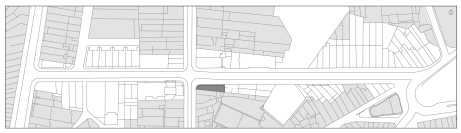
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de obras nº 306 p.30, ano de 1920

Requerente: Manuel José Pereira Júnior

Licença de construção: Aprovado em 1920/02/27.



Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul.



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 16,80 metros e mínima de 15,80 metros. Quando medido da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 16,30 metros e mínima de 15,30 metros. Num plano ligeiramente recuado surgem as águas-furtadas que apresentam uma altura visível acima da platibanda de 2,80 metros. Sendo uma edificação de gaveto em curva, o alçado orientado para a rua em estudo é delimitado pela pilastra existente imediatamente antes do inicio do gaveto e pela parede situada na extremidade esquerda que só se revela com espessura acima da platibanda. Assim, o alçado está delimitado pela presença de uma pilastra com 0,45 metros de largura e pela parede de meação suprimida pelo plano do alçado. O alçado apresenta uma largura entre pilastras de 23,50 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais três pisos e águas-furtadas.

A marcação das lajes no alçado é efectuada de diversas formas. Entre o piso térreo e o primeiro piso existe uma faixa com 0,30 metros de altura encimada por um soco que acompanha o primeiro piso. Entre o primeiro e o segundo pisos a marcação da laje é pontualmente representada no alçado, surgindo apenas no alinhamento da secção central de cada vão situado no segundo piso. Entre o segundo e terceiro pisos a marcação da laje é efectuada pela presença das bases de sacada que acompanham os vãos aí presentes. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,10 metros e mínima de 3,50 metros. O primeiro piso tem uma altura de 3,30 metros, o segundo de 3,50 metros e o terceiro piso 3,70 metros. Existe uma clara estratificação do pé-direito à medida que se avança de piso.

Eixo central da composição: Em relação a toda a largura de alçado orientada para a rua em estudo, não se verifica a presença de um eixo central de simetria na composição. No entanto, considerando somente o alçado delimitado pela pilastra direita e pela segunda pilastra junto do limite esquerdo, existentes no piso de rés-do-chão, verifica-se a presença de um eixo situado sobre os nembos existentes entre os vãos centrais da composição.

Vãos: Todos os pisos revelam a existência de cinco vãos. No piso de rés-do-chão o vão situado junto do limites esquerdo do alçado é de porta e tem 1,10 metros de largura e 1,30 metros de altura. Todos os outros são de janela e têm 3,60 metros de largura e uma altura variável devido às soleiras acompanharem a pendente da rua. Assim o vão mais à esquerda tem 3 metros de altura, o seguinte tem 3,20 metros, à direita deste o vão apresenta uma altura de 3,50 e por último o vão situado mais à direita apresenta 3,60 metros de altura.

No primeiro piso os vãos são mistos, agregando vãos de porta com sacada e vãos de janela, sendo esta separação visível através da caixilharia e transportada para os outros vãos através de pilastras que seccionam o vão. Existe um soco com 1,20 metros de altura, contínuo a toda a largura do primeiro piso que é interrompido por gradeamento de acordo com a largura do vão de porta, à excepção do vão situado junto do limite lateral esquerdo que o soco mantém-se cerrado. Assim este vão tem 2,10 metros de largura e 2,20 metros de altura. Os restantes apresentam 3,60 metros de largura, sendo a secção central com 2,10 metros de largura ocupada pelo vão de porta e consequentemente nessa área o soco é interrompido.

No segundo piso os vãos são de janela e o situado junto do limite lateral esquerdo tem 2,10 metros de largura e 2,20 metros de altura. Os restantes têm 3,60 metros de largura e mantêm a altura de 2,20 metros. Todos estes vãos têm as padieiras rectas.

Os vãos do terceiro piso tem vãos de porta com sacada, mantendo estes as larguras dos vãos já mencionados tendo as padieiras em arco de volta perfeita, iniciando o arco a 1,20 metros das soleiras e cuja medida máxima de altura é 2,80 metros. As sacadas acompanham a largura dos vãos e têm 0,90 metros de guarda acima da base. O vão situado neste piso junto da parede de meação esquerda tem 1,10 metros de largura, 2,80 metros de altura e a sua guarda está alinhada pelas restantes presentes neste piso.

No piso de águas-furtadas os vãos são de janela, têm 1,10 metros de largura e 1,80 metros de altura e estão dispostos no alinhamento vertical do eixo dos vãos dos pisos inferiores. Todo os vãos deste piso têm padieiras em arco de volta perfeita, com excepção do vão junto da parede de meação esquerda que apresenta uma padieira com configuração de frontão triangular.

Cornija: A cornija é composta por duas, é contínua e percorre toda a largura do alçado, tendo diversos elementos ornamentais dispostos sobre si.

Platibanda: Elemento que termina a composição do alçado tem 0,50 metros de altura, apresenta-se cerrada e seccionada através de extensões do alinhamento das pilastras que seccionam a abertura dos vãos.

Obs.: O alçado demonstra uma intensa ligação entre os seus elementos formais e ornamentais, que se relacionam construindo uma composição clássica com uma nítida progressão vertical que é comportada pelo embasamento que envolve o piso de rés-do-chão. Ou seja, partindo do piso térreo os elementos de composição do alçado conjugam-se, interligam-se e comunicam entre si, transmitindo uma clara progressão entre os diversos pisos, terminando depois na cornija encimada por platibanda que recebe os vãos do piso de águas-furtadas, situados no plano vertical do alçado face à rua. A composição deste alçado demonstra clara individualização que este pretende afirmar perante os restantes alçados presentes na rua. Para reforçar esta enfatização da sua presença, é de salientar o torreão situado sobre o plano de gaveto.

À semelhança dos Armazéns Nascimento, este edifício demonstra um avanço no sistema construtivo da época, apresentando uma maior abertura dos vãos. Apresenta também junto da parede de meação esquerda a localização dos acessos secundários, no entanto este alçado, ao contrário dos Armazéns Nascimento, não transparece a presença de nenhum elemento de comunicação entre os pisos, optando pela continuidade de configuração dos vãos, diminuindo apenas a sua largura. Este ponto de acesso ao edifício é enfatizado no alçado pela presença de um frontão triangular que encerra o vão do piso de águas-furtadas.

Identificação alçado: S9

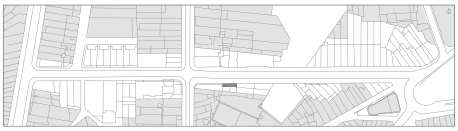
Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 98 p.155; nº 99 p.321

Requerente: António Luís da Silva Guimarães

Licença de construção: Aprovado em 1886/09/06.



Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 11,80 metros e mínima de 11 metros medidas desde a calçada até à platibanda. Sendo que, quando medido da calçada à cornija, apresenta uma altura máxima de 10,95 metros e mínima de 10,15 metros. É delimitado lateralmente pela presença de pilastras com 0,30 metros de largura, que nascem de socos salientes ao nível do rés-do-chão e terminam numa pequena moldura que recebe a última faixa. O alçado entre pilastras apresenta 13,90 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos.

A marcação das lajes de piso é feita no alçado através de faixas com 0,20 metros de altura que se unem directamente às pilastras. O piso de rés-do-chão apresenta um pé direito máximo de 3,60 metros e mínimo de 3 metros. O primeiro e segundo pisos repetem a medida mínima do rés-do-chão, ou seja 3 metros de pé direito.

Eixo central da composição: Situado sobre elemento cerrado, neste caso sobre nembos.

Vãos: O alçado transmite a existência de seis vãos por piso tendo estes sempre a mesma largura de 1 metro.

No piso de rés-do-chão os vãos de portas têm as padieiras rectas e alinhadas, variando apenas a cota de algumas soleiras que acompanham a pendente da rua. Desta forma, o vão mais a esquerda tem uma altura de 2,70 metros, os dois seguintes mantêm as soleiras alinhadas tendo os vãos 2,80 metros e os três últimos, têm igualmente as soleiras à mesma cota, apresentando um vão com 3,10 metros de altura. A toda a largura deste piso existe um soco, com aproximadamente 1,10 metros de altura, que une as ombreiras dos vãos das portas. Este soco acompanha a pendente da rua sofrendo desníveis a cada intervalo de dois vãos, que é assinalado por um corte em forma de quarto de círculo no soco que reforça e indica o seu desnivelamento.

No primeiro e segundo piso os vãos são de janela e apresentam uma abertura de 2 metros de altura, tendo igualmente as padieiras rectas e alinhadas entre si. As ombreiras destes vãos descem ligeiramente em relação ao nível do peitoril.

Neste alçado, os nembos são como que o negativo da abertura dos vãos já que têm a mesma dimensão da largura dos mesmos, ou seja 1 metro, à excepção dos nembos entre as ombreiras e as pilastras que se apresentam com 0,30 metros.

Cornija: É o único elemento saliente em relação ao plano do alçado. É contínua e percorre toda a largura da mesma, sendo que do lado esquerdo ela alinha sobre o eixo da pilastra e do lado direito ultrapassa o limite da linha exterior da pilastra.

Platibanda: Com 0,85 metros de altura apresenta-se cerrada tendo um relevo na sua extremidade direita que remata a existência da pilastra. Na extremidade esquerda a pilastra que faz meação eleva a sua presença até ao limite superior da platibanda, fazendo com que esta apenas inicie a sua presença no alçado alinhada pela linha interior da pilastra.

Obs.: Alçado com uma composição horizontal devido à utilização de faixas que se unem às pilastras e criam secções rectangulares que englobam os vãos de cada piso. Não é transmitida nenhuma progressão entre pisos, mas antes uma regularidade demasiadamente formal de toda a composição, transparecendo um alçado estático e pesado.

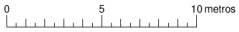
Identificação alçado: S10

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 107 p.191; nº 109 p.165

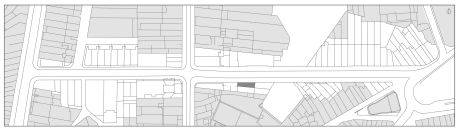
Requerente: António Luiz da Silva Gonçalves

Licença de construção: Aprovado em 1889/02/14.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 12,20 metros e mínima de 11,30 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 11,40 metros e mínima de 10,50 metros. Tem 17 metros de largura entre pilastras. Estas nascem de socos ao nível do rés-do-chão e terminam na platibanda, apresentam 0,35 metros de largura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos.

Não existe indicação da altura dos pisos no desenho de composição do alçado, apenas a base da sacada que permite a indicação da laje do primeiro piso. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4 metros e mínima de 3,40 metros. O primeiro e segundo pisos têm uma altura conjunta de 6,40 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre uma abertura e reforçado pela presença da sacada individual cujo vão que lhe pertence exibe uma dupla padieira bastante desenvolvida.

Vãos: O alçado demonstra a presença de sete vãos por piso.

No piso de rés-do-chão os vãos de porta têm 1,30 metros de largura, apresentam as padieiras alinhadas entre si, variando apenas na cota das soleiras que acompanham a pendente da rua. Assim, o vão junto à pilastra esquerda tem 2,90 metros de altura, tendo os dois à direita uma altura de 3 metros visto as soleiras se encontrarem à mesma cota. O vão central da composição tem 3,10 metros de altura, tendo os dois vãos à sua direita uma altura de 3,40 metros. O vão junto à parede de meação direita tem 3,60 metros de altura. O soco existente no rés-do-chão exibe duas linhas de cota. O soco à esquerda do vão central tem uma altura máxima de 1,10 metros e mínima de 0,80 metros, o oposto tem altura máxima de 1,50 metros e mínima de 1,10 metros.

Os vãos situados no primeiro e segundo pisos têm uma largura constante de 1,10 metros.

No primeiro piso o vão central é de porta com sacada individual. O vão tem 2,50 metros de altura, tendo a sacada 2,80 metros de largura e a protecção 0,90 metros de altura. Este vão apresenta uma dupla padieira com formato de cornija, enfatizando a centralidade do vão. Os restantes vãos deste piso são de janela com pano de peito, têm 2,20 metros de altura com 0,40 metros de pano de peito, sendo a abertura livre de obstáculos de 1,80 metros.

O segundo piso apresenta vãos de janela com 1,80 metros de altura. Com excepção do vão central do primeiro piso, todos os outros apresentam padieiras e duplas padieiras em arco.

Os nembos no rés-do-chão apresentam 0,80 metros de largura quando medidos entre ombreiras, e quando medidos entre ombreira e pilastra apresentam 0,20 metros. No primeiro e segundo piso os nembos entre ombreiras têm 1 metro e entre ombreira e pilastra apresentam 0,30 metros.

Cornija: Elemento contínuo e percorre toda a largura do alçado terminando na linha do limite exterior as pilastras.

Platibanda: Com 0,80 metros de altura, a platibanda apresenta-se contínua e cerrada.

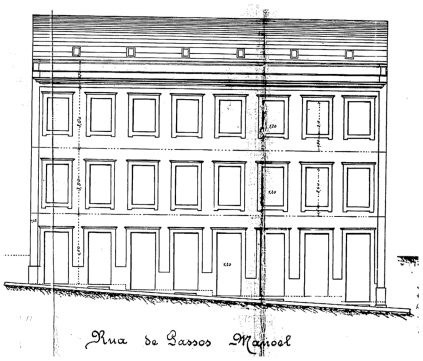
Obs.: Alçado individualizado pela presença de um vão central no primeiro piso acompanhado por sacada e com uma dupla padieira. Este ponto central enfatiza a composição, individualiza o alçado e promove o eixo central de simetria.

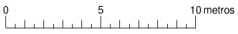
Identificação alçado: S11

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 148 p.50

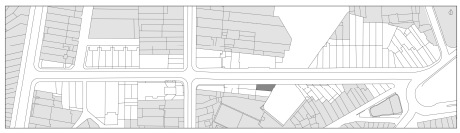
Requerente: Joaquim Ferreira Dias

Licença de construção: Aprovado em 1897/09/02.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 13,10 metros e mínima de 12 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 14,10 metros e mínima de 13 metros. Delimitado por pilastras com 0,45 metros de largura, que nascem de socos ao nível do rés-do-chão e terminam em relevo no plano da platibanda, o alçado apresenta uma largura total entre pilastras de 18 metros.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e a possível existência de águas-furtadas pela presença de postigos visíveis na cobertura.

Com excepção da faixa correspondente à laje de cobertura, não existe nenhum elemento no alçado que indique a altura dos pisos. No entanto, o projecto apresentado à Câmara para aprovação do alçado tem a indicação de medidas. Assim, o piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,30 metros e mínima de 4 metros. O primeiro piso tem um pé direito de 3,90 metros de altura e o segundo piso um pé direito de 3,60 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre elementos cerrados, nembos.

Vãos: São visíveis oito vãos por piso tendo todos a largura de 1,20 metros.

O piso de rés-do-chão apresenta vãos de portas com as padieiras alinhadas entre si e as soleiras a diferentes cotas que acompanham a pendente da rua. Os dois vãos juntos à pilastra esquerda têm 2,80 metros de altura e os dois seguintes 3 metros de altura. O vão junto à pilastra direita apresenta 3,60 metros de altura e os três vãos à esquerda deste apresentam 3,40 metros de altura. A toda a largura do rés-do-chão existe um soco com variação de altura em relação à calçada, no entanto mantém a mesma altura em relação à soleira do vão que se encontra à sua esquerda. Assim, o limite superior do soco está a uma altura constante de 1 metro em relação às soleiras do vão à sua esquerda.

O primeiro e segundo pisos apresentam vãos de janela, tendo os situados no primeiro piso 2,10 metros e no segundo piso 1,80 metros de altura.

Todos os vãos têm padieiras e duplas padieiras rectas.

Os nembos existentes têm 0,60 metros de largura quando medidos entre ombreiras e 0,10 metros de largura quando medidos entre ombreira e pilastra.

Na água do telhado orientada para a rua estão vãos com 0,20 de largura e 0,30 metros de altura que indicam a possível presença de um piso em águas-furtadas.

Cornija: A cornija apresenta-se como o único elemento saliente ao plano do alçado, tem moldura composta e os seus extremos terminam no limite exterior das pilastras, ocupando assim a largura total da composição do alçado.

Platibanda: Com 1 metro de altura acima da cornija, a platibanda é um elemento cerrado tendo nos seus extremos relevos que representam o término das pilastras.

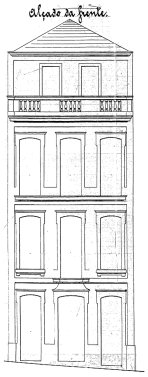
Obs.: Alçado de composição regular não apresenta qualquer enfatização ou elemento individualizador da sua composição.

Identificação alçado: S15

Fonte: A.H.C.M.P. - Livro de plantas nº 168 pág. 335

Requerente: José Augusto d'Oliveira

Licença de construção: Aprovado em 1890/11/09.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 14,50 metros e mínima de 14 metros medidas desde a calçada até à platibanda. Sendo que, quando medido da calçada à cornija, apresenta uma altura máxima de 13,50 metros e mínima de 13 metros. O piso de águas-furtadas está recuado em relação ao plano do alçado face à rua e apresenta uma altura visível de 2,30 metros. O alçado apresenta 6 metros de largura entre pilastras. Estas pilastras que delimitam o alçado horizontalmente têm 0,35 metros de largura, nascem de socos salientes ao nível do rés-do-chão e terminam na platibanda com a presença de relevos de remate, surgindo novamente nas águas-furtadas onde se unem à faixa da cobertura.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

A altura de cada piso está assinalada no alçado pela presença de faixas com 0,20 metros de altura que se unem às pilastras nos seus extremos laterais. O rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,30 metros e mínima de 4 metros. O primeiro piso tem 3,90 de altura e o segundo piso apresenta uma altura de 3,70 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre aberturas é enfatizado pela sacada individual do primeiro piso.

Vãos: Com excepção das águas-furtadas que tem dois vãos, todos os outros pisos apresentam três vãos.

O vão central do piso de rés-do-chão é mais largo que os vãos laterais tendo 1,30 metros, enquanto os restantes têm 1,10 metros. Os dois vão situados junto à pilastra esquerda têm uma altura de 3,40 metros cada, o vão junto da pilastra direita tem 3,60 metros de altura. O vão central tem dupla padieira e é encimado pela sacada existente no primeiro piso, tendo em cantaria acima da dupla padieira uma secção que faz a transição da largura da dupla padieira do vão do rés-do-chão para a largura da secção da sacada com mais profundidade no primeiro piso. O soco presente no rés-do-chão sobrepõe-se às pilastras e tem de altura máxima 1,50 metros e mínima de 1,10 metros.

Os vãos do primeiro e segundo piso têm uma largura de 1,10 metros.

O primeiro piso apresenta uma sacada com largura máxima de 1,80 metros, tendo um momento central com 1,10 metros de largura mais saliente em relação ao plano do alçado. O vão de porta que acompanha a sacada tem 3,20 metros de altura e apresenta um soco com 0,40 metros de altura que acompanha a largura máxima da sacada. Os vãos laterais deste piso são janela com pano de peito e têm 2,70 metros de altura, sendo que as soleiras, com 0,20 metros de altura, sobrepõem-se às ombreiras interrompendo o desenho destas e alinham o seu limite superior pela altura do soco existente na área d sacada.

No segundo piso os vãos são de porta com sacada contínua de pilastra a pilastra e apresentam 3 metros de altura. A acompanhar a largura da sacada está um soco com 0,40 metros de altura.

Os limites dos resguardos não estão representados no desenho do alçado.

Os vãos das águas-furtadas têm 0,90 metros de largura e 1,50 metros de altura. Estes vãos situam-se no alinhamento dos nembos existentes no plano principal do alçado.

Os nembos situados no plano de alçado principal apresentam entre as ombreiras uma largura de 0,60 metros e quando situados entre as ombreiras e as pilastras tem uma largura de 0,15 metros. No piso das águas-furtadas o nembo central tem 0,80 metros de largura e os nembos laterais têm 1,30 metros.

Cornija: A cornija percorre toda a largura do alçado terminando a sua presença no limite exterior das pilastras. É composta por várias molduras. As águas-furtadas também apresentam uma cornija de moldura simples estando igualmente os seus limites alinhados pelos limites exteriores das pilastras.

Platibanda: Situada acima da cornija, tem 1 metro de altura e apresenta aberturas em balaustrada no alinhamento das aberturas dos vãos do plano principal do alçado. Nos seus extremos laterais tem indicação do término das pilastras.

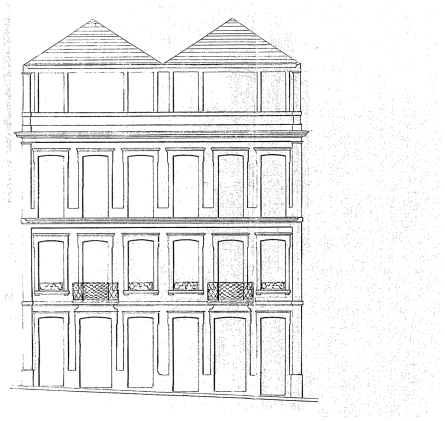
Obs.: Alçado com composição centralizada transmitida pelo vão do central do piso de rés-do-chão encimado por sacada individual. Este mesmo vão demonstra uma elevação da padieira que faz a continuidade entre o piso térreo e o primeiro piso, sendo depois travado pela sacada contínua do segundo piso. Esta conjugação transmite uma hierarquização de pisos, estando então o piso térreo e o primeiro piso unidos pelo eixo de simetria e o segundo piso mantém a sua individualidade transmitida pela sacada.

Identificação alçado: S16

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 112 p.314

Requerente: Joaquim Ferreira Maia

Licença de construção: Aprovado em 1889/11/27.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 15,30 metros e mínima de 14,60 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 14,20 metros e mínima de 13,70 metros. As águas-furtadas surgem recuadas em relação ao primeiro plano do alçado e têm uma altura visível acima da platibanda de 2,50 metros. Delimitado por pilastras de 0,45 metros de largura, o alçado apresenta 13,85 de largura quando medido entre elas.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos e águas-furtadas.

O pé-direito dos pisos está assinalado no alçado através de faixas que nos seus extremos se sobrepõem às pilastras, com excepção das faixas de cobertura que assentam sobre as molduras do término das pilastras. As faixas têm 0,20 metros de altura. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,80 metros e mínima de 4,30 metros. O primeiro e segundo pisos apresentam uma altura de 4 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre elementos cerrados, nembos.

Vãos: Apresenta em cada piso seis vãos e nas águas-furtadas quatro vãos.

No rés-do-chão os vãos de porta encimados por sacada são mais largos tendo 1,60 metros de largura, enquanto que os restantes têm 1,30 metros de largura. As padieiras destes vãos estão alinhadas entre si, estando apenas as soleiras a cotas diferentes devido à pendente da rua. No entanto, os quatro vãos centrais agrupam-se dois a dois, apresentando cada grupo a mesma cota de soleira. Assim, o vão situado junto à pilastra esquerda tem 3,60 metros de altura, os dois vãos seguintes têm 3,70 metros de altura, o grupo seguinte de dois vãos tem 3,80 metros de altura e o vão junto à pilastra direita tem 4 metros de altura. Os vãos encimados por sacadas apresentam acima das duplas padieiras uma secção que faz a transição da largura destas para a largura das secções da sacada com mais salientes. A toda a largura do rés-do-chão existe um soco que sofre um desnível de cota a eixo da composição. Sobrepondo-se à pilastra lateral esquerda, o soco arranca com 0,90 metros de altura atingindo 1,20 metros, sendo quebrado a eixo e voltando a medida inicial de 0,90 metros, terminando com uma altura de 1,20 metros

No primeiro e segundo pisos, todos os vãos apresentam 1,30 de largura.

No primeiro piso, a cada grupo de três vãos, o central é de porta com sacada individual e os restantes são de janela com pano de peito. Os vãos de porta com sacada têm 3,20 metros de altura cada e o resguardo da sacada tem 1 metro de altura. Cada sacada tem dois níveis de profundidade, sendo a sua largura total de 2,40 metros e o momento com mais profundidade é central tendo 1,80. A toda a largura de cada sacada existe um soco com 0,60 metros de altura.

Os vãos de janela com pano de peito têm 2,60 metros de altura com 0,40 metros de guarda, sendo a abertura livre de 2,20 metros. A soleira abaixo do pano de peito sobrepõe-se às ombreiras e alinha com o soco que acompanha as sacadas, enquanto o limite superior do pano de peito alinha pela guarda da sacada.

Todos estes vãos têm padieiras em arco duplas padieiras rectas.

No piso das águas-furtadas existem quatro vãos, dois situados ao centro, um situado junto da pilastra esquerda e outro situado junto da pilastra direita. Estes vãos mantêm a largura de 1,30 metros visível nos vãos dos pisos inferiores e a sua altura visível é de 2 metros.

Os nembos situados no plano de alçado principal apresentam entre as ombreiras uma largura de 0,50 metros e quando situados entre as ombreiras e as pilastras tem uma largura de 0,15 metros. Quando situado entre ombreiras de vãos com diferentes larguras apresentam 0,30 metros de largura. No piso das águas-furtadas o nembo central tem 0,50 metros de largura, os nembos laterais têm 2,90 metros e os nembos entre pilastra e ombreira têm 0,15 metros de largura.

Cornija: A cornija é composta por várias molduras e ultrapassa os limites laterais das pilastras, tornando-se saliente e invadindo o espaço das contiguidades. A cornija que encerra o plano das águas-furtadas é composta por uma moldura simples, terminando a sua presença no eixo das pilastras.

Platibanda: Com 1,10 metros de altura é o elemento que encerra a composição do primeiro plano de alçado. Apresenta-se cerrada e contínua, tendo nos seus extremos o término das pilastras.

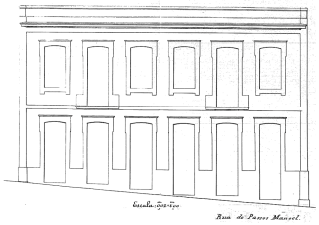
Obs.: A disposição dos elementos formais no alçado transmite uma centralidade a cada conjunto de três vãos assumida no piso de rés-do-chão e no primeiro piso. Esta dualidade é contrariada pela sacada contínua de pilastra a pilastra lateral presente no segundo piso, no entanto revela-se novamente centralizada pela configuração do piso de águas-furtadas. Existe uma clara intenção de demonstrar a hierarquização entre os pisos, a elevação do público para o privado. A sua individualização transmitida pela sobreposição das faixas às pilastras de meação impondo-se às contiguidades é reforçada pela horizontalidade da cornija que ultrapassa os limites laterais do alçado, invadindo o espaço das possíveis contiguidades.

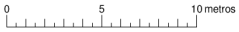
Identificação alçado: S17

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 125 p.163; nº 126 p.329

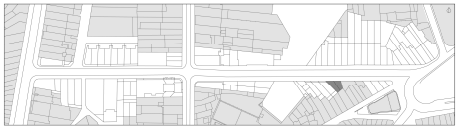
Requerente: Cândido Mendes Brandão

Licença de construção: Aprovado em 1893/05/20.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 10,60 metros e mínima de 9,30 metros, medidas desde a calçada à platibanda. Medindo da calçada até à cornija, tem altura máxima de 9,60 metros e mínima de 8,30 metros. Está delimitado por pilastras com 0,35 metros de largura que nascem de socos ao nível do rés-do-chão, terminam na platibanda indicadas por relevos. A largura do alçado entre pilastras é de 14,50 metros.

Pisos: Rés-do-chão mais um piso.

A altura dos pisos está assinalada através de faixas com 0,20 metros de altura que nos seus extremos encostam às pilastras, unindo-se a estas e criando molduras que encerram a presença dos vãos. O piso de rés-do-chão tem uma altura máxima de 4,70 metros e mínima de 3,80 metros, repetindo-se a altura mínima no primeiro piso.

Eixo central da composição: Situado sobre um elemento fechado, nembo.

Vãos: Apresenta seis vãos por piso e cada um tem a largura de 1,20 metros.

O piso de rés-do-chão apresenta vãos de portas. Tendo as padierias alinhadas à mesma cota, apenas as soleiras destes vãos acompanham a pendente da rua. No entanto, as soleiras dos dois vãos situados à esquerda de cada conjunto de três vãos têm as soleiras alinhadas. Assim, os dois vãos existentes junto à pilastra esquerda têm 3,30 metros de altura e o seguinte tem 3,50 metros de altura. No conjunto de três vãos situados à direita do eixo central de composição, os dois vãos junto do eixo têm 3,80 metros e o vão junto à pilastra direita apresenta 4 metros de altura. A toda a largura do rés-do-chão existe um soco que se sobrepõe às pilastras estando o seu limite superior alinhado à mesma cota, logo variando a sua altura em relação à calçada. Apresenta a altura mínima junto da pilastra esquerda com 0,80 metros e atinge a maior altura junto da pilastra direita com 2 metros.

No primeiro piso os vãos centrais de cada conjunto de três vãos são de porta com sacada individual, tendo as sacadas dois níveis de profundidade em relação ao plano do alçado. Estes vãos têm 3,10 metros de altura, tendo o soco que acompanha a largura da sacada 0,60 metros de altura e a largura das sacadas é de 2,30 metros, sendo a área correspondente à largura do vão mais saliente. Os restantes quatro vãos são de janela com pano de peito e têm 2 metros de altura cada. Não há indicação no desenho de composição do alçado da altura das guardas das sacadas e dos vãos de janela.

Todos estes vãos têm padieiras curvas e duplas padieiras rectas.

Os nembos apresentam 0,80 metros de largura.

Cornija: A cornija está situada acima da faixa que representa a laje de cobertura é contínua e o término dos seus extremos coincide com o limite exterior das pilastras, reforçando assim largura do alçado.

Platibanda: Elemento que encerra a composição da fachada encontra-se sobre a cornija e apresenta 1 metro de altura. A platibanda é cerrada e contínua tendo apenas relevos no alinhamento das pilastras.

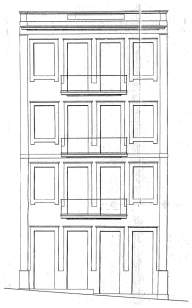
Obs.: Alçado de composição regular, apresenta apenas no primeiro piso duas sacadas centrais a cada conjunto de três vãos que enfatizam a dualidade existente no interior das edificações.

Identificação alçado: S19

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 094 p.368

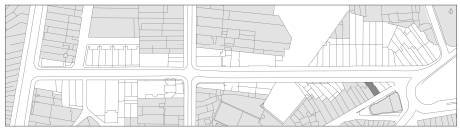
Requerente: Jozé Corrêa dos Santos

Licença de construção: Aprovado em 1885/06/13.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 15,35 metros e mínima de 14,80 metros. Quando medido da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 14,65 metros e mínima de 14,10 metros. Delimitado pela presença de pilastras, com 0,30 metros de largura, o alçado quando medido entre elas apresenta uma largura de 6,85 metros.

Pisos: Rés-do-chão mais três pisos.

A única referência a uma laje de piso é efectuada pela presença de uma faixa com 0,20 metros de altura entre o primeiro e segundo piso. No entanto, em todos os pisos existe uma sacada, dando assim referencia ao pé-direito de cada um. O rés-do-chão tem uma altura máxima de 3,95 metros e mínima de 3,70 metros. O primeiro, segundo e terceiro piso tem uma altura de 3 metros.

Eixo central da composição: Situado sobre elementos cerrados, nembos.

Vãos: Cada piso tem quatro vãos e todos apresentam uma largura de 1,10 metros.

No piso de rés-do-chão os vãos encontram-se alinhados em conjuntos de dois, tendo os dois da esquerda 3 metros e os dois da direita 3,30 metros de altura. O soco que acompanha toda a largura do piso térreo tem a sua medida menor junto à pilastra esquerda com 1,20 metros de altura e a sua medida maior junto da pilastra direita com 1,70 metros. Estes sobrepõem-se às pilastras.

No primeiro, segundo e terceiro pisos os dois vãos centrais são de porta com sacada e os laterais são de janela. Todos apresentam o mesmo desenho, tendo os vãos laterais 1,70 metros de altura e os vãos centrais 2,50 metros de altura. Estes vãos centrais encontram-se agrupados pela presença da sacada que tem 0,80 metros de altura de resguardo e a sua largura está alinhada pelo eixo dos nembos entre ombreiras. A acompanhar a largura das sacadas encontra-se um soco com 0,50 metros de altura. Os nembos situados entre ombreiras apresentam uma largura de 0,20 metros e os situados entre ombreiras e pilastras apresentam 0,10 metros de largura.

Cornija: Elemento de moldura composta encontra-se sobre a faixa de cobertura e ocupa a totalidade da largura do alçado, reforçando a dimensão deste.

Platibanda: Tendo 0,70 metros de altura acima da cornija é contínua e cerrada, tendo ao centro uma almofada cuja largura está alinhada pela largura das sacadas centrais. O término das pilastras está representada nos seus extremos.

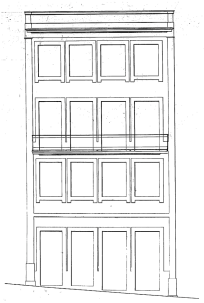
Obs.: A centralidade transmitida pelo eixo dos vãos acompanhados de sacada é contrariada pela dualidade do alinhamento das soleiras dos vãos do piso térreo. A faixa horizontal que divide a altura do alçado transmite a possibilidade a estratificação vertical e não horizontal. Ou seja, o alçado não se divide em esquerdo e direito de acordo com a agregação do conjunto de três vãos, mas sim em pisos, térreo e primeiro seguido de segundo e terceiro pisos.

Identificação alçado: S20

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 096 p.314

Requerente: João Rodrigues Cerejo

Licença de construção: Aprovado em 1885/10/12.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta da calçada à platibanda uma altura máxima de 15,15 metros e mínima de 14,60 metros. Quando medido da calçada à cornija apresenta uma altura máxima de 14,25 metros e mínima de 13,70 metros. Delimitado pela presença de pilastras, com 0,30 metros de largura, o alçado quando medido entre elas apresenta uma largura de 7,20 metros.

Pisos: Rés-do-chão mais três pisos.

A laje do primeiro piso e a laje da cobertura estão representadas na fachada pela presença de faixas com 0,20 metros. A laje do segundo piso é transportada para a fachada pela presença da sacada e a laje do terceiro piso não tem qualquer indicação. O rés-do-chão tem uma altura máxima de 3,85 metros e mínima de 3,60 metros. O primeiro piso tem 3,10 metros de altura. O segundo e terceiro pisos em conjunto têm uma altura de 6,10 metros de altura.

Eixo central da composição: O eixo central de composição do alçado, quando colocado a eixo da largura do alçado está situado sobre ombreiras.

Vãos: Cada piso tem quatro vãos. Em todos os pisos os dois vãos situados junto à pilastra esquerda têm 1,20 metros de largura, enquanto os dois vãos situados junto à pilastra direita têm 1,30 metros.

No piso de rés-do-chão os vãos encontram-se alinhados em conjuntos de dois, tendo os dois da esquerda 2,90 metros e os dois da direita 3,20 metros de altura. O soco que acompanha toda a largura do piso térreo tem a sua medida menor junto à pilastra esquerda com 0,90 metros de altura e a sua medida maior junto da pilastra direita com 1,40 metros. A continuidade dos socos que se sobrepõe às pilastras apresentam uma altura diferente, tendo 1,20 metros cada.

No primeiro piso os vãos de janelas têm uma altura de 1,80 metros e são encimados pela sacada do segundo piso.

Os vãos do segundo piso são de porta com sacada contínua de pilastra a pilastra lateral, tendo cada 2,50 metros de altura e o soco que acompanha a sua presença tem 0,60 metros de altura. A sacada contínua tem resguardo de 0,90 metros de altura.

O terceiro piso tem vãos de janelas com 1,60 metros de altura.

Neste alçado, os nembos situados entre as ombreiras dos vãos são praticamente inexistentes, no entanto perceptíveis. Sendo igualmente perceptível que os nembos entre ombreiras e pilastras laterais têm larguras distintas, tendo os situados à direita uma largura maior.

Cornija: Elemento de moldura composta encontra-se sobre a faixa de cobertura e ocupa a totalidade da largura do alçado.

Platibanda: Com 0,90 metros de altura acima da cornija é contínua e cerrada. Apresenta o término das pilastras nos seus extremos.

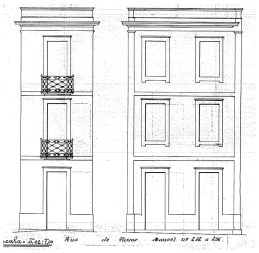
Obs.: A sacada do segundo piso transmite uma individualização e unificação dos pisos superiores a ela em detrimento dos pisos inferiores. A faixa existente abaixo do piso da sacada reforça a divisão da composição nos pisos inferiores.

Identificação alçado: S22

Fonte: A.H.C.M.P. - livro de plantas nº 129 p.257

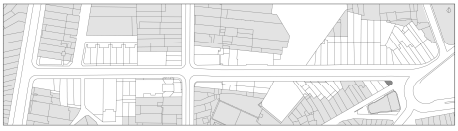
Requerente: José Correia dos Santos

Licença de construção: Aprovado em 1894/03/30.





Localização: Segunda fase de abertura da rua, lado sul



Dimensões do alçado: Apresenta uma altura máxima de 11,95 metros e mínima de 11,85 metros medidas desde a calçada até à platibanda. Sendo que, quando medido da calçada à cornija, apresenta uma altura máxima de 11,25 metros e mínima de 11,15 metros. O alçado apresenta 5,25 metros de largura entre pilastras. Estas pilastras que delimitam o alçado horizontalmente têm 0,35 metros de largura, nascem de socos salientes ao nível do rés-do-chão e terminam na platibanda com a presença de relevos de remate.

Pisos: Rés-do-chão mais dois pisos.

A altura de cada piso está assinalada no alçado pela presença de faixas com 0,20 metros de altura que se unem às pilastras nos seus extremos laterais, formando assim molduras que enquadram a presença dos vãos em cada piso. O rés-do-chão tem uma altura constante de 3,60 metros, uma vez que o alçado demonstra a presença de um embasamento. O primeiro e segundo pisos têm 3,20 metros de altura.

Eixo central da composição: Situado sobre elementos cerrados, nembos.

Vãos: Cada piso apresenta dois vãos e todos têm 1 metro de largura.

Os vãos do piso de rés-do-chão são de porta e têm 3 metros de altura. São acompanhados por um soco contínuo de pilastra a pilastra com 0,80 metros de altura em relação ao embasamento.

Os vãos do primeiro e segundo pisos são de janela e apresentam 1,90 metros de altura cada.

Todos os vãos têm padieira e dupla padieira rectas.

Os nembos situados entre as ombreiras têm uma largura de 1,30 metros e quando situados entre as ombreiras e as pilastras da direita têm uma largura de 0,60 metros e entre as ombreiras e a pilastra esquerda têm 0,35 metros de largura.

Cornija: A cornija é composta por várias molduras e percorre todo o alçado, estando o seu limite a eixo da pilastra direita e saliente em relação à pilastra esquerda.

Platibanda: Situada acima da cornija, tem 0,70 metros é contínua e cerrada.

Obs.: Edificação de gaveto apresenta um alçado orientado para a rua em estudo com composição regular e sem qualquer enfatização ou elemento individualizador. No entanto, destaca-se pela existência de apenas dois vãos por piso enquadrados numa moldura rectangular com origem na união entre faixas e pilastras.

Tabela comparativa dos elementos formais de composição dos alçados situados no lado Norte da Rua Passos Manuel

	ALTURA					LARGURA		PISOS						VÃOS						CORNIJA		PLATIBANDA
	da calçada à platibanda		da calçada à cornija		Águas-furtadas	Medida entre pilastras (m)	Medida das pilastras (m)	Nº	Altura Faixa (m)	Altura (m)			Nº por piso	Largura entre ombreiras (m)					Situada no limite das pilastras	Ultrapassa o limite das pilastras	Altura (m)
	máx. (m)	min. (m)	máx. (m)	min. (m)	Acima da platibanda (m)					r/ch máx./min	1º	2º	3º		R/ch	1º	2º	3º	A-F			
N1	19,80	17,60	18,70	16,50	1,70	23,20	0,40	4+1	0,20	5,50/3,80	4	3,60	3,60	5	1,30	1,30	1,30	1,30	1,10		X	1,20
N2	21,20	16,20	20	15	1,90	53,30	0,60	3+1		9,60/4,50				24	1,30 1,50	1,30	1,30	1,30	1		X	1,20
N5	14,30	13,50	13,40	12,60	1,70	20,40		3+1	0,15	4,30/3,80	4,10	3,80		10	1,30	1,30	1,30	1,30	1	X		0,80
N6	8,90	7,80	8	6,90		35,60		2		4,70/3,70		2,60		7	2,20 1,60	1,60					X	0,90
N7	10,70	8,20	10,20	7,70		42	0,80	2		4/3,40	3,60			15	2 2,60	2					X	0,50 1
N8	13,80	13,30	12,90	12,40	1,80	14,40	0,40	3+1	0,20	4,30/4	4	3,80		7	1,10	1,10	1,10		0,90	X		0,90
N9	13,30	13	12,30	12	1,70	5,80	0,40	3+1	0,20	4,10/4	3,40	3,80		3	1,30	1,30	1,30		0,90	X		1
N10	15,50	14,30	14,30	13,10	2	19,80	0,40	3+1	0,20	4,70/4	4	3,80		9	1,60 1,30	1,30	1,30		1	X		1,20
N11	15,30	14,80	14,30	13,80		6,50	0,40	3	0,20	5/4	3,80	3,50		3	1,20	1,20	1,20				X	1
N12	14,80	14,50	13,80	13,50	2,50	6,50	0,40	3+1	0,20	5	3,80	3,50		3	1,20	1,20	1,20		1		X	1
N13	14,50	13,80	13,50	12,80		12,90 6,25	0,40	3	0,20	4,80/4,10	3,60	3,60		6	1,20	1,20	1,20				X	1
N14	13,70	13,20	12,70	12,20	1,60	6,20	0,40	3+1	0,20	4,20/4	3,70	3,50		3	1,50 1,20	1,20	1,20		1	X		1
N15	14,20	13,40	13,30	12,50	1,80	14,10	0,40	3+1	0,20	4,50/3,80	3,80	3,60		7	1,20	1,20	1,20		1	X		0,90

Tabela comparativa dos elementos formais de composição dos alçados situados no lado Sul da Rua Passos Manuel

	ALTURA					LARGURA		PISOS						VÃOS						CORNIJA		PLATIBANDA
	da calçada à platibanda		da calçada à cornija		Águas-furtadas	Medida entre pilastras (m)	Medida das pilastras (m)	Nº	Altura Faixa (m)	Altura (m)			Nº por piso	Largura entre ombreiras (m)					Situada no limite das pilastras	Ultrapassa o limite das pilastras	Altura (m)
	máx. (m)	min. (m)	máx. (m)	min. (m)	Acima da platibanda (m)					r/ch máx./min	1º	2º	3º		R/ch	1º	2º	3º	A-F			
S2	10,80	9,60	9,60	8,40		25,90 6,25	0,40	2	0,20	4,60/3,70	3,70			12 3	1,30	1,30					X	1,20
S3	17,60	15,50	16,80	14,70		17,50	0,50	3	0,30	7/5	4,5	4		5	1,90 1,40	1,40	1,40				X	0,80 1
S4	13,30	11,90	12,10	10,70		13	0,40	2	0,20	5,60/4,80	4,80			5	2 1,50	1,50				X		1,20
S5	15,10	14,50	14,10	13,50	1,90	6,10	0,40	3+1		4,30/4				3	1,20	1,20	1,20		1	X		1
S6	15,50	14,40	14,50	13,40	1,90	12,70	0,40	3+1		4,90/4,20				6	1,20	1,20	1,20		1	X		1
S7	23,90	18,60	22,90	17,60	1,60	40	0,80	4+1	0,20	8,50/5				9	2,60 4	2,70 3,20	2,70 3,20	2,70 3,20	2,70 3,20	X		1
S8	16,80	15,80	16,30	15,30	2,80	23,50	0,45	4+1	0,30	4,10/3,50	3,30	3,50	3,70	5	3,60 1,10	3,60 2,10	3,60 2,10	3,60 1,10	1,10	X		0,50
S9	11,80	11	10,95	10,15		13,90	0,30	3	0,20	3,60/3	3	3		6	1	1	1				X	0,85
S10	12,20	11,30	11,40	10,50		17	0,35	3		4/3,40				7	1,30	1,10	1,10			X		0,80
S11	13,10	12	14,10	13		18	0,45	3		4,30/4	3,90	3,60			1,20	1,20	1,20			X		1
S15	14,50	14	13,50	13	2,30	6	0,35	3+1	0,20	4,30/4	3,90	3,70		3	1,30 1,10	1,10	1,10		0,90	X		1
S16	15,30	14,60	14,20	13,70	2,50	13,85	0,45	3+1	0,20	4,80/4,30	4	4		6	1,60 1,30	1,30	1,30		1,30		X	1,10
S17	10,60	9,30	9,60	8,30		14,50	0,35	2	0,20	4,70/3,80	3,80			6	1,20	1,20				X		1
S19	15,35	14,80	14,65	14,10		6,85	0,35	4	0,20	3,95/3,70	3	3	3	4	1,10	1,10	1,10	1,10		X		0,70
S20	15,15	14,60	14,25	13,70		7,20	0,30	4	0,20	3,85/3,60	3,10			4	1,30 1,20	1,30 1,20	1,30 1,20	1,30 1,20		X		0,90
S22	11,95	11,85	11,25	11,15		5,25	0,35	3	0,20	3,60	3,20	3,20		2	1	1	1			X		0,70